

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DOUTORADO EM GEOGRAFIA**

ROSALVO NOBRE CARNEIRO

**AS SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E INTERAÇÕES DOS CIRCUITOS DE FLUXOS
SÓCIOESPACIAIS DE REDES DE DORMIR DO NORDESTE BRASILEIRO**

**RECIFE-PE
2011**

ROSALVO NOBRE CARNEIRO

**AS SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E INTERAÇÕES DOS CIRCUITOS DE FLUXOS
SÓCIOESPACIAIS DE REDES DE DORMIR DO NORDESTE BRASILEIRO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, tendo como orientador o Prof. Dr. Alcindo José de Sá, em cumprimento às exigências para obtenção do Grau de Doutor em Geografia.

**RECIFE-PE
2011**

Catálogo na fonte
Bibliotecária, Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

C289s Carneiro, Rosalvo Nobre
As semelhanças, diferenças e interações dos circuitos de fluxos sócioespaciais de redes de dormir do nordeste brasileiro / Rosalvo Nobre Carneiro. – Recife: O autor, 2011.
100 folhas : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Alcindo José de Sá
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2011.
Inclui bibliografia

1. Geografia. 2. Redes de dormir. 3. Economia urbana – Nordeste.
I. (Orientador) Sá, Alcindo José de. II. Título.

910 CDD (22.ed.) (BCFCH2011-19)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS - DCG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ROSALVO NOBRE CARNEIRO

Título: “AS SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E INTERAÇÕES ENTRE OS
MUNDOS VIVIDOS E CIRCUITOS DE FLUXOS SOCIOESPACIAIS DE REDES
DE DORMIR DO NORDESTE BRASILEIRO”

BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Orientador: Alcindo José de Sá
Prof. Dr. Alcindo José de Sá (UFPE)

1º. Examinador: Keila Queiroz e Silva
Profª. Dra. Keila Queiroz e Silva (UFCEG)

2º. Examinador: Fernando Antônio de Carvalho Dantas
Prof. Dr. Fernando Antônio de Carvalho Dantas (UFMT)

3º. Examinador: Paulo Sérgio Cunha Farias
Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias (UFCEG)

4º. Examinador: Caio Augusto Amorim Maciel
Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (UFPE)

APROVADA em 12 de abril de 2011.

AGRADECIMENTOS

Aos atores e agentes sociais envolvidos com a indústria têxtil de redes de dormir do Nordeste brasileiro.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e ao Banco do Nordeste do Brasil pelo Convênio BNB/FASE/UERN 2011 “A produção do espaço Produção do espaço regional e indústria têxtil de Jardim de Piranhas-RN: uma análise comparativa com Jaguaruana-CE”, realizado entre 2008 e 2010.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte pela aprovação com apoio financeiro e bolsa para o Projeto PIBIC “Os mundos vividos de Jardim de Piranhas-RN e Tacaratu-PE e suas relações com os circuitos de fluxos sócioespaciais das indústrias têxteis de redes de dormir locais”.

Aos amigos e amigas.

RESUMO

AS SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E INTERAÇÕES DOS CIRCUITOS DE FLUXOS SÓCIOESPACIAIS DE REDES DE DORMIR DO NORDESTE BRASILEIRO

Na região Nordeste do Brasil se localiza os municípios maiores produtores de redes de dormir nacional, com destaque para Jaguaruana, no Ceará, Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte, São Bento, na Paraíba, e Tacaratu, em Pernambuco. Propõe-se analisar as semelhanças, diferenças e interações dos circuitos de fluxos sócioespaciais de suas indústrias têxteis de fabricação de redes de dormir. Para tanto se apoia na Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana de Milton Santos (1979) e na Teoria da Ação Comunicativa, de Jürgen Habermas (2003b, v. I, 2003c, v. II) e em Carneiro (2006). Os espaços das redes apresentam origens diferentes e semelhantes quanto à produção de seus espaços em relação direta com os variados circuitos de fluxos sócioespaciais de suas indústrias têxteis. Cada um dos circuitos de fluxos, sejam os inferiores ou os superiores, representados pelas empresas de diferentes portes, atuam em variados circuitos espaciais da produção ou a área de atuação de uma empresa. Assim, São Bento e Jaguaruana apresentam circuitos espaciais da produção internacional, isto é, suas empresas pertencentes ao circuito de fluxos superior secundário exportam redes de dormir e produtos substitutos para diversos países da América do Norte, Europa, África e Oceania. As empresas destes municípios mais Tacaratu e Jardim de Piranhas, por sua vez, atuam em circuitos espaciais da produção nacional, regional e local, cujos espaços que o formam variam quantitativamente e qualitativamente. As diferenças espaciais dos municípios produtores de redes de dormir revelam as dinâmicas econômicas particulares, que tem permitido as populações locais um maior padrão e qualidade de vida frente às populações de seu entorno, resultante da colonização do mundo sistêmico. Deste modo, percebem-se, além de um crescimento econômico local um relativo desenvolvimento sócioespacial para boa parte desta população envolvida na atividade de fabricação de redes de dormir, mantas, panos de pratos e produtos substitutos.

Palavras-chave: Redes de dormir. Nordeste. Circuitos de fluxos sócioespaciais

ABSTRACT

SIMILARITIES, DIFFERENCES AND INTERACTION IN SOCIO-SPATIAL FLOW CIRCUITS OF HAMMOCKS IN BRAZILIAN NORTHEAST

In the northeastern region of Brazil lie the largest producers cities of national hammocks, among them are mainly Jaguaruana – in Ceará State, Jardim de Piranhas – Rio Grande do Norte State, São Bento – Paraíba State, and Tacaratu in Pernambuco State. This research proposes to examine similarities, differences and interactions of socio-spatial flow circuits of textile manufacturing hammocks. To do this we relied on the theory of Two Circuits of the Urban Economy by Milton Santos (1979) and the Theory of Communicative Action by Jürgen Habermas (2003b, v. I, 2003c, v. II) and still on Carneiro (2006). The spaces of the hammocks have at the same time different and similar origins about the production of their spaces in direct relation to various socio-spatial flow circuits in textile industries. Each one of the flow circuits (be them inferior or superior) represented by the companies of different sizes, act in a variety of spatial circuits working in production or the area of just a company. Thus, São Bento and Jaguaruana present spatial production of international circuits, their companies belong to the secondary circuit of higher flows, they export hammocks and substitutes for several countries of North America, Europe, Africa and Oceania. Companies from these cities, more those from Tacaratu and Jardim de Piranhas, act on spatial circuits in local, regional and national production, the spaces that form them vary as quantitatively as qualitatively. Spatial differences of local producers of hammocks reveal particular dynamic economies, which have allowed them - the local population, a higher standard and quality of life if compared with populations of surroundings cities. It results from systemic colonization in the world. Thus, we realize, as well as local economic growth, on development socio-spatial for a good part of this population that are involved in manufacturing activity of hammocks, quilts, linen dishes and other products.

Keywords: Hammocks. Northeast. Flow socio-spatial circuits.

LISTA DE FOTOS

Foto 1: São Bento: fios de algodão tingidos secando ao sol	32
Foto 2: Jardim de Piranhas: centrífuga usada para secagem de tecido	32
Foto 3: São Bento: F4000 ou “fozinha” sendo carregada com redes de dormir	33
Foto 4: São Bento: “mecedinha” pertencente à redeiro	33
Foto 5: Tacaratu: agricultor produzindo cordões em máquina de torcer fios, durante período chuvoso	40
Foto 6: Tacaratu: adolescente fazendo varandas em rede de dormir	44
Foto 7: São Bento: rede de dormir bordada à mão	45
Foto 8: São Bento: redes de dormir estampadas secando ao ar livre	45
Foto 9: Tacaratu: mulher passando a mamucaba em tear de pau	45
Foto 10: São Bento: adolescente passando a mamucaba em tear de pau	46
Foto 11: São Bento: empunhamento ou colocação dos cordões que formam o punho da rede de dormir	46
Foto 12: São Bento: adolescente fazendo caré ou argola do punho da rede de dormir	46
Foto 13: Tacaratu: reprodução social do mundo vivido da indústria têxtil	48
Foto 14: Tacaratu: criança enchendo espulas em espuladeira elétrica	50
Foto 15: São Bento: loja da fábrica da Redes Santa Luzia	52
Foto 16: Tacaratu: fabricação de tapete em tear elétrico	53
Foto 17: São Bento: aspecto da “feira da pedra”	54
Foto 18: “Feira da pedra” de São Bento: destaque para as toalhas “importadas” do Chile	54
Foto 19: “Feira da pedra” de São Bento: produtos artesanais comercializados por feirante de Brejo do Cruz	55
Foto 20: “Feira da pedra” de São Bento: chapéus sendo comercializados por feirante de Caicó	55
Foto 21: “Feira da pedra” de São Bento: conjuntos para cozinha comercializados por feirante de Jardim de Piranhas	55
Foto 22: “Feira da pedra” de São Bento: conjuntos para cama comercializados por feirante Jardim de Piranhas	56
Foto 23: “Feira da pedra” de São Bento: panos de prato comercializados por feirante de Jardim de Piranhas	56
Foto 24: Tacaratu: “Enrocadeira” ou máquina utilizada para preparar os fios para urdição.	58
Foto 25: São Bento: Conicaleira industrial à esquerda e à frente Conicaleira inventada localmente para ampliar a produtividade	58
Foto 26: Jardim de Piranhas: sala para cursos e treinamentos da ASITEX	59
Foto 27: Jardim de Piranhas: Sede da ASITEX no centro da cidade	60
Foto 28: Jardim de Piranhas: uso de produtos químicos em estação de tratamento de efluentes da Monkey Têxtil SA, localizada a 100 metros do Rio Piranhas	65

Foto 29: Jardim de Piranhas: estação de tratamento de efluentes da Monkey Têxtil S.A.	65
Foto 30: Jardim de Piranhas: estação de tratamento de efluentes da Monkey Têxtil S.A.	66
Foto 31: Jardim de Piranhas: área de secagem da estação de tratamento de efluentes da Monkey Têxtil S.A, com destaque para os resíduos	66
Foto 32: Tacaratu: Cooperativa dos Artesãos Têxtil de Tacaratu, localizada no distrito de Caraibeiras	67
Foto 33: Tacaratu: concentração de pequenas fábricas de redes de dormir no Distrito de Caraibeiras	72
Foto 34: Jardim de Piranhas: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil	75
Foto 35: Tacaratu: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil	76
Foto 36: São Bento: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil	76
Foto 37: São Bento: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil	76
Foto 38: São Bento: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil	77
Foto 39: Jardim de Piranhas: fios de algodão comercializados em depósito local	90
Foto 40: Tacaratu: depósito de fios e tecidos de algodão localizado no Distrito de Caraibeiras	91
Foto 41: Jardim de Piranhas: produtos químicos vendidos pela filial da Cloro Têxtil, com sede em São Bento	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Fábricas de redes de dormir na Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte na década de 1970 por municípios.	28
Gráfico 2: São Bento, Jardim de Piranhas e Tacaratu: início das atividades dos feirantes de redes de dormir, panos de prato.	36
Gráfico 3: Jardim de Piranhas: início das atividades dos feirantes de panos de prato, mantas e produtos substitutos locais, na feira da pedra de São Bento.	36
Gráfico 4: São Bento: início das atividades dos feirantes de redes de dormir, mantas e produtos substitutos locais, na feira da pedra.	36
Gráfico 5: São Bento: início das atividades dos feirantes de redes de dormir, mantas e produtos substitutos locais, na feira da pedra.	37
Gráfico 6: Tipos de feirante de redes de dormir e produtos substitutos, por município de origem.	38
Gráfico 7: Feira da pedra: evolução dos tipos de feirantes de redes de dormir e produtos substitutos.	38
Gráfico 8: São Bento: local de residência anterior dos trabalhadores da indústria têxtil.	40
Gráfico 9: São Bento (1939-1978): Unidades produtivas cadastradas por classe de ano e início da produção.	43
Gráfico 10: São Bento (1929-1978): Unidades produtivas não cadastradas por classe de ano e início da produção.	43
Gráfico 11: Distribuição dos feirantes de redes de dormir, panos de prato, mantas e produtos substitutos, por gênero e municípios de origem.	44
Gráfico 12: São Bento: informalidade de sua indústria têxtil.	51
Gráfico 13: Brasil (1997-2003): Evolução dos pequenos empreendimentos na área urbana.	51
Gráfico 14: Feirantes da “feira da pedra”, em São Bento.	61
Gráfico 15: Jardim de Piranhas: ano de criação das tecelagens por intervalo de ano.	62
Gráfico 16: Tacaratu: ano de criação das tecelagens por intervalo de ano.	63
Gráfico 17: Espaço das redes: Produto Interno Bruto (PIB) no período de 2002 a 2005.	68
Gráfico 18: Espaços das redes: Produto Interno Bruto (PIB) no período de 1999 a 2002.	68
Gráfico 19: Jardim de Piranhas: local de residência atual dos trabalhadores da indústria têxtil local.	74
Gráfico 20: Jardim de Piranhas: local residência anterior dos trabalhadores da indústria têxtil local.	75
Gráfico 21: Municípios fornecedores de matérias-primas, incluindo tecido e fio de algodão, para os feirantes de redes de dormir, panos de prato, mantas e produtos substitutos de São Bento, Jardim de Piranhas e Tacaratu.	79
Gráfico 22: Feira de redes: importância socioeconômica.	79

Gráfico 23: Jaguaruana-CE: exportações de redes de dormir no periodo de 2004 a 2010.	87
Gráfico 24: São Bento: exportações de redes de dormir no periodo de 2004 a 2010.	88
Gráfico 25: Fortaleza-CE: exportações de redes de dormir no periodo de 2004 a 2010.	89
Gráfico 26: São Bento, Jaguaruana-CE e Fortaleza-CE: participação das exportacoes de redes de domrir nas exportacoes totais municipais no periodo de 2004 a 2010.	89
Gráfico 27: Jaguaruana-CE: participações das exportacoes de frutas nas exportacoes totais no periodo de 2004 a 2008.	89
Gráfico 28: Jaguaruana, Fortaleza e São Bento: exportadores de redes de dormir em US\$.	95

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Espaço das redes: localização relativa de Tacaratu, São Bento, Jardim de Piranhas e Jaguaruana.	13
Mapa 2: São Bento: espaços formadores do circuito espacial da produção regional da indústria têxtil local.	34
Mapa 3: Jardim de Piranhas: espaços de emigração de mão-de-obra para a indústria têxtil local.	42
Mapa 4: Circuito espacial da produção regional da indústria têxtil de Tacaratu: espaços fornecedores de serviços à produção e serviços pessoais.	73
Mapa 5: Circuito espacial da produção regional de Jardim de Piranhas: espaços consumidores de máquinas, peças e acessórios para tecelagens.	78
Mapa 6: Circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Jardim de Piranhas: áreas de comercialização das empresas dos circuitos de fluxos locais.	82
Mapa 7: Circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de São Bento: áreas de comercialização das empresas dos circuitos de fluxos sociais locais.	83
Mapa 8: Circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Jaguaruana: áreas de comercialização do circuito de fluxos superior secundário local.	85
Mapa 9: Circuito espacial da produção internacional da indústria têxtil de Jaguaruana: países importadores.	86
Mapa 10: Circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Jardim de Piranhas e Tacaratu: espaços fornecedores de matérias-primas, incluindo fios e tecidos de algodão brim para a indústria têxtil local.	90
Mapa 11: Circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Jardim de Piranhas e Tacaratu: espaços fornecedores de matérias-primas, incluindo fios e tecidos de algodão brim para a indústria têxtil local.	91
Mapa 12: Circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Tacaratu: principais mercados consumidores nacionais	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA	17
1.1 Questões contemporâneas para se entender os dois circuitos da economia urbana	17
1.2 A teoria dos dois circuitos da economia urbana, hoje	19
2 A PRODUÇÃO DOS MUNDOS VIVIDOS E DOS MUNDOS SISTÊMICOS DOS ESPAÇOS DAS REDES DE DORMIR.	28
2.1 As ocupações do meio natural e as produções dos mundos objetivos e do sistema dos espaços das redes de dormir	30
2.2 Os mundos objetivos e sistêmicos e a produção dos mundos subjetivo e social dos espaços das redes de dormir	38
3 AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DOS MUNDOS VIVIDOS E DOS CIRCUITOS DE FLUXOS SÓCIOESPACIAIS DAS REDES DE DORMIR DO NORDESTE BRASILEIRO.	50
3.1 A estrutura subjetiva, social e objetiva dos mundos vividos dos espaços das redes de dormir.	53
3.2 Os circuitos de fluxos sócioespaciais dos espaços das redes de dormir e seus mundos sistêmicos do mercado.	60
3.3 O poder político como intermédio entre os mundos vividos e os circuitos de fluxos sócioespaciais das redes de dormir dos espaços das redes de dormir.	64
4 AS INTERAÇÕES DOS CIRCUITOS DE FLUXOS SÓCIOESPACIAIS DE REDES DE DORMIR DO NORDESTE BRASILEIRO	71
4.1 Os circuitos de fluxos sócioespaciais de interações local e regional.	71
4.2 Os circuitos de fluxos sócioespaciais de interações nacional e internacional	80
CONCLUSÕES	98
REFERÊNCIAS	100

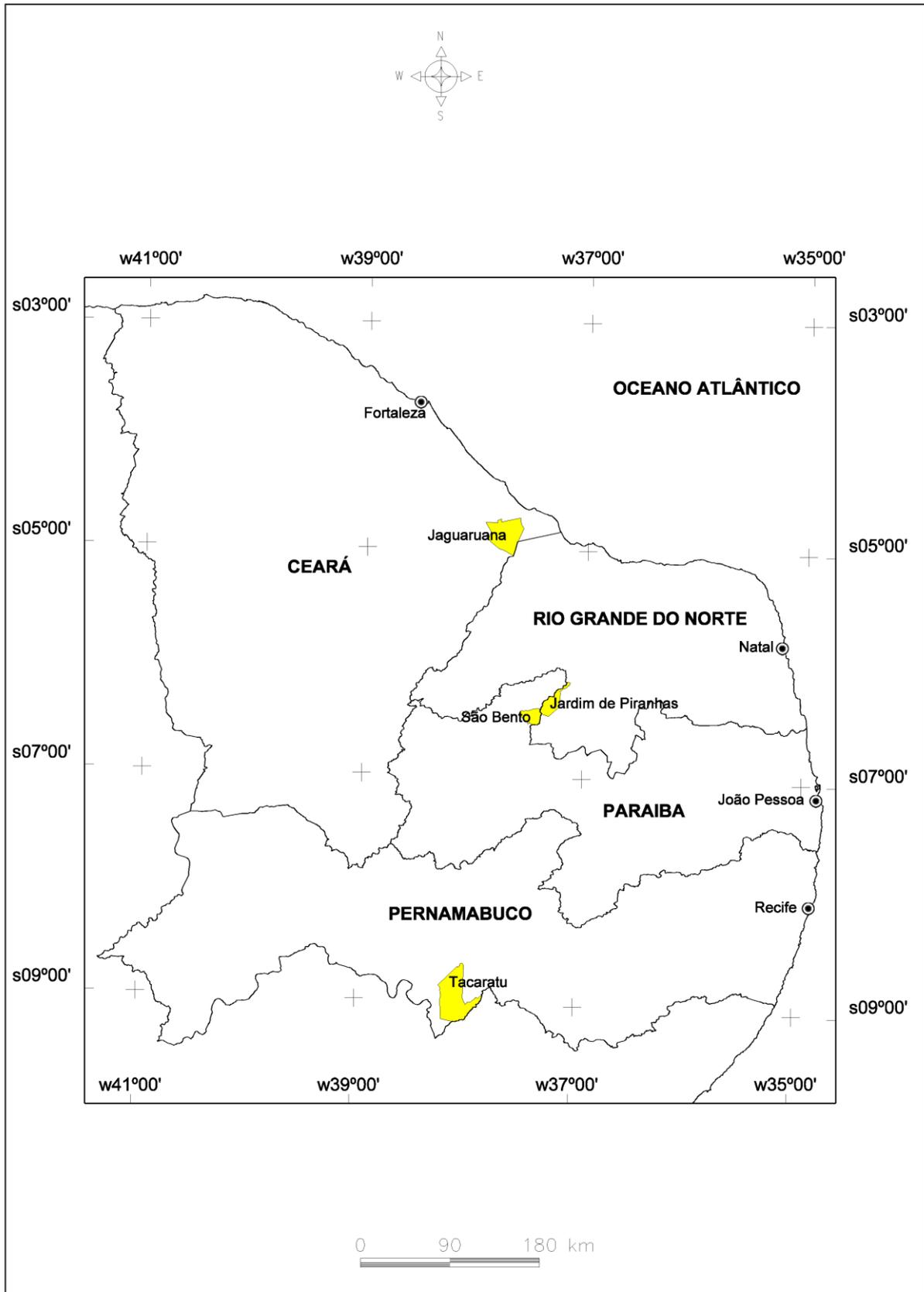
INTRODUÇÃO

Se busca explicar as diferenças e semelhanças da produção e reprodução sócioespacial de São Bento, Paraíba, Jardim de Piranhas, Rio Grande do Norte, Tacaratu, Pernambuco, e Jaguaruana, Ceará (**Mapa 1**), que são os espaços mais dinâmicos produtores de redes de dormir, mantas, panos de pratos e outros “produtos substitutos” (PORTER, 1986) da região Nordeste do Brasil a partir das interações dos seus circuitos de fluxos sócioespaciais, incluindo os inferiores e os superiores.

As diferenças entre os espaços das redes de dormir aqui analisados se expressam nos seus circuitos de fluxos sociais – atividades produtivas e humanas – e nos seus circuitos espaciais da produção, assim, juntos eles nos dariam a diferença dos lugares assim como o entende Massey (2008, p. 191, grifo do autor), isto é, “Lugares não como pontos ou áreas em mapas, mas como integrações de espaço e tempo, como *eventualidades espaço-temporais*”, isto porque tanto os circuitos de fluxos quanto os circuitos espaciais da produção são abertos, fluidos, mudam com o tempo.

Carneiro (2006) ao propor o estudo conjunto dos *circuitos de fluxos*, incluindo os inferiores e superiores, aos *circuitos espaciais da produção*, incluindo o local, regional, nacional e internacional e, acrescenta-se, o mundial, levanta com ele o problema da escala, isto é, “[...] a inseparabilidade entre tamanho e fenômeno, o que a define como problema dimensional, como a complexidade dos fenômenos e a impossibilidade de apreendê-los diretamente, o que a coloca como um problema também fenomenal” (CASTRO, 2000, p. 118). Por outro lado, esta perspectiva permite tratar o circuito como um subsistema espacial, já que os mesmos interligam campo e cidade, ou seja, o espaço em sua totalidade, diferentemente de Santos (1978, p. 35, grifo nosso) para quem “Cada circuito é um sistema, ou mais precisamente, um *subsistema urbano*”.

O uso do conceito *circuito espacial da produção*, isto é, o espaço de ação de uma determinada atividade humana nos leva a admitir a proeminência do território para o processo de produção em suas diferentes dimensões, assim, consonante Monié e Silva (2003, p. 9) “O deslocamento gradual do *locus* privilegiado da produção do grande chão fabril para o território ganha relevância na medida em que este último exerce papel integrador dos diferentes aspectos da produção”, incluindo a produção propriamente dita, a distribuição, a circulação e o consumo (SANTOS, 1985).



Mapa 1: espaço das redes: localização relativa de Tacaratu, São Bento, Jardim de Piranhas e Jaguaruana.

Na medida em que os circuitos espaciais da produção são locais, regionais, nacionais, internacionais e mundiais e que as ações dos circuitos de fluxos sociais, incluindo os superiores e inferiores se realizam diferentemente naqueles pode-se admitir que à medida que uma atividade produtiva, uma indústria do circuito inferior informal, por exemplo, passa a atuar no circuito espacial da produção regional, indo além do seu circuito espacial da produção local, tem-se com isso um deslocamento ou mudança do “horizonte da situação” (HABERMAS, 1990).

A presença da natureza ou do sistema das coisas naturais já é um primeiro momento de diferenciação espacial e a “Natureza não significa aqui senão o que rodeia ao homem, a circunstância” (ORTEGA Y GASSET, 1963, p. 10). Esta *diferenciação objetiva* do mundo se realiza, em um primeiro momento lentamente, com a sobreposição ao natural do sistema dos objetos e, em um segundo, de forma acelerada. Assim, como lembra Santos (1996, p. 64, grifo do autor) “Haverá sempre, e em todos os graus, *diferenciações* a apreender e analisar”.

À objetividade da diferenciação do mundo acresce-se a *diferenciação subjetiva* deste, isto é, ela é seguida pela diferenciação dada pela presença humana, pois como lembra Bourdieu (1996, p. 23) “[...] existir em um espaço, ser um ponto, um indivíduo em um espaço, é diferir, ser diferente”. Para Holzer (2000, p. 111) o espaço objetivo se dá aos sentidos ao passo que o espaço subjetivo é produzido a partir das experiências imediatas e prévias. Bachelard (2000, p. 24) nos fala das diferenciações subjetivas do espaço ao tratar das relações entre nuança e lugar, assim, “A nuança não é uma coloração superficial suplementar. Portanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’”.

A invenção da sociedade realizada lentamente pelos homens em comunhão com os outros homens, construindo uma *diferenciação social*, a partir também de suas relações com as coisas, com os objetos naturais e técnicos e entre si sela o tripé da *diferenciação espacial*, uma vez que o desenvolvimento espaço-temporal das sociedades foi e é marcado por estas três diferenciações. Temos assim para um espaço uno e múltiplo, diferenciado objetiva, social e subjetivamente, um espaço objetivo, um espaço social e um espaço subjetivo formando uma totalidade espaço-temporal em totalização.

Para Hartshorne (1978, p. 17) “A finalidade do exame atento das áreas que seja um tanto semelhante não é demonstrar que elas diferem, o que sabemos deve ocorrer, sem necessidade de qualquer exame, mas determinar qual o maior ou menor vulto das diferenças específicas que existem entre elas”. Defende-se aqui que a produção e reprodução sócioespacial dos/nos diversos espaços produtores de redes de dormir e produtos substitutos da região Nordeste do Brasil são tanto semelhantes como diferentes em função das interações propiciadas pelos variados circuitos de fluxos socioespaciais

presentes em seu interior.

Durante o período de 2008 a 2009 foram realizadas entrevistas com os atores e agentes sociais dos municípios produtores de redes de dormir, incluindo aqui os fabricantes de redes de dormir, de panos de pratos e outras mercadorias. Neste caso, procurou-se entrevistar o maior número possível de empresários, tanto as unidades de produção familiar, as indústrias domésticas, os pequenos, médios e grandes empresários locais.

Nas fábricas, optou-se também por entrevistar todos os operários da mesma, assim como todos os comerciantes de fios e tecidos de algodão, os comerciantes de máquinas, peças e acessórios e os comerciantes de tintas. Nas feiras de redes de dormir, por sua vez, entrevistou-se o maior número possível em São Bento e a totalidade em Tacaratu.

As informações foram tabuladas e transformadas em gráficos no excel, em seguida analisadas e cruzadas as informações. Preferiu-se analisando-se as respostas, não transcrever as falas dos entrevistados, mas captar o padrão das respostas e interpreta-las, enfatizando a existência ou não de elementos do mundo vivido e do mundo sistêmico.

A partir da análise do conjunto geral das respostas, e também com base em trabalhos já publicados sobre redes de dormir nos espaços aqui analisados, elaborou-se mapas no spring. 5.0 para mostrar os circuitos espaciais da produção ou a área de atuação de cada circuitos de fluxos, seja dos inferiores ou dos superiores. Embora, no caso de São Bento e Jardim de Piranhas haja uma única região produtora, mostramos também separadamente os circuitos de fluxos sócioespaciais deste último, tendo em vista que a sua especialização na produção de panos de prato se diferencia da de São Bento, centrada em redes de dormir e mantas.

Assim, inicialmente se expõe os fundamentos teóricos da tese, incluindo a Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos proposta por Milton Santos e, de modo concomitante, uma proposta de atualização da mesma ligada à Teoria da Ação Comunicativa de Jurgen Habermas. Neste sentido nos baseamos em Carneiro (2006), o qual articulou ambas as teorias a partir da consideração dos elementos do mundo vivido e do mundo do sistema, expresso nos circuitos de fluxos sócioespaciais inferiores e superiores.

Em seguida analisa-se o processo de produção do que aqui se chama *espaço das redes de dormir*, isto é, o conjunto dos municípios fabricantes de redes de dormir, mantas, panos de prato e produtos substitutos localizados no Ceará, Jaguaruana, no Rio Grande do Norte, Jardim de Piranhas, Paraíba, São Bento e Pernambuco, Tacaratu, tomando por base a origem e evolução de seus mundos vividos, incluindo o objetivo, o social e o subjetivo, e de seus mundos sistêmicos, formado pelos circuitos de fluxos socioespaciais/Mercado e o Estado/Poder.

As semelhanças e diferenças dos mundos vividos e dos circuitos de fluxos

socioespaciais deste espaço das redes são mostradas em seguida, ocasião em que se enfatizam as *variações* de seus mundos subjetivo, social e objetivo, e as formas de articulação dos *circuitos de fluxos sociais* – inferiores informais, inferiores formais e superiores secundários – com o mercado bem como o papel do poder político frente às indústrias têxteis locais.

No capítulo seguinte abordam-se as interações sociais no interior dos *circuitos espaciais da produção* dos espaços das redes, analisando como elas se dão escalarmente, conforme as atividades humanas passam do circuito espacial da produção local para o regional, nacional, internacional e mundial. Nesta passagem vislumbra-se a colonização do mundo vivido pelo mundo do sistema, no dizer de Habermas (2003c. v. II).

Por fim conclui-se que as diferenciações e semelhanças dos espaços das redes de dormir da região Nordeste brasileira se deve às interações que os variados circuitos de fluxos socioespaciais estabelecem em cada lugar. Por outro lado, nota-se para cada um dos municípios têxteis uma economia dinâmica que tem garantido em sua região melhores condições de vida para a sua população, estando mais próximos de um “desenvolvimento territorializado” que de um “desenvolvimento territorial”, isto é, aquele em que no primeiro caso o espaço aparece como passivo, uma base geográfica que recebe as ações públicas e, no segundo caso, a atividade do espaço se apresenta como lugar de definição destas políticas (DE ROO, 2003)

1 OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA E A TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA

Há nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento ou periféricos ou emergentes hoje, e no Brasil em particular, apenas dois circuitos da economia? Mesmo internamente a cada circuito, eles formam um todo homogêneo ou há diferenciações significativa? Uma indústria tradicional como a têxtil de fabricação de redes de dormir da região Nordeste do Brasil, cujo artesanato se mistura com o manufaturado e o mecanizado em sinergias variáveis, define-se prontamente como circuito inferior ou poder-se-ia afirmar, a partir de suas particularidades atuais, que faz parte do circuito superior? O que é ser uma atividade inferior ou superior, contemporaneamente?

1.1 Questões contemporâneas para se entender os dois circuitos da economia urbana

Flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo, controle do trabalho pelos empregadores, solapamento do trabalho organizado, níveis altos de desemprego estrutural, retrocesso do poder sindical, entre outros, são alguns dos elementos, de acordo com Harvey (2003, p. 140-141), em que se apóia a acumulação flexível. No fundo deste processo de flexibilização está o enfraquecimento do ser humano e o fortalecimento da técnica, tornada fundamento universal da exploração da vida de todos aqueles que não a domina. Entretanto esta exploração tem que ser entendida em outro sentido, pois como adverte Magalhães (2004, p. 39-40), “o conceito de exploração [...] tem sido mal entendido, e não raro é atribuído ao esforço físico e ao desgaste a que o trabalhador se submete no processo produtivo”.

A acumulação flexível é garantida pela permanência histórica e pela intensificação do trabalho informal e mal pago coexistente com o trabalho formal e esta situação tem como causa, segundo Lazzarato e Negri (2001, p. 11) a falta de um verdadeiro sistema de *Welfare State* e variados dispositivos de apoio social. O setor formal, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) (apud BRASIL, 2003) é constituído pelas “unidades econômicas não-agrícolas” cuja produção de bens e serviços tem por objetivo gerar emprego e renda para as pessoas nelas envolvidas ao passo que o setor informal é formado pela produção em pequena escala, baixo nível de organização e pela quase inexistência de separação entre o capitalista e o trabalhador. A formalidade e a informalidade, porém, considera-se aqui o conjunto dos elementos do mundo vivido e do mundo sistêmico expresso para os circuitos de fluxos socioespaciais.

Assim, esta temática dos circuitos econômicos ganha novos contornos e, desse fato

resulta a necessidade de uma reconstrução baseada no contexto social, econômico, político e cultural que vive o mundo hodiernamente. O mundo se tornou flexível e afetou a vida de todos, inclusive a essência humana, por isso é importante analisá-lo nesta dimensão, que deu à mais-valia absoluta uma nova importância para a produção do espaço frente à produção baseada na mais-valia relativa, para a partir daí desvendar os limites desse processo para o desenvolvimento humano.

O retorno atual de formas produtivas típicas do circuito inferior é correlato da atualidade da pobreza. O circuito inferior retorna também porque entrou em cena e se fortaleceu, desde então, os processos de aquisição de mais-valia absoluta – ou será o contrário? – em detrimento dos processos de mais-valia relativa, pelo menos enquanto este fato for viável para aqueles que dele se beneficiam diretamente. A afirmação da mais-valia absoluta na era da mais-valia relativa significa a volta de formas de exploração do trabalho que as inovações técnicas e a ciência prometiam apagar, mediante a utilização da robótica e da informática no processo produtivo, da liberalização da mão-de-obra por máquinas inteligentes e da força libertadora do conhecimento científico.

Mas o componente absoluto da mais-valia não está totalmente ausente das estratégias acumulativas das atividades do circuito superior, pelo contrário, parte significativa da massa global de lucros que conseguem advém das relações que mantém com as atividades do circuito inferior da economia, especialmente quando se trata das atividades financeiras. Os bancos, outro elemento do circuito superior, através das redes de agências instaladas em determinado território, notadamente naqueles cuja rentabilidade é garantida, atuam como pontos de carregamento dos investimentos, depósitos e juros das atividades do circuito inferior para a matriz de suas empresas, localizada geralmente em lugares externos, quando não no exterior.

Assim, podemos ver que a dialética entre mais-valia absoluta e mais-valia relativa enquanto projetos de ação advindos da modernidade continuam presentes no período pós-moderno do capitalismo, seja como fundamento do circuito superior seja como recurso do circuito inferior. Esta dialética se torna cada vez mais intensa e presente nas atividades do circuito inferior, notadamente quando boa parte delas se engaja em novos projetos de ação, valorizando neles os elementos internos, a cultura local e o agir comunicativo.

A relação entre mecanização e artesanato guarda uma lógica aparentemente contraditória de eliminação e ressurgimento do segundo pelo primeiro, mas que na essência faz parte da consolidação da ordem hegemônica do capitalismo global em sua condição pós-moderna. No Brasil assistimos a uma valorização das produções tradicionais – como as de redes de dormir – mas que em alguns casos já não são mais artesanais, posto que se modernizaram.

O artesanato, a manufatura, a produção familiar, isto é, aquelas cuja família se

dedica a todo o processo de produção, a produção doméstica ou aquela cuja família contrata temporariamente ou não um ou mais funcionários para realizar determinada etapa produtiva, a microempresa e a empresa de pequeno porte, cuja receita bruta é igual ou inferior a R\$ 240 mil e superior a R\$ 240 mil e igual ou inferior a R\$ 2,4 milhões, respectivamente (SEBRAE, 2007, p. 7) todos estes agentes econômicos da produção do espaço típicos da modernidade, cada qual organizado em função de sua coerência interna, com seu sistema de objetos e ações particulares, sua razão e teleologia singular, apresentavam, e ainda apresentam, planos de ação diferenciados e não solidários entre si, na qual a subjetividade do falar e do agir é a norma de sua estruturação e evolução.

Há uma revivificação destes agentes e os transformam, muitas vezes, em atores espaciais ao lhes incluírem em um arranjo produtivo local, entendido como uma aglomeração geográfica de pequenas e médias empresas, similares e/ou complementares, que enfatizam os relacionamentos formais e informais entre os participantes do mesmo – empresas e instituições – e compartilham uma cultura comum, através da qual *interagem* com o ambiente social e cultural no qual se encontram (SOUSA; TANNURI-PIANTO, 2004).

1.2 A teoria dos dois circuitos da economia urbana, hoje

Milton Santos (1979) começou a propor o tema dos dois circuitos da economia urbana como método para o estudo das cidades dos então chamados países do Terceiro Mundo já na segunda metade da década de 1960¹, quando então admitia a existência de um *circuito moderno* ao lado de um *circuito tradicional* nas mesmas. Mas logo abandonou esta terminologia, por serem as palavras modernas e tradicionais, segundo ele, uma fonte de ambiguidades e carregadas de significados, estando longe de uma conclusão conceitual, passando a adotar os termos circuito superior e circuito inferior.

O circuito da economia urbana se define por um conjunto de atividades que se realizam em certo contexto e por um setor da população que a ele se liga pela atividade e pelo consumo (SANTOS, 1979), portanto, duas condições são exigidas para defini-los, quais sejam: as que se relacionam diretamente com a produção, distribuição e circulação de produtos, tais como o tipo de tecnologia, organização, capital, mão-de-obra, marketing, apoio governamental, financiamento e as que dizem respeito ao grupo de população que a eles se ligam por meio do consumo (SANTOS, 1978, 1979, 1982a, 2003).

Não há rigidez, já que a população que se liga diretamente a um circuito pode consumir no outro (SANTOS, 1978). Todavia, se é verdade que a população que consome frequentemente no circuito superior tem acesso com facilidade às mercadorias e serviços

¹ Conforme trabalho citado na referência bibliográfica de Santos (1979), com título em francês: SANTOS, Milton. *Croissance démographique et consommation alimentaire dans les pays sous-développés*. Centre de Documentation Universitaire: Paris, 1966.

produzidos no circuito inferior, o mesmo não ocorre à população que se liga ao circuito inferior em relação a produtos e serviços prestados neste circuito. Entende-se serviços, com Kon (2004, p. 25), como “[...] atividades econômicas que produzem utilidades relativas a tempo, lugar, forma e benefícios psicológicos”.

Há uma nova diferença, no entanto, a ser destacada nesta relação entre a população, consumo e circuitos econômicos, especialmente no que tange ao consumo interno ao circuito inferior, qual seja, a dificuldade que a própria parcela da população relacionada pelo consumo a este circuito encontra em consumir certos bens fabricados pelas atividades produtivas do mesmo. Veja-se a fabricação de certos tipos de redes de dormir em São Bento, na Paraíba, vendidos localmente ou produzidas para consumo externo, destinadas a turistas ou hotéis de luxo (CARNEIRO, 2006).

As micro, pequenas e médias empresas (MPMES) – formadoras do circuito inferior na teoria miltoniana – sempre tiveram um papel de coadjuvantes no desenvolvimento econômico e social do Brasil, porém as políticas de apoio às Micro, Pequenas e Médias Empresas baseadas na configuração de Arranjos Produtivos Locais (APLs) têm contribuído para alterar esta visão, ao lhes permitir maior poder de barganha, redução de custos e vendas com grandes encomendas (PUGA, 2003, p. 25).

Essa configuração renovada do circuito inferior, na forma de Arranjos Produtivos Locais, Sistemas Produtivos Locais (SPLs), Incubadoras de Empresas, vivenciada em vários lugares do mundo e do Brasil, nos leva a admitir a necessidade da *reconstrução, isto é, do desmonte e recomposição de modo novo* (HABERMAS, 1990b, p. 11) da teoria dos dois circuitos da economia urbana a fim de que ela possa atingir os objetivos a que se fixou. Os espaços de produção trazem no processo de sua conformação a negação de vários elementos e características traçados por Milton Santos para diferenciar o circuito inferior do circuito superior e vice-versa.

Santos (1978) afirma que dentro de cada circuito as variáveis que o forma – tecnologia, organização, importância da atividade, relações de trabalho, número de empregados – se apresentam como um sistema, com uma lógica interna, ao passo que há uma contradição quando são comparadas com as do outro circuito. Dependendo do que entendemos por circuito superior e por circuito inferior, poderemos ficar em condições de perceber, ao compará-los entre si, que dentro de cada um poderá haver não somente semelhanças, mas diferenças substanciais quanto às suas categorias constituintes e que vão permitir uma identificação segundo a lógica estrutural e funcional que elas autorizam ou desautorizam espacialmente

Desse ponto de vista, o circuito superior não pode ser entendido como um todo homogêneo, tampouco o circuito inferior. Eles não formam, portanto, dois blocos maciços e indiferentes internamente quanto aos seus elementos constitutivos do *mundo do sistema* –

razão instrumental, ação cognitivo-instrumental, técnica, ciência e informação, organização, distribuição e consumo produtivo – e do *mundo da vida* – razão comunicativa, agir comunicativo, cultura – nem quanto à população que a eles se liga direta ou indiretamente.

O fato de admitir a existência de dois circuitos produtivos não significa, segundo Santos (1978, p. 39), que exista um circuito intermediário, o qual seria criado pela classe média, pois na verdade esta utiliza tanto o circuito superior quanto o inferior. Esta questão é levantada pelo autor para ressaltar a incompletude das cidades do *terceiro mundo*² quanto à presença, nelas, da totalidade das atividades que compõem os dois circuitos da economia urbana e são as condições do crescimento urbano de cada uma que autoriza, em alguns casos, a presença conjunta de todos os elementos e em outros um número reduzido (SANTOS, 1979, p. 33; 1982a, 134-135).

Os circuitos não são isolados, mas complementares e neste ponto é preciso ver que o comportamento e a evolução de cada um se acha ligado à variáveis internas, cuja mudança em cada uma força alterações no conjunto e a variáveis externas, que atuam no mesmo sentido, como, por exemplo, o Estado, um componente estrutural do mundo sistêmico. São estas complementaridades que organizam o espaço, mas cada circuito em função do seu peso diferencial organiza diferentemente, quantitativa e qualitativamente, o espaço sobre o qual e no qual produz e reproduz. Este espaço chamar-se-á aqui de circuitos espaciais da produção, os quais possuem uma dimensão local, regional, nacional e internacional (CARNEIRO, 2006) as quais acrescenta-se uma mundial.

A localização nas cidades das atividades de um ou de outro circuito é diferente segundo suas regras particulares, mas à medida que se avança dos níveis inferiores para os superiores da rede urbana aumenta as possibilidades de outras localizações das atividades do circuito superior, tais como indústria moderna, o comércio moderno, grandes lojas modernas, comércio de exportação e importação (SANTOS, 1979). Conseqüentemente à medida que diminui o nível da cidade na rede urbana aumenta o grau de localização das atividades do circuito superior marginal e do circuito inferior. Neste último caso, Santos (1979) admite que este esquema pode ser distorcido se uma empresa de exportação se instala em uma pequena cidade, no entanto, ela não gera efeito em cadeia sobre as outras atividades mantendo-se limitada a si própria.

Os serviços também são um caso a parte, posto que sua importância aumenta com o aumento de relevância da cidade, uma vez que a grande maioria da população não tem acesso aos serviços modernos, daí o circuito inferior, a partir de certas dimensões, se dividir, de acordo com a sua localização na cidade, em um *circuito inferior central* e um *circuito inferior residencial*. Conforme assinala Santos (1979), o circuito inferior central está

² Quando Milton Santos escreveu sua teoria dos dois circuitos da economia urbana ainda vigora a regionalização do mundo em três grandes blocos de países: o primeiro, o segundo e o terceiro mundo.

ligado à população das áreas centrais da cidade, com maior intensidade e frequência, e se relaciona com as atividades do circuito superior, das quais pode ter boa parte de consumidores de seus serviços, enquanto o circuito inferior residencial se liga à população em sua totalidade, sendo uma resposta ao baixo poder aquisitivo da mesma. Carneiro (2006) propõe ao invés destes conceitos que se trabalhe com os de circuitos de fluxos inferiores informais (CFII) e os circuitos de fluxos inferiores formais (CFIF), os quais podem está localizados tanto na zona urbana quanto na zona rural e manter contatos entre estas áreas. Esta nomenclatura chama a atenção para a formalização das empresas resultante da colonização sistêmica do mundo vivido empreendida pelo Estado.

Passados mais de três décadas da sua formulação, a teoria miltoniana dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos continua atual, e, portanto, válida para a explicação da organização e da produção do espaço nestes países. Por outro lado, envelheceu e desatualizou-se, razão pela qual se propõe aqui, sua reconstrução ainda que incipiente acoplada à teoria da ação comunicativa.

A partir destas considerações podem-se analisar os elementos atuais dos dois circuitos da economia como circuitos de fluxos sócioespaciais do Brasil (**Quadro 1**). O *circuito superior hegemônico* e o *circuito superior não-hegemônico*, os quais representam na teoria miltoniana as empresas de grande porte, nacionais e multinacionais. Elas apresentam praticamente as mesmas características, no entanto, se diferenciam pelo poder hegemônico e pelo circuito espacial da produção em que atuam, assim, no primeiro caso temos um circuito espacial da produção mundial e no segundo um circuito espacial da produção internacional, limitado a alguns países. Por outro lado, ser hegemônico significa que elas são capazes de “colonizar o mundo vivido” de todos (HABERMAS, 1990a).

As empresas dos circuitos de fluxos superior hegemônico e dos circuitos de fluxos não-hegemônico não se diferenciam do ponto de vista do uso das ações instrumentais, isto é, aquelas que se orientam “[...] *por regras técnicas* que se apoiam no saber empírico. Essas regras se apoiam em cada caso em prognoses sobre eventos observáveis, físicos ou sociais: tais prognoses podem revelar-se verdadeiras ou falsas” (HABERMAS, 1997, p. 57, grifo do autor). Assim, ambas a usam amplamente, na medida em que as ações das empresas estão fortemente orientadas para o êxito. Isso significa que, na outra parte, nas ações comunicativas, isto é, “[...] uma interação simbolicamente mediada” (HABERMAS, 1997, p. 57), as mesmas serão inexpressivas. As ações voltadas para o êxito se dão de forma expressiva no *circuito superior secundário*, formado pelas empresas de médio porte ou grandes de atuação nacional, isto significa que, por sua vez, as ações comunicativas no interior das atividades produtivas são relativamente utilizadas, pelo maior contato entre trabalhadores e patrões.

Variáveis	Circuito Superior Hegemônico	Circuito Superior Não-Hegemônico	Circuito Superior Secundário	Circuito Inferior		
				Formal	Informal	
Mundo Sistêmico	Razão instrumental	Amplamente orientada para o sucesso	Amplamente orientada para o sucesso	Expressivas orientadas para a busca de sucesso	Relativamente orientada para o sucesso	Pouco orientada para o sucesso
	Ação instrumental	Amplamente voltadas para o êxito	Amplamente voltadas para o êxito	Expressivas voltadas para o êxito	Relativamente voltadas para o êxito	Pouco voltadas para o êxito
	Ação estratégica	Amplamente voltadas para a influência	Amplamente voltadas para a influência	Expressivas voltadas para a influência	Relativamente voltadas para a influência	Pouco voltadas para a influência
	Tecnologia	Capital intensivo	Capital intensivo	Trabalho intensivo	Trabalho intensivo	Trabalho intensivo
	Inovação	Alta	Alta	Em expansão	Baixa	Pouca
	Emprego	Reduzido	Reduzido	Volumoso-Permanente	Reduzido-Permanente	Reduzido-Temporário
	Trabalho assalariado	Dominante	Dominante	Crescente	Variável	Variável ou não obrigatório
	Crédito	Bancário institucional	Bancário institucional	Bancário institucional	Bancário institucional ou Pessoal	Pessoal ou Ausente
	Apoio estatal	Importante	Importante	Importância crescente	Pouco expressiva	Quase nula ou nula
	Organização	Burocrática	Burocrática	Relativamente burocrática	Burocrática Incipiente	Não burocrática
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Relativamente alta	Reduzida ou nula	Nula	
Mundo Vivido	Cultura	Utiliza pouco o acervo de padrões de interpretações	Utiliza pouco o acervo de padrões de interpretações	Utiliza relativamente o acervo de padrões de interpretações	Utiliza expressivamente o acervo de padrões de interpretações	Utiliza amplamente o acervo de padrões de interpretações
	Personalidade	Utiliza intensamente as competências individuais	Utiliza intensamente as competências individuais	Utiliza relativamente as competências individuais	Utiliza pouco as competências individuais	Utiliza muito pouco as competências individuais
	Sociedade	Segue amplamente as leis e cria normas sociais	Segue amplamente as leis e cria normas sociais	Segue relativamente as leis e as normas sociais	Segue pouco as leis e amplamente as normas sociais	Não segue as leis e segue amplamente as normas sociais
	Ação comunicativa	Voltadas para o entendimento mútuo inexpressivas	Voltadas para o entendimento mútuo inexpressivas	Relativamente voltadas para o entendimento mútuo	Voltadas para o entendimento mútuo	Amplamente voltadas para o entendimento mútuo
	Razão comunicativa	Pouco orientada para a busca de consenso	Pouco orientada para a busca de consenso	Orientada relativamente para a busca de consenso	Orientada para a busca de consenso	Orientada amplamente para a busca de consenso
	Linguagem	Baixa função de entendimento, coordenação das ações teleológicas e de socialização	Baixa função de entendimento, coordenação das ações teleológicas e de socialização.	Relativa função de entendimento, coordenação das ações teleológicas e de socialização.	Elevada função de entendimento, coordenação das ações teleológicas e de socialização	Ampla função de entendimento, coordenação das ações teleológicas e de socialização
Circuito Espacial da Produção	Mundial	Internacional	Internacional / Nacional	Regional / Nacional / Internacional	Local	

Quadro 1: Os elementos dos circuitos de fluxos sócioespaciais.

Fonte: Elaborado a partir de Carneiro (2006), Santos (1979), Habermas (2003b. v. I, 2003c, v. II).

Já no circuito inferior, nota-se que as ações instrumentais são relativamente voltadas para o êxito no circuito inferior formal e pouco voltadas para o êxito no circuito inferior informal, por conseguinte, neste último as ações comunicativas são mais intensas, isto é, são amplamente voltadas para o entendimento mútuo dos envolvidos nas atividades produtivas. “Entendimento [...] significa a ‘obtenção de um acordo’ [...] entre os participantes na comunicação acerca da validade de uma emissão; acordo [...], o reconhecimento intersubjetivo da pretensão de validade que o falante vincula a ela” (HABERMAS, 2003c, v. II, p. 171, tradução nossa)³.

Assim como as ações instrumentais, o uso da razão instrumental é amplo, tanto nas atividades do circuito superior hegemônico quanto nas do circuito superior não-hegemônico. Já nas atividades do circuito superior secundário o uso da razão instrumental é expressivo, dado o avanço nestas atividades do processo de formalização das empresas e aumento da unidade produtiva. O uso relativamente orientado para o sucesso nas atividades do circuito inferior formal revela a aproximação destas atividades às atividades do circuito inferior informal, cuja orientação para o sucesso é pouca. Cabe lembrar com Sartre (1979, p. 7) que a “[...] razão é uma certa relação entre conhecimento e o ser”.

O circuito superior hegemônico e o circuito superior não-hegemônico utilizam capital intensivo, por outro lado, o circuito superior secundário e o circuito inferior informal e o circuito inferior formal utilizam trabalho intensivo. A inovação elevada no circuito superior hegemônico e no circuito superior não-hegemônico diferencia os mesmos do circuito superior secundário.

Em função do uso de capital intensivo o emprego apresenta-se reduzido tanto no circuito superior hegemônico quanto no circuito superior não-hegemônico, assim, para Santos (1978, p. 34) “O progresso técnico atual muda profundamente a composição técnica do capital e reduz rápida e drasticamente a demanda de mão-de-obra, principalmente nos setores mais afetados pela modernização”. Já no circuito superior secundário o mesmo é volumoso-permanente e reduzido permanente no circuito inferior formal. Por fim, o circuito inferior informal utiliza emprego reduzido-temporário.

Todos os circuitos de fluxos sócioespaciais utilizam trabalho assalariado de forma expressiva, a exceção do circuito de fluxos inferior informal, cujo trabalho familiar é predominante, podendo em algumas épocas este trabalho ser complementado por trabalho assalariado temporário, geralmente nos períodos de pique da produção. Para Vieira e Vieira (2004, p. 20) “O mundo do futuro, do conhecimento e da alta tecnologia não terá espaço para trabalhadores sem qualificação”, no entanto, como afirma Bava Jr. (1990, p. 19) “As mãos hoje são redescobertas em função da inacreditável destreza desenvolvida no trabalho

³ “*Entendimiento* [...] significa la ‘obtención de un acuerdo’ [...] entre los participantes en la comunicación acerca de la validez de una emisión; *acuerdo* [...], el reconocimiento intersubjetivo de la pretensión de validez que el hablante vincula a ella”.

por milhares de homens e mulheres. “Nos países desenvolvidos, a racionalidade da alienação encontra contrapartida no emprego ou na ajuda financeira aos desempregados. No Terceiro Mundo, essa racionalidade permanece abstrata: o sistema ainda não pôde, aí, inventar uma falsa verdade para camuflar a realidade do não-emprego e da miséria” (SANTOS, 1982a, p. 19).

O uso do crédito produtivo bancário institucional se reduz quando partimos do circuito superior hegemônico ao circuito inferior informal, que, neste caso, é eminentemente pessoal ou ausente. Para Silveira (2008, p. 64) “En virtud de la extrema capilaridad, la premisa de la dificultad de acceso al crédito por parte do circuito inferior, que caracterizo el período entre la Segunda Guerra Mundial y los años 1980 aproximadamente, en las ciudades del mundo pobre en este inicio del siglo XXI” já não existe.

Outro elemento do mundo do sistema, o Estado, se expressa na extrema importância de seu apoio as atividades do circuito superior, estando em crescimento no circuito superior secundário, dada a ampliação das unidades produtivas e sua inserção no mercado internacional. Já no circuito inferior formal ou no circuito inferior informal a mesma é pouco expressiva ou quase nula, respectivamente. O apoio do estado tem levado as empresas a se organizarem burocraticamente. Neste particular, é eminentemente burocrática as atividades do circuito superior hegemônico e do circuito superior não-hegemônico e relativamente burocrática a do circuito superior secundário. As atividades do circuito inferior formal apresentam uma incipiente burocracia, o que tem a ver com a sua formalização ao passo que as atividades do circuito inferior informal não são burocráticas.

As atividades do circuito superior estão voltadas para o exterior, isto é, para o mercado internacional, mas as atividades do circuito superior secundário ainda estão mais voltadas para o mercado nacional. Já as atividades do circuito de fluxos inferior estão voltadas para o mercado interno, de amplas dimensões, geralmente regional ou local.

Por outro lado, no que tange aos elementos do mundo vivido, o uso pouco expressivo dos padrões de interpretação caracteriza o circuito superior hegemônico e o circuito superior não-hegemônico. Este uso aumenta quando passamos do circuito superior secundário, para os circuitos de fluxos inferiores. Neste caso o uso do acervo de padrões de interpretação é amplo pelo circuito inferior informal e expressivo pelo circuito inferior formal.

“Por *personalidade* entendendo as competências que convertem um sujeito em capacidade de linguagem e de ação, ou seja, que o capacita para tomar parte em processos de entendimento e para afirmar neles sua própria identidade” (HABERMAS, 2003c, v. II, p. 196, tradução nossa)⁴. O uso das personalidades que compõe os agentes e atores sociais dos circuitos de fluxos sócioespaciais é mais intensa nos circuitos superiores e,

⁴ “Por *personalidad* entendiendo las competencias que convierten a un sujeto en capaz de lenguaje y de acción, esto es, que lo capacita para tomar parte en procesos de entendimiento y para afirmar en ellos su propia identidad”

consequentemente, pouco utilizadas nos circuitos inferiores, especialmente no circuito inferior informal. O grau de instrução e qualificação interfere neste uso, assim, o elevado grau de qualificação dos profissionais das empresas que compõe o circuito superior hegemônico, por exemplo, são postas em ação, já que representa um elemento competitivo empresarial no mercado.

Tanto o circuito superior hegemônico quanto o circuito de fluxos superior não-hegemônico seguem a legislação e são criadores de normas sociais e, como tal, verticais, pois se impõem à produção e reprodução material e simbólica da sociedade ou a uma parte dela. Já o circuito superior secundário segue relativamente às leis, pois apesar da formalidade utiliza-se de trabalho informal, sem carteira assinada. O circuito inferior segue pouco as leis ao passo que as atividades do circuito de fluxos inferior informal não segue as leis, mas segue amplamente as normas sociais que regem a produção em determinado tempo-espaço.

As ações comunicativas orientam-se “[...] segundo *normas de vigência obrigatória* que definem as expectativas recíprocas de comportamento e que têm de ser entendidas e reconhecidas, pelo menos, por dois sujeitos agentes” (HABERMAS, 1997, p. 57, grifo do autor). Elas são inexpressivas tanto no circuito superior hegemônico como no circuito superior não-hegemônico, o que reflete o uso mais expressivo da ação instrumental, baseada nas relações meio-fim. Por sua proximidade ao circuito inferior, o circuito superior secundário utiliza relativamente as ações voltadas para o entendimento mútuo entre seus atores. Por outro lado, o uso das ações orientadas para o entendimento mútuo é amplo nos circuitos inferiores formais e informais. Analisando o circuito inferior, Silveira (2008, p. 64) destaca que sendo “Resultado indirecto de la solidaridad organizacional, ese circuito se entiende, también, por la propia producción de solidaridad orgánica”.

O uso da razão comunicativa, da mesma forma que a ação comunicativa, não marca as atividades do circuito superior, na medida em que pouco se orientam para a busca do consenso, mas para a busca do êxito. Já nos circuitos de fluxos inferiores, as atividades estão orientadas amplamente para a busca de consenso, em função do forte vínculo social.

O uso da razão e da ação comunicativa ou da razão e da ação estratégica pelos atores sociais das atividades humanas requer o uso da linguagem. Neste particular Habermas (2003c, v. II, p. 12) lembra que “En la acción comunicativa el lenguaje desempeña, aparte de su función de entendimiento, el papel de coordinar las actividades teleológicas de los diversos sujetos de acción, así como el papel de medio en que se efectúa la ‘socialización’ de esos sujetos de acción”.

Por fim a escala de ação dos circuitos é um elemento também definidor dos mesmos. Assim, os circuitos de fluxos sociais se diferenciam pelos circuitos espaciais da produção em que atuam, isto é, pela área em que se realizam seus processos de produção material e

simbólica. Santos (1978, p. 43) afirma que uma diferença entre os dois circuitos, superior e inferior, é o fato deste último ser integrado localmente. Observa-se, entretanto, nos espaços das redes a distorção desta premissa, na medida em que várias empresas do circuito inferior formal, inseridas ou não em Associações e Cooperativas de produtores, comercializam para diversas regiões brasileiras e chegam a exportar mercadorias para outros países, a exemplo da empresas da Cooperativa de Caraibeiras, em Tacaratu.

2 A PRODUÇÃO DOS MUNDOS VIVIDOS E DOS MUNDOS SISTÊMICOS DOS ESPAÇOS DAS REDES DE DORMIR

Percebe-se a relação desde cedo existente entre os espaços produtores de redes de dormir e as fiações do Nordeste, ainda que intermediado por comerciantes de fios de algodão, os quais, apesar de tudo, contribuíram para o crescimento local desta indústria têxtil. Atualmente, notam-se no Nordeste, fiações cuja produção destina-se, em sua maior parte aos espaços produtores de redes de dormir, a exemplo da Beatriz Têxtil, fiação localizada em Maracanaú, no Ceará, assim, “Os principais compradores dos fios da Beatriz Têxtil estão nas cidades de São Bento, na Paraíba, e de Jaguaruana, no Ceará, além das regiões Sul e Sudeste do País” (BEATRIZ TEXTIL S/A, 2005).

Para Silva e Lima (1982, p. 199) o aparecimento de indústrias de fabricação de redes de dormir no Nordeste brasileiro foi induzido indiretamente pela atividade algodoeira e destacam que apesar de seu maior número frente às indústrias de beneficiamento do algodão elas apresentavam uma distribuição mais concentrada já na segunda metade da década de 1970 (**Gráfico 1**). Na década de 1980 mais de 80% das fábricas de redes de dormir do Brasil estavam concentradas, segundo Araújo L. (1985, p. 58), na Paraíba, denotando, neste particular a proeminência de São Bento em função, segundo Carneiro (2006), da construção de seu circuito espacial da produção nacional na década de 1970 e consolidação na de 1980, com as conquistas dos mercados consumidores das regiões Sudeste e Sul respectivamente.

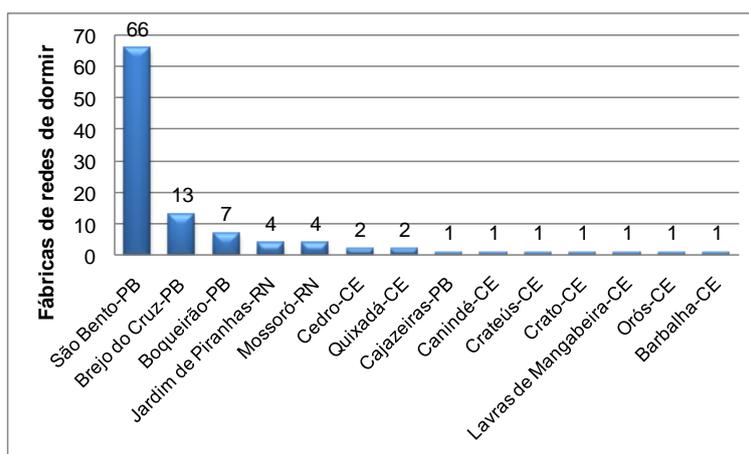


Gráfico 1: Fábricas de redes de dormir na Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte na década de 1970 por municípios.
Fonte: Adaptado de Cadastro Industrial dos Estados da Paraíba (1974), Ceará (1977) e Rio Grande do Norte (1966/77) (apud SILVA; LIMA, 1982).

Os mundos da vida e os mundos sistêmicos do Nordeste foram os primeiros a serem produzidos no Brasil a partir da sua conquista territorial pelos portugueses no século XVI e a rede de dormir um objeto cultural importante de apoio a este empreendimento, pois segundo

Cascudo (2003, p. 14) “Daí para nossos dias constituía um elemento indispensável e normal na existência de milhões e milhões de brasileiros em quatro séculos”. Mundos, afirma Tuan (1983, p. 13), sugere uma estrutura espacial, assim, tanto os mundos vividos quanto os mundos sistêmicos dos espaços das redes de dormir só são compreensíveis a partir da estrutura espacial que partilham e que permite a cada qual a reprodução das condições de produção de sua existência.

Atravessando os diversos momentos de ocupação, colonização e produção do espaço nordestino, desde o Litoral e Mata, Agreste, Sertão e Litoral Norte, Meio-Norte e Guiana Maranhense (ANDRADE, 2003) a rede de dormir foi um objeto de uso generalizado socialmente, o que fez emergir, em várias dessas regiões, sociedades especializadas em sua fabricação, dentre as quais Jaguaruana, Jardim de Piranhas, São Bento e Tacaratu. Como destaca Eagleton (2005, p. 11) “Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz”.

Como lembram Araújo M. Filho e Carvalho (1986, p. 9, grifo do autor) “NO PASSADO, a tradição do Nordeste como produtor de algodão e a disponibilidade de mão-de-obra abundante, permitiu que a sua indústria têxtil conhecesse um desenvolvimento semelhante àquele experimento no Centro-Sul do País”. Tal desenvolvimento, contemporaneamente, passa pela difusão do algodão colorido a partir das pesquisas da EMBRAPA da Paraíba, assim, como demonstra a COOPNATURAL (apud FARIAS; SÁ, 2005, p. 89, grifos do autor) “Existem várias pequenas indústrias na Paraíba que compram o fio colorido ou a fibra, neste caso terceirizando a fiação, e confeccionam várias peças como *tapetes, redes, jogos americanos, mantas*, entre outros, para vender no próprio Estado e nos Estados vizinhos”.

Pode-se admitir para os espaços das redes, ou seja, para a totalidade dos municípios nordestinos produtores de redes de dormir objeto deste estudo, origens diferentes e ao mesmo tempo semelhantes para os seus mundos da vida, conforme suas interações com os mundos do sistema locais, expresso pelos circuitos de fluxos socioespaciais de suas indústrias têxteis de fabricação de redes de dormir, mantas e panos de pratos, bem como pelo poder político.

Neste particular, cabe distinguir entre os espaços das redes que tiveram origem indígena, pois surgiram a partir da expansão das técnicas dos índios, como Tacaratu, em Pernambuco, e Jaguaruana, no Ceará, daqueles cujo início se liga à difusão da informação e da técnica pelo território ou a formas de sobrevivência, como São Bento, na Paraíba, e Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte.

A produção dos mundos vividos nordestino foi, portanto, responsável direto pela emergência e difusão da indústria têxtil de redes de dormir em diferentes lugares de suas

diversas sub-regiões, e este elemento do mundo sistêmico, por sua vez, foi responsável pela produção destes mundos vividos segundo suas interações e evoluções particulares.

A ocupação do meio natural é o primeiro passo na construção dos mundos vividos e do sistema dos espaços das redes. A transformação do meio natural para meio técnico revela, neste processo evolutivo a produção dos mundos objetivos a partir das lógicas do mercado e poder político vigente no período.

2.1 As ocupações do meio natural e as produções dos mundos objetivos e do sistema dos espaços das redes

Os mundos do sistema têxtil das sociedades que formam os espaços das redes, Jardim de Piranhas, Tacaratu, São Bento e Jaguaruana, tiveram uma origem familiar, isto é, a fabricação de redes de dormir esteve inicialmente ligada a uma base produtiva apoiada no trabalho preponderantemente feminino. De acordo com Nogueira (2004, p. 248) “[...] se, por um lado, o ingresso do trabalho feminino no espaço produtivo foi uma conquista da mulher, por outro lado, permitiu que o capitalismo ampliasse a exploração da força de trabalho, intensificando essa exploração através do universo do trabalho feminino”.

O que caracteriza a produção original do espaço das redes da região Nordeste brasileira é o processo de colonização dos mundos da vida pré-existentes pelos mundos sistêmicos da organização político-social colonialista e da produção econômica agropecuária, secundado pela indústria têxtil em sua forma artesanal. Esta colonização se dá pela geração da escassez, pois como lembra Berardi (2005, p. 90) “Gerando a escassez com a força das armas, da lei ou da persuasão, a economia se torna capaz de colonizar novos campos da ação humana e da natureza”, reificando tudo e a todos. Neste particular, Castoriadis (1982, p. 27) afirma que “A luta dos homens contra a reificação, tanto quanto a tendência à reificação, é a condição do funcionamento do capitalismo”.

As sociedades dos espaços das redes aqui estudados ocuparam seus meios naturais desigualmente no tempo e conseqüentemente produziram seus mundos objetivos enquanto a “[...] totalidade das entidades sobre as quais são possíveis enunciados verdadeiros” (HABERMAS, 2003c, v. II, p. 171, tradução nossa)⁵ e sistêmicos em diferentes configurações. “o mundo apenas cobra objetividade pelo fato de ser *reconhecido e considerado* como único e o mesmo mundo *por* uma comunidade de sujeitos capazes de linguagem e de ação” (HABERMAS, 2003b, v. I, p. 30, tradução nossa)⁶ por isto, embora economicamente baseadas na fabricação de redes de dormir, Jaguaruana-CE, Jardim de Piranhas-RN, São Bento e Tacaratu-PE não apresentam o mesmo mundo objetivo quando

⁵ “[...] totalidade de las entidades sobre las que son posibles enunciados verdaderos”

⁶ “El mundo sólo cobra objetividad por el hecho de ser *reconocido y considerado* como uno y el mismo mundo *por* una comunidad de sujetos capaces de lenguaje y de acción”

comparados entre si, a não ser para seus atores internamente a estes espaços, na medida em que eles os reconhecem como sendo compartilhados por todos.

A forma da ocupação do meio natural ou “Os pedaços da crosta terrestre utilizados pelos grupos humanos para desenvolver sua base material nos primórdios da história [...]” (SANTOS; SILVEIRA, 2004, p. 28) e sua transformação em meio técnico ou mundo objetivo influencia a produção do mundo do sistema. Tacaratu-PE era uma maloca no século XVII, formada pela sociedade dos Pankarus, Umaus, Vouvêia e Geriticó, do grupo Cariri. Com um mundo da vida e mundo objetivo bem estruturado sua colonização pelo sistema teológico se deu com padres da congregação São Felipe Nery, que criaram em 1752 a capela de Nossa Senhora da Saúde (IBGE, [2006]). Jaguaruana-CE surgiu anteriormente a 1761, ano em que foi construída uma capela em homenagem a Nossa Senhora Santana mediante terras doadas pela Dona Feliciano Soares Costa, viúva de Simão de Góis criador da fazenda onde se formou o arraial da Caatinga de Góis (IBGE, [2008]).

A ocupação do meio natural de Jardim de Piranhas-RN deveu-se a família “Cavalcante” que fundou a fazenda Jardim, localizada próxima ao rio piranhas e que teve na doação, em 1874, da Paróquia de Nossa Senhora de Santana impulso a sua povoação (IBGE, [2008]), tendo os primeiros teares, de madeira chegados por volta de 1973, conforme Ramos (2007, p. 18), oriundos de São Bento. Já São Bento originou-se no final do século XIX (CARNEIRO, 2001), a partir da criação de gado e de colonizadores advindos de Brejo do Cruz. A rede de dormir como forma de produção de subsistência esteve desde cedo presente neste município, aproveitando-se das condições físico-geográficas locais.

O meio natural teve um papel preponderante na fabricação de redes de dormir para as sociedades dos espaços das redes, particularmente pela forte influência sobre o mesmo. Assim, a secagem dos fios tingidos sempre esteve na dependência das condições do tempo em cada lugar, pois era realizada ao ar livre e ainda o é em sua grande maioria (**Foto 1**). “Se considerarmos que os indivíduos e as culturas apropriam-se dos espaços naturais, constituindo-os em artefatos a partir de suas intenções e de suas ações, a memória e transmissão parcial das experiências prévias torna-se fundamental para compreensão das ações” (HOLZER, 2000, p. 111). A secagem dos fios ao sol, sob as calçadas ou na rua, por sua vez é reveladora das diferenciações socioeconômicas das empresas, pois como salienta Carlos (1996, p. 86, grifo do autor) “A rua se coloca como dimensão concreta da espacialidade das relações sociais num determinado momento histórico, revelando nos gestos, olhares e rostos, as *pistas* das diferenciações sociais”.



Foto 1: São Bento: fios de algodão tingidos secando ao sol.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2001.

Pessoa (2003, p. 37) revela que ainda hoje tal influência aparece como um problema produtivo para Jaguaruana, entretanto, em todos os espaços das redes a produção têxtil direta é influenciada, em graus variáveis, pela natureza em função das técnicas que empregam. Conforme Carneiro (2008, p. 54) “Esta influência se explica, assim, pelo baixo nível tecnológico de fabricação de redes de dormir e se expressa na existência predominante das empresas dos circuitos de fluxos inferiores, sejam informais ou formais”. “Esta influência foi vencida, no caso de algumas tecelagens de Jardim de Piranhas-RN, por meio da aquisição de máquinas utilizadas na indústria têxtil de Americana para secagem de jeans” (CARNEIRO, 2008, p. 53) (**Foto 2**), acontecendo o mesmo em São Bento (CARNEIRO, 2006).



Foto 2: Jardim de Piranhas: centrífuga usada para secagem de tecido.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

A tecelagem de redes de dormir é ofício majoritariamente masculino, hoje, em todos os espaços das redes aqui analisado. “A tradição, entretanto, entrega este labor às mulheres e no sertão, antes do surto industrial de sua fabricação, o encargo das redes era ofício feminino” (CASCUDO, 2003, p. 28). Conforme Rocha (1983) a introdução em São Bento dos teares horizontais de madeira, dentre eles o *batelão*, tear largo e de grandes

dimensões, exigiam para o seu funcionamento grande força física e elevada resistência, o que contribuiu para os homens se dedicarem à *primeira fase da produção*, relegando as mulheres à *segunda fase da produção*.

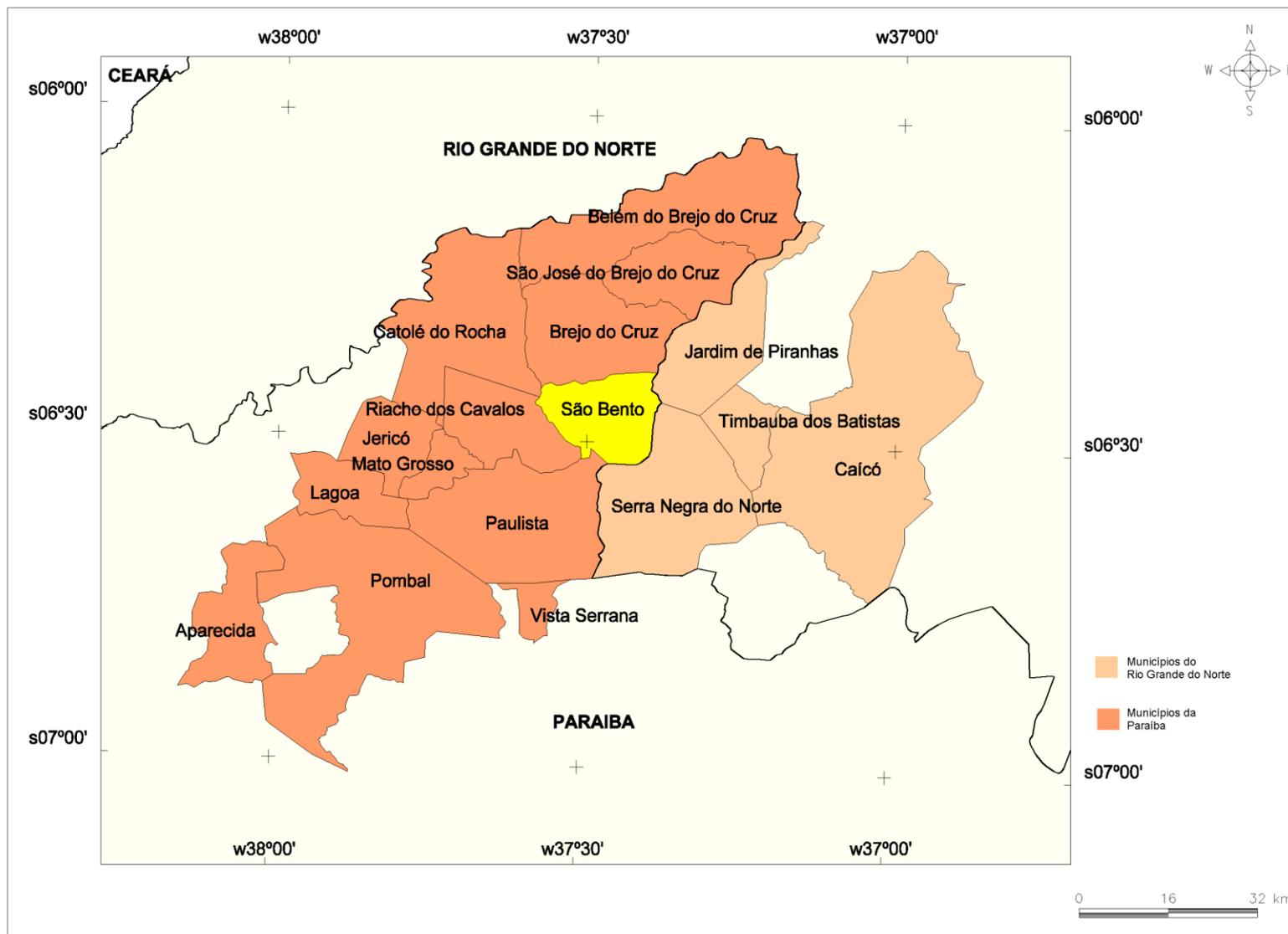
O sistema de comercialização de redes realizado pelos redeiros, comerciantes, e corretores de São Bento mediante o uso de caminhonetes, pampas, “fozinhas” (**Foto 3**), “mecedinhas” (**Foto 4**), caminhões e Scania se expandiu por seu circuito espacial da produção regional (**Mapa 2**), sendo copiado, portanto, em função do reconhecimento intersubjetivo de sua validade. Para Dutra (2006, p. 60) “[...] devido o sucesso alcançado em termos de venda pelos vendedores de São Bento-PB” esta forma de comercialização foi reproduzida em Brejo do Cruz, Paraíba.



Foto 3: São Bento: F4000 ou “fozinha” sendo carregada com redes de dormir.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2005.



Foto 4: São Bento: “mecedinha” pertencente a redeiros.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2005.



Mapa 2: São Bento: espaços formadores do circuito espacial da produção regional da indústria têxtil local.
Fonte: Adaptado de Carneiro (2006). Pesquisa de campo, 2009.

Diferentes situações são encontradas entre os corretores, como bem assinala Dutra (2006), assim, um grupo deles pode alugar uma casa no município em que irão trabalhar; os corretores casados retornam para casa após um período de tempo reduzido, três a quatro meses, ou alugam residências e levam suas famílias; já os solteiros permanecem por até três anos viajando. Estas situações se multiplicam quando se considera o circuito espacial da produção em que atua os redeiros, isto é, os empresários que contratam os serviços dos corretores. Se estes atuam em circuito espacial da produção regional é provável o seu retorno com mais frequência e menor para os que atuam no circuito espacial da produção nacional ou internacional. Disse Cascudo (2003, p. 28, grifo do autor) que “A rede se tornara inseparável do indígena, do mameluco, do sertanejo contemporâneo, andando, ao azar das secas, de *rede às costas*”, contemporaneamente, porém, também se tornou dos corretores, os quais têm que carregar de 10 a 20 redes nas costas e vende-las de porta em porta, de pessoa a pessoa, cara a cara pelos lugares mais recônditos do Brasil.

“Essa postura desbravadora tem sido o grande diferencial dos são-bentenses com relação a seus concorrentes” (MOURA, 2006, p. 83) e permitiu aos agentes sócioespaciais deste município se territorializarem em diferentes lugares a partir de suas experiências pelo espaço nacional, pois como afirma Tuan (1983, p. 13) “O espaço é experienciado quando há lugar para se mover”. Em Brejo do Cruz há mais de 50 redeiros, os quais utilizam o trabalho de centenas de corretores e que atuam em diferentes regiões do Brasil (DUTRA, 2006). Tal número soma-se com os aproximadamente 100 redeiros de São Bento e outros tantos de Jardim de Piranhas, Paulista e Pombal.

Quanto ao início da atividade dos feirantes de redes de dormir, panos de prato, mantas e produtos substitutos (**Gráfico 2**) observa-se que os de São Bento e Tacaratu passaram a comercializar estes produtos nas feiras de redes antes de 1970 e no caso de Jardim de Piranhas só a partir da segunda metade desta década. Por outro lado, é na década de 1980 que mais surgem feirantes em Tacaratu, em São Bento ocorrendo na de 1990, no total de 10, e em Jardim de Piranhas na de 2000, perfazendo 21 feirantes.

Estes fatos revelam no caso de São Bento e Jardim de Piranhas a emergência de seus períodos e meios técnicos-científicos-informacionais maquinofatureiros, ou seja, o espaço resultante das ações da indústria mecanizada a qual traz consigo investimentos privados e públicos em técnica, ciência e informação (CARNEIRO, 2006). Em Jardim de Piranhas (**Gráfico 3**) nota-se que 5 feirantes que negociam na feira da pedra de São Bento surgiram na década de 1990 e 21 na década de 2000. Este fato é representativo da revitalização que passa a indústria têxtil local a partir das ações estatais e a criação do seu arranjo produtivo local. Em São Bento (**Gráfico 4**), por sua vez, surgiram poucos feirantes no início do século XXI, o que se explica pela quantidade da amostra entrevistada, assim, se levarmos em consideração os dados de pesquisa de campo realizada em 2005 com 47

feirantes de São Bento, percebemos que no período de 2001 a 2005, surgem 18 novos feirantes neste município (**Gráfico 5**).

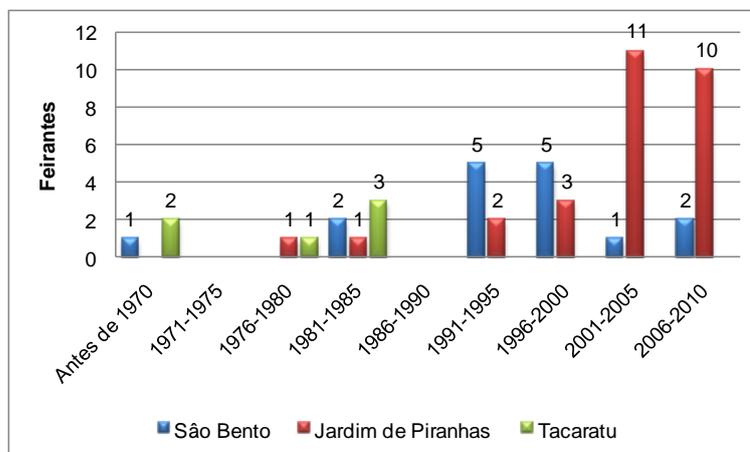


Gráfico 2: São Bento, Jardim de Piranhas* e Tacaratu: início das atividades dos feirantes de redes de dormir, panos de prato, mantas e produtos substitutos.

Fonte: pesquisa de campo, 2008 e 2009.

* Neste caso se refere ao ano em que o feirante começou a comercializar na feira da pedra de São Bento, pois não há feira de redes no município.

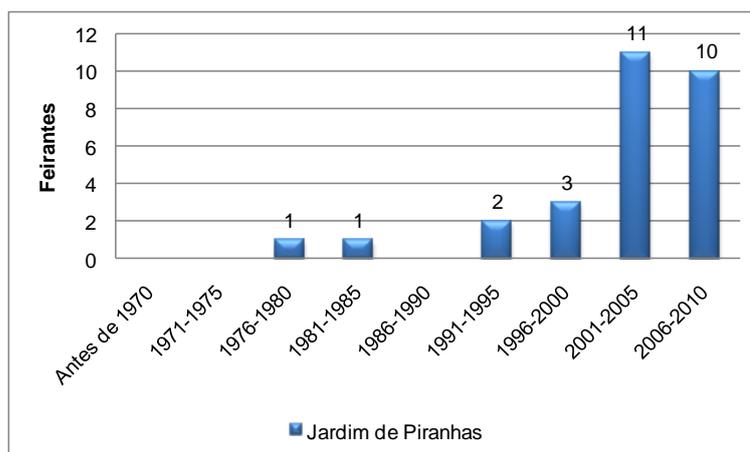


Gráfico 3: Jardim de Piranhas: início das atividades dos feirantes de panos de prato, mantas e produtos substitutos locais, na feira da pedra de São Bento.

Fonte: pesquisa de campo, 2009.

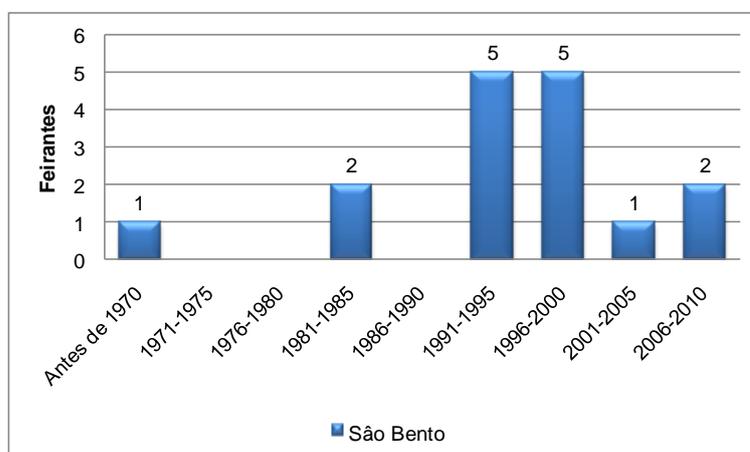


Gráfico 4: São Bento: início das atividades dos feirantes de redes de dormir, mantas e produtos substitutos locais, na feira da pedra.

Fonte: pesquisa de campo, 2009.

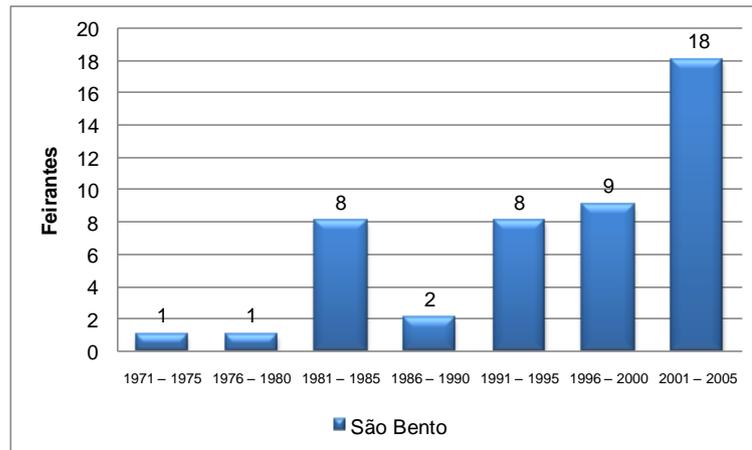


Gráfico 5: São Bento: início das atividades dos feirantes de redes de dormir, mantas e produtos substitutos locais, na feira da pedra.

Fonte: pesquisa de campo, 2005.

Carneiro (2006) classifica os feirantes de redes de dormir em três categorias, os *comerciantes-produtores* ou empresários de maquinofaturas do circuito de fluxos inferior, particularmente informal, que fazem a comercialização na feira; os *comerciantes-funcionários*, trabalhadores de micro, pequenas e médias empresas designados para tal fim pelos proprietários e os *comerciantes-autônomos* que aprontam por conta própria redes de dormir e outros produtos substitutos para comercializar, vivendo em muitos casos, exclusivamente desta atividade. Utilizar-se-á aqui o conceito de feirantes-produtores, feirantes-funcionários e feirantes-autônomos, na medida em que a palavra feirante qualifica um tipo particular de comerciante, os que vendem seus produtos nas feiras de redes.

Assim, nota-se que em Jardim de Piranhas domina os feirantes-autônomos, com 16 ocorrências, seguido dos feirantes-produtores, com 9, ao passo que em São Bento, com 12, e Tacaratu, com 5, dominam os feirantes-produtores (**Gráfico 6**). Os feirantes-funcionários são encontrados apenas em Jardim de Piranhas e São Bento, sendo pouco freqüentes. Este último dado revela as modificações da “feira da pedra” quanto à distribuição dos seus feirantes, assim, comparando-se os tipos de feirantes encontrados em 2005 com os de 2009 (**Gráfico 7**), nota-se que no primeiro ano havia um número significativo de feirantes-funcionários, 35, por outro lado, confirma-se a predominância dos feirantes-produtores frente aos demais tipos.

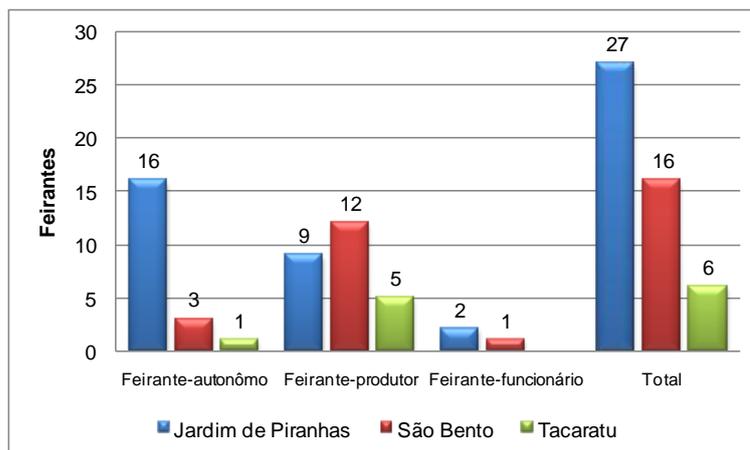


Gráfico 6: Tipos de feirante de redes de dormir e produtos substitutos, por município de origem.
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

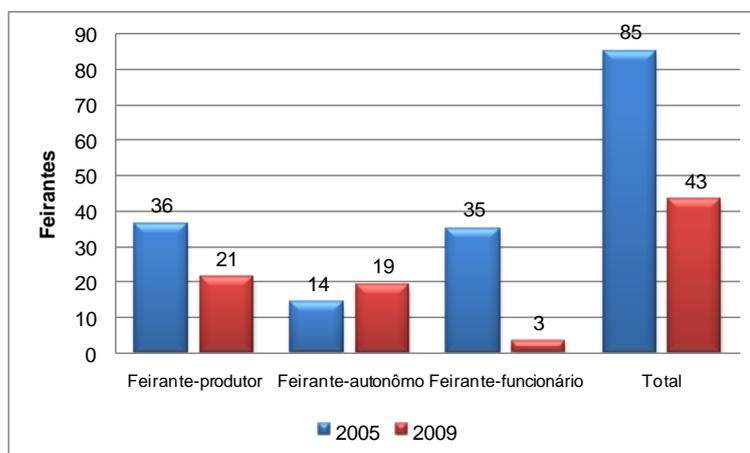


Gráfico 7: Feira da pedra: evolução dos tipos de feirantes de redes de dormir e produtos substitutos.
Fonte: Adaptado de Carneiro (2006, p. 134). Pesquisa de campo, 2009.

2.2 Os mundos objetivos e sistêmicos e a produção dos mundos subjetivo e social dos espaços das redes

Porter (1986, p. 29) ao falar de curva de aprendizagem ou de experiência define esta como “[...] certos tipos de mudança tecnológica e pode ser aplicada não só à produção mas também à distribuição, atividades de apoio e outras funções”. Temos nos espaços das redes curvas de aprendizagem temporalmente diferentes, assim, em Jaguaruana e Tacaratu observa-se mais de dois séculos de experiência produtiva como resultado da presença indígena e de suas técnicas, em São Bento pouco mais de um século, função da ocupação colonialista do final do século XIX e em Jardim de Piranhas, pouco mais de meio século, razão da difusão espacial da indústria têxtil deste último município.

A passagem do meio natural, para meio técnico-científico e deste para meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1999) pode ser visto como um parâmetro desta curva de aprendizagem bem como as mudanças nas técnicas produtivas, com a substituição do artesanato pela manufatura e esta pela maquinofatura. Da mesma forma as inovações no

processo de distribuição e comercialização, com a introdução das feiras de redes de dormir e produtos substitutos e sua justaposição com as lojas das fábricas e com a distribuição e comercialização feita pelos redeiros e corretores.

“A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas” (ANDRADE, 1995, p. 20). Tal consciência adquire uma forte expressão com a autonomia política, quando da sua elevação à categoria moderna de município. Nos espaços das redes é possível perceber pela dinâmica populacional, econômica e social que os Distritos de Caraipeiras, em Tacaratu, e Barra de Cima, em São Bento, constroem uma identidade local que poderá levar, no futuro bem próximo a fragmentações territoriais municipais.

“O sítio é antes de tudo um *imaginário social* moldado pelas contingências e pela trajetória da vida comum dos atores considerados” (ZAOUAL, 2006, p. 88, grifo nosso), ele se forma no processo de construção das subjetividades mediadas por suas intersubjetividades, isto é, durante o processo de socialização diferencial que se verifica no mundo social ou da totalidade das normas existentes (HABERMAS, 1990a). Em Tacaratu, por exemplo, “As crianças entre sete e quatorze anos participam das atividades, desenvolvendo trabalhos mais leves, como: enchimento de espulas, acabamento dos punhos das redes [...]” (SELVA; BICALHO, [2006]), assim como em Jardim de Piranhas, Jaguaruana e São Bento.

Selva e Bicalho ([2006]) destacam para Tacaratu que o artesanato de redes de dormir local, em realidade, uma indústria formada por artesanato, manufaturas e maquinofaturas vêm “[...] cumprindo um importante papel do ponto de vista social, uma vez que tem sido fator de economia de base que tem evitado o processo de emigração dos habitantes em busca de melhores oportunidades de trabalho em centros urbanos maiores”. Carneiro (2001), por sua vez, revela que, no caso de São Bento, este município tem sofrido forte êxodo rural, fato revelado pelos 211 trabalhadores das fábricas urbanas advindos de sua zona rural (**Gráfico 8**), apesar da presença da sua indústria têxtil aí. Da mesma forma, aparece como espaço de imigração, pois do total de 369 trabalhadores, 157 migraram dos municípios integrantes do seu circuito espacial da produção regional em busca de emprego em sua indústria têxtil.

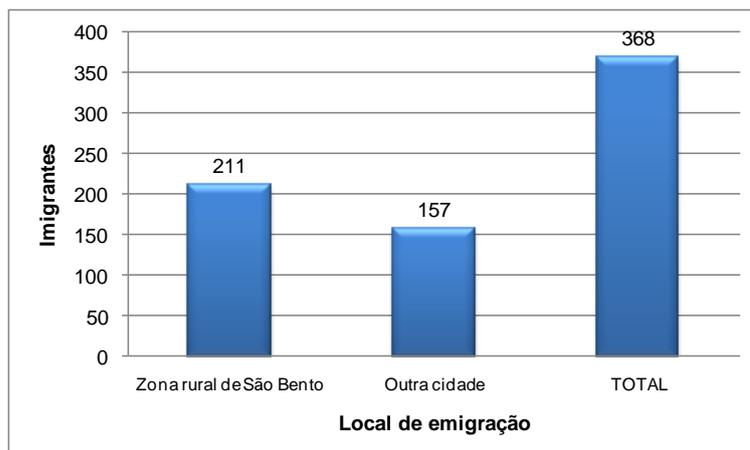


Gráfico 8: São Bento: local de residência anterior dos trabalhadores da indústria têxtil
Fonte: Adaptado de Carneiro (2001, p. 48).

“No âmbito da pequena produção, o tecelão é um pequeno produtor que realiza o trabalho não-agrícola representado pelo artesanato” (SELVA; BICALHO, [2006]). Em função da indústria de Tacaratu está localizada na zona rural do município, no distrito de Caraibeiras, boa parte dos produtores têxteis são agricultores de verão, isto é, nos meses de novembro a março em que se verificam as chuvas na região eles se dedicam à cultura de subsistência e nos demais meses à atividade têxtil (**Foto 5**). Vê-se como “Na realidade coexistem relações sociais que têm datas diferentes e que estão, portanto, numa relação de descompasso e desencontro. Nem todas as relações sociais têm a mesma origem. Todas sobrevivem de diferentes momentos e circunstâncias históricas” (MARTINS, 1996, p. 14), formando assim, o mundo social vivido de cada lugar.



Foto 5: Tacaratu: agricultor produzindo cordões em máquina de torcer fios, durante período chuvoso.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.

Para Bava Jr. (1990, p. 19) “As mãos hoje são redescobertas em função da inacreditável destreza desenvolvida no trabalho por milhares de homens e mulheres. As atividades operatórias são indicadoras do conhecimento que os trabalhadores têm do seu ofício”. A redescoberta do corpo e sua (des)valorização é condição ou resultado também da

(des)valorização da estrutura cultural do mundo vivido, isto é, do acervo de saber que uma comunidade de linguagem tem a disposição bem como do “retorno” do circuito inferior da economia”, como assinala Carneiro (2006).

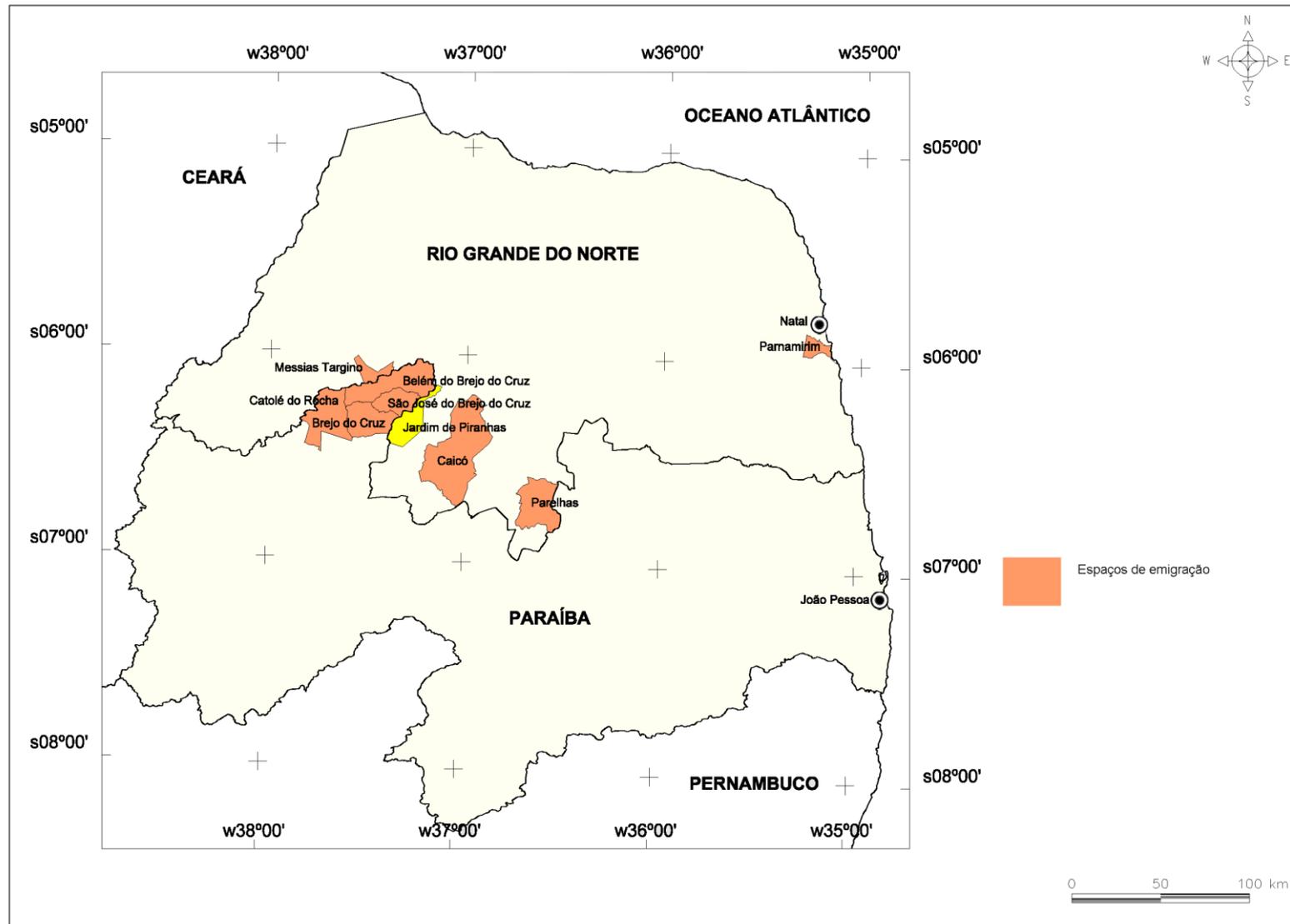
Segundo Berardi (2005, p. 18) durante certo período a direção de desenvolvimento para a expansão do capitalismo foi a conquista do espaço extraterrestre e em seguida a do espaço interno, o espaço da mente, o espaço temporal ou do mundo interior, subjetivo, portanto. Disso se depreende o porquê da valorização da cultura local pela economia, especialmente dos espaços cuja produção hoje permite ou pode permitir a obtenção de divisas com a exportação. Para Eagleton (2005, p. 10, grifo do autor) “A raiz latina da palavra ‘cultura’ é *colere*, o que pode significar qualquer coisa, desde cultivar e habitar a adorar e proteger”, todavia, conforme Habermas (2003c, v. II, p. 196, tradução nossa)⁷ “Chamo *cultura* ao acervo de saber, em que os participantes na comunicação se abastecem de interpretações para entenderem-se sobre algo no mundo”.

Costa et al. (2006, p. 8) observa para o Território do Seridó-RN, que “Um dos fatos de grande relevância é que a maioria da população vem deixando gradativamente o meio rural devido à falta de ocupação e renda [...]”. Nesta última situam-se Jardim de Piranhas e Caicó, centro manufatureiro de bonés, os quais juntos aparecem como espaços de imigração regional e estadual, em função de suas indústrias têxteis de panos de prato, redes de dormir e bonés, contribuindo, portanto, para esta realidade regional (**Mapa 3**).

Jaguaruana e Tacaratu apresentam uma origem comum quanto à fabricação têxtil, pois ambos estão ligados à técnica indígena. No primeiro caso “Com abundância de matéria-prima, os índios que ali se localizavam passaram a fabricar redes para uso próprio. Essa atividade foi sendo passada para os filhos e ganhando, assim, maiores adeptos” (SCIPIÃO, 2004). Do mesmo modo ocorreu em Tacaratu, cuja presença ainda hoje se faz sentir na presença dos objetos técnicos manuais.

Conforme Scipião (2004) a produção de redes de dormir em Jaguaruana no Ceará teve se apogeu nas décadas de 1970 e 1980, declinando a partir de 1990 em função da diminuição da produção e o sucateamento dos teares locais. Neste período, por outro lado, verifica-se o fortalecimento da indústria têxtil de São Bento, pois é a partir daí que Carneiro (2006) identifica a emergência do seu meio técnico-científico-informacional maquinofatureiro, isto é, o meio em que a indústria mecanizada o produz a partir do uso de novas técnicas, da ciência e da informação.

⁷ “Llamo *cultura* al acervo de saber, en que los participantes en la comunicación se abastecen de interpretaciones para entenderse sobre algo en el mundo”.



Mapa 3: Jardim de Piranhas: espaços de emigração de mão-de-obra para a indústria têxtil local.
Fonte: Adaptado de Santos e Carneiro (2009).

Conforme Brum (1998, p. 328) de 1974 a 1980 o Brasil apresentou uma taxa de crescimento anual média de 6,0%, cuja percentagem embora inferior às verificadas no período do milagre econômico brasileiro representava valores significativos para o país. Esse período foi decisivo para a indústria têxtil do Nordeste, posto que nele se verificou a sua modernização definitiva, processo que coincidiu com a intensificação dos empréstimos estrangeiros no Brasil (ARAÚJO M. FILHO; CARVALHO, 1986, p. 15). Nesta conjuntura a indústria têxtil de São Bento expandiu-se consideravelmente, pois conforme Rocha (1983, p. 48) nota-se que na virada da década de 60 para a seguinte ocorre uma expansão de novas unidades produtivas manufatureiras no município (**Gráficos 9 e 10**) confirmando a existência de uma “coincidência” entre esta expansão e a recuperação da economia brasileira após a crise de 67/68 período de início do “milagre econômico brasileiro”, seja em relação às unidades produtivas cadastradas ou às não-cadastradas.

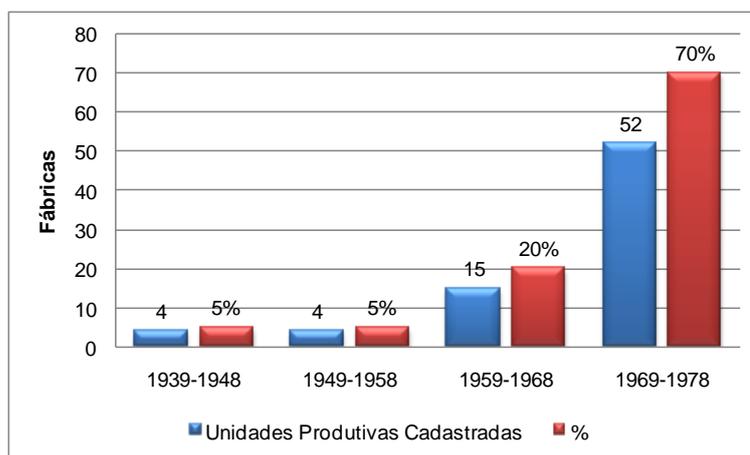


Gráfico 9: São Bento (1939-1978): Unidades produtivas cadastradas por classe de ano e início da produção.
Fonte: Adaptado de Rocha (1983, p. 86).

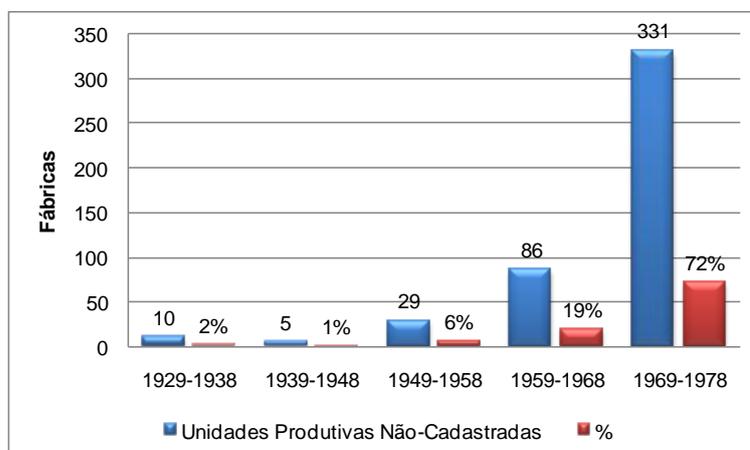


Gráfico 10: São Bento (1929-1978): Unidades produtivas não-cadastradas por classe de ano e início da produção.
Fonte: Adaptado de Rocha (1983, p. 106).

Na divisão do trabalho, produzida em função da conformação do período técnico-

científico manufatureiro, isto é, o espaço resultante das ações das manufaturas as quais trouxeram ou trazem consigo o investimento privado em público em ciência e informação (CARNEIRO, 2006), em todos os espaços das redes houve transformações na divisão social do trabalho entre homens e mulheres. Estas, mas não exclusivamente, se ocupam do que Carneiro (2001) chama de segunda fase do processo produtivo, isto é, a fase de acabamento das mercadorias, mas também estão presentes no processo de comercialização, particularmente nas feiras de redes (**Gráfico 11**).

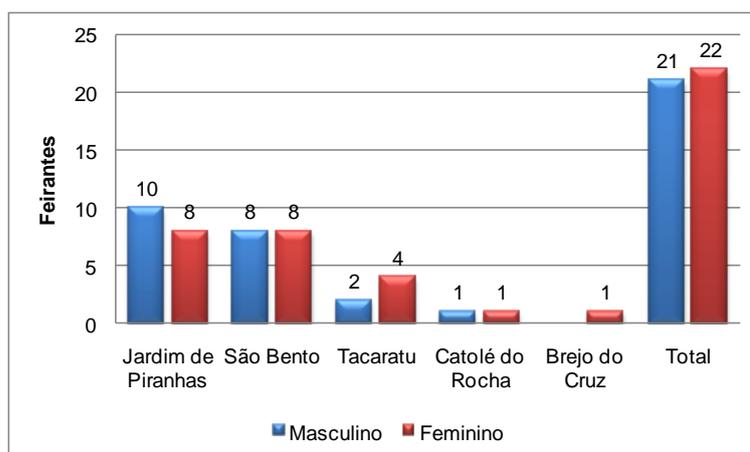


Gráfico 11: Distribuição dos feirantes de redes de dormir, panos de prato, mantas e produtos substitutos, por gênero e municípios de origem.

Fonte: pesquisa de campo, 2008 e 2009.

Segundo Cascudo (2003, p. 25, grifo do autor) “As redes de tecido compacto foram técnica das mulheres portuguesas. A vinda dos teares aperfeiçoou a rede, ampliando-a, enfeitando-a, dando-lhe as franjas, varandas, tornando-a mais macia, confortável, *ornamental*”. A segunda fase do processo produtivo de redes de dormir tem essa *função estética* que a aproxima da arte e da cultura, e que está representada nas varandas (**Foto 6**), no bordado (**Foto 7**) e nas estampas (**Foto 8**).



Foto 6: Tacaratu: adolescente fazendo varandas em rede de dormir.

Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 7: São Bento: rede de dormir bordada à mão.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2006.



Foto 8: São Bento: redes de dormir estampadas secando ao ar livre.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2006.

Por outro lado, comporta uma *função de segurança*, com a inclusão da mamucaba (**Fotos 9 e 10**), isto é, uma faixa estreita tecida por cima das argolas ou “cabeças”, em São Bento e Jardim de Piranhas, que receberam os punhos durante o processo de empunhamento (**Foto 11**). Os punhos, por sua vez, recebem em suas extremidades uma argola feita com cordões, denominada “caré” (**Foto 12**).



Foto 9: Tacaratu: mulher passando a mamucaba em tear de pau.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2006.



Foto 10: São Bento: adolescente passando a mamucaba em tear de pau.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 11: São Bento: empunhamento ou colocação dos cordões que formam o punho da rede de dormir.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 12: São Bento: adolescente fazendo caré ou argola do punho da rede de dormir.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

Em Jaguaruana cabem às mulheres a produção dos elementos acessórios, como franjas e varandas, diz Pessoa (2003, p. 33) ao passo que Rocha (1978) afirma, no caso de São Bento, que as mulheres passaram a se ocupar da fase de acabamento com a introdução da manufatura ao processo de produção. A “sociedade do capital”, segundo Zaoual (2006, p. 62) “É um imaginário conquistador sobre o homem e sobre a natureza”, isto significa que o mundo subjetivo e o mundo objetivo encontram-se invadidos por este imaginário da dominação, ou seja, da colonização propiciada pelo mundo do mercado.

No entanto, “Mais intenso que o mecanismo do mercado, o sítio é portador de uma pluralidade de modos de coordenação (dádiva, solidariedade, reciprocidade, cooperação, socialização, aprendizagem recíproca etc.)” (ZAOUAL, 2006, p. 18). Muitos destes modos são possíveis de perceber nos espaços das redes, os quais acrescentaremos três tipos básicos, a *sinceridade*, a *correção* e a *verdade*. Cada um destes três modos representa um mundo particular, o subjetivo, intersubjetivo e objetivo. A produção dos mundos objetivos das sociedades que formam os espaços das redes foi condição de origem e desenvolvimento de seus mundos sistêmicos têxteis de fabricação de redes de dormir e com ele seu mundo subjetivo e social.

A imbricação destes mundos não permite proposições simplistas sobre o motor da construção territorial em cada lugar a partir do momento em que se dá a colonização sistêmica, seja do sistema econômico ou do Estado e suas instituições, sobre o mundo da vida local partilhado intersubjetivamente. Todavia, a origem do sistema produtivo artesanal de redes de dormir em diversos lugares da região Nordeste brasileira esteve ligada à existência local, em um primeiro momento, de um sistema objetivo de coisas e, em um segundo, de um sistema de objetos vinculados ao sistema de ações teleológicas de fabricação destes bens.

Por mundo social entende-se a “[...] totalidade das relações interpessoais legitimamente reguladas” (HABERMAS, 2003c, v. II, p. 171, tradução nossa)⁸ que vão sendo produzidas durante os processos de socialização e objetivação, ou seja, a partir da reprodução social no interior de cada comunidade de linguagem, a dos trabalhadores, dos empresários, dos feirantes (**Foto 13**), dos redeiros, dentre outros inúmeros agentes sociais que partilham um mesmo mundo vivido.

⁸ “[...] totalidad de las relaciones interpersonales legítimamente reguladas”



Foto 13: Tacaratu: reprodução social do mundo vivido da indústria têxtil.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

Como salienta Melo (2006, p. 73), a fabricação de redes de dormir em Jardim de Piranhas “[...] surgiu a partir da década de 1970, com apenas uma indústria. Apresenta-se hoje como principal fonte de emprego e renda para o município”, tendo se originado pela ação de um pequeno empresário local que trouxe para a cidade alguns teares manuais de São Bento, onde já se fabricavam redes de dormir desde o final do século XIX (CARNEIRO, 2006). Segundo Leal (2007, p. 16-17, grifo nosso) em Jardim de Piranhas “No princípio, produziam redes, diante da concorrência de São Bento na Paraíba, cidade vizinha, algumas empresas iniciaram a confecção de um novo produto a partir dos sacos de algodão utilizados para embalar açúcar, o *pano de prato*”.

Nessa década, a produção de redes de dormir era o carro-chefe da tecelagem de Jardim de Piranhas e estava ligada aos circuitos de fluxos inferiores informais, cujas ações se realizavam no circuito espacial da produção local, circunscrito a seu município. Essa técnica foi copiada por outros empresários locais que começaram a adquirir maquinários usados, sobretudo das cidades paulistas de Americana, Nova Odessa e Santa Bárbara (INFORMAÇÃO VERBAL, 2008)⁹. Esse fato contribuiu para surgir nesse município um novo período técnico, marcado pelo uso de objetos técnicos-científicos-informacionais (SANTOS, 1999).

O período técnico-científico-informacional maquinofatureiro dos espaços das redes é responsável também pela consolidação e expansão sócioespacial do capital, ou em outras palavras, da invasão do mundo vivido de todos, de sua cultura, normas sociais e sistema de objetos pelo mundo do sistema. Os espaços das redes resultaram de processos internos de crescimento econômico e desenvolvimento cultural, da construção de uma cultura diferenciada baseada num acervo de saber ligado a produção de um conjunto de

⁹ De acordo com informações verbais de dono de depósito de produtos químicos. A expressão depósito aqui é um termo típico desse mundo da vida. É usada para designar os estabelecimentos comerciais abastecedores, isto é, determinados estabelecimentos destinados à venda de matérias-primas à indústria têxtil. Quais sejam essas matérias-primas: fios, cordões, tintas, cloro, máquinas, peças, acessórios, dentre outras.

linguagens, objetos e normas.

A origem do mundo sistêmico dos espaços das redes, inicialmente com seus circuitos de fluxos inferiores e seu circuito espacial da produção local está ligada à produção de um *espaço comunicativo*, compartilhado por todos. Hartshorne (1978, p. 16) nos lembra que “[...] desde muito cedo, no decurso da evolução da humanidade, o homem descobriu que o seu mundo variava acentuadamente de lugar a lugar” e que tal variação é resultante e condição das capacidades variáveis das ações humanas em conseguir o entendimento mútuo ou provocar algo em alguém ou no mundo objetivo.

3 AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DOS MUNDOS VIVIDOS E DOS MUNDOS SISTÊMICOS DOS ESPAÇOS DAS REDES DE DORMIR

Enquanto Jardim de Piranhas e São Bento são municípios contíguos e formam em conjunto uma região, Jaguaruana-CE e Tacaratu-PE são afastadas entre si e com relação à eles. Lembra-nos Hartshorne (1978, p. 16) “O fato de todas as áreas da terra diferirem umas das outras desperta também um interesse especial em qualquer caso em que áreas separadas se afiguram semelhantes”.

As ações regidas por normas se expressam, nos municípios das redes de dormir, dentre outras, pela informalidade da economia, pela ilegalidade da produção (incorreção normativa), que se expressa, dentre outros, no trabalho infantil (**Foto 14**) e no transporte dos redeiros. Tais ações possibilitam a expansão do agir estratégico ou de influenciação e da manipulação, e “Manipular consiste de fato em construir uma *imagem* do real que tenha a aparência de *ser o real*” (BRETON, 1999, p. 15, grifo do autor). “as interações [...] em que pelo menos um dos participantes pretende com seus atos de fala provocar efeitos perlocucionários em seu interlocutor as considero como ação estrategicamente mediada linguisticamente” (HABERMAS, 2003b, v. I p. 378, tradução nossa)¹⁰ o que pode ser expresso nos atos de fala dos produtores de redes de dormir do circuito de fluxos superior secundário que alegam não terem condições de formalizar suas atividades, ainda que em certos casos o Estado tenha contribuído para tal.



Foto 14: Tacaratu: criança enchendo espulas em espuladeira elétrica.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

O trabalho infantil nos espaços das redes está diretamente ligado às atividades dos circuitos de fluxos inferiores, especialmente do circuito de fluxos inferior informal composto pelas unidades de produção familiar, unidades de produção doméstica e pequenas empresas. Assim, tanto em Tacaratu, Jardim de Piranhas, Jaguaruana e São Bento é

¹⁰ Las interacciones [...] en que a lo menos uno de los participantes pretende con sus actos de habla provocar efectos perlocucionarios en su interlocutor las considero como acción estrategicamente mediada linguisticamente”

elevado o uso de trabalho infantil, sobretudo ligado às atividades do circuito de fluxos inferior informal, formado pelas microempresas e unidades de produção familiar e doméstica, bem como no interior das famílias que prestam serviços pessoais para as fábricas. Tomando-se a informalidade da indústria têxtil de São Bento como exemplo (**Gráfico 12**), nota-se que esta foi sempre elevada no tempo, acima de 200 empresas, espalhadas tanto pela zona urbana quanto pela zona rural, o que reafirma a realidade nacional (**Gráfico 13**), pois ocorreu um aumento de 10% da informalidade econômica quando se compara o ano de 1997 a 2003 (BRASIL, 2003).

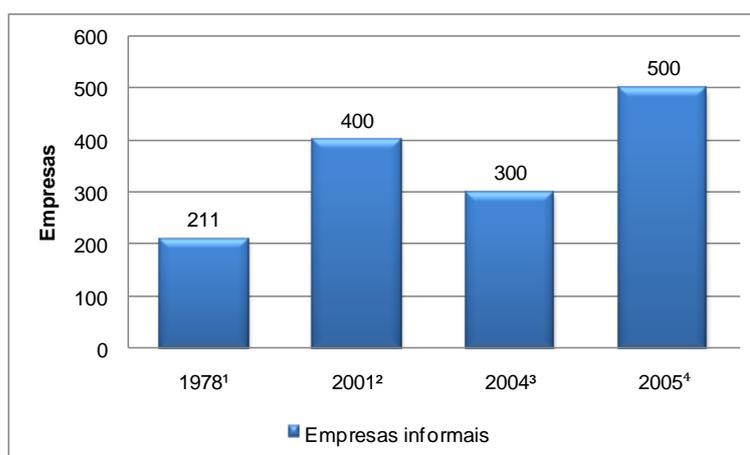


Gráfico 12: São Bento: informalidade de sua indústria têxtil.
Fonte: ¹Rocha (1983). ²Carneiro (2001). ³Haddad (2004). ⁴Carneiro (2006).

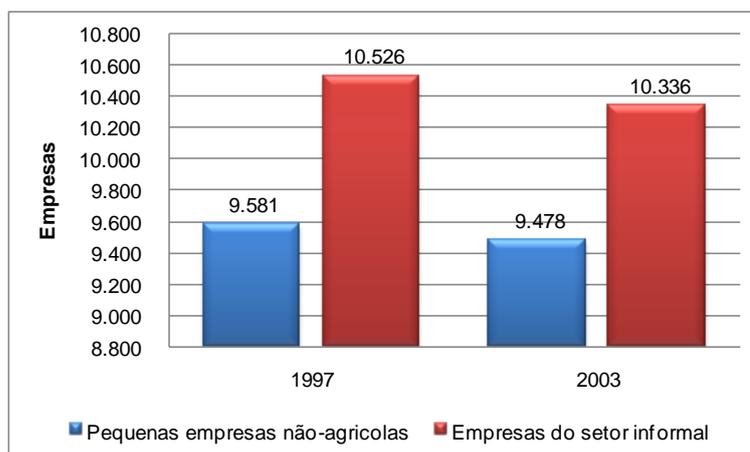


Gráfico 13: Brasil (1997-2003): Evolução dos pequenos empreendimentos na área urbana.
Fonte: Brasil (2003).

I. Oliveira (2004) afirma, para Jardim de Piranhas, que o uso do trabalho infantil em sua indústria têxtil está ligado por três condições: a força da ideologia presente no trabalho, na qual as famílias inserem precocemente seus filhos no mercado de trabalho e cuja consequência é a naturalização do trabalho infantil; o trabalho como elemento dignificante do homem, o qual afasta a criança da rua e é elemento de formação da masculinidade, do “cabra macho”, e que favorece a exploração capitalista e a falta de importância dada a

escola, o que traz implicações de ordem físicas, morais e psicológicas para as crianças, além de contribuir para o avanço e a manutenção da pobreza local e regional.

“Dessa forma, ao ressuscitar a região, econômica e socialmente, o sistema capitalista recupera o espaço para o diferente, o diverso, o plural, o heterogêneo. [...], portanto, alternativas das múltiplas regiões no processo de desenvolvimento global” (BECKER, 2003, p. 47). No que tange a Tacaratu, porém, trata-se de um local produtivo, cujo embrião de um circuito espacial da produção regional foi identificado por Santos e Carneiro (2009) a partir das interações deste município com outros municípios adjacentes, incluindo de um lado Petrolândia, o qual através de suas empresas presta serviço à produção de Tacaratu no que tange a estampagem de algumas mercadorias e, de outro, Paulo Afonso, na Bahia, cujas rendeiras locais fazem bordados nas redes de dormir e demais produtos.

Tanto em São Bento quanto em Tacaratu nota-se no campo a presença dos objetos técnicos-científicos-informacionais diretamente ligados à indústria têxtil, neste caso o algodão colorido desenvolvido pela EMBRAPA da Paraíba. No primeiro município a Redes Santa Luzia (**Foto 15**), empresa do circuito de fluxos superior secundário, planta e terceiriza o seu beneficiamento com a contratação dos serviços de fiações, já no segundo este processo é feito artesanalmente por tecelãs (JERÔNIMO, 2003, p. 11) em suas empresas do circuito de fluxos inferior informal ou do circuito de fluxos inferior formal.



Foto 15: São Bento: loja da fábrica das Redes Santa Luzia.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2005.

Das décadas de 1970 a 1990 observa-se em Jardim de Piranhas e Tacaratu o predomínio de uma produção manufatureira, embora “Neste último município, as manufaturas ainda se fazem presentes, mas foram suplantadas numericamente pela maquinofatura, dando origem a um novo meio técnico” (SANTOS; CARNEIRO, 2009, p. 6). Tal fato já fora identificado por Castro, Zidanes e Melo (2007) ao afirmarem que neste município “A maior parte dos tecelões utiliza o tear elétrico para confeccionar seus produtos”

(Foto 16).



Foto 16: Tacaratu: fabricação de tapete em tear elétrico
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

Esta realidade homogênea e heterogênea ao mesmo tempo, também se expressam na estrutura subjetiva, social e objetiva dos mundos vividos dos espaços das redes, conforme as articulações destes com os circuitos de fluxos sociais presentes em cada lugar.

3.1 A estrutura objetiva, subjetiva e social dos mundos vividos dos espaços das redes de dormir

O mundo vivido apresenta uma estrutura tridimensional afirma Habermas (1990a), a cultura, a sociedade e a personalidade, cujo conjunto articulado conforma o espaço. Ambas estão reguladas pelo uso do saber em atos de fala instrumental ou comunicativos, portanto, pela razão e ação comunicativas e razão e ação instrumental e estratégica. “Mediante la resolución de las tensiones tenemos una cofabricación del sujeto y del lugar. Cultura y acción se encuentran inscritas en la misma dinámica. La acción no es un resultado de la cultura, al contrario, se lleva a cabo en y por la cultura”. (BERDOULAY, 2002, p. 55).

Jardim de Piranhas, Tacaratu, Jaguaruana e São Bento apresentam estruturas espaciais variadas, assim, a estrutura objetiva é visível, sobretudo a partir dos seus sistemas de objetos, presentes nas empresas e no meio; a estrutura social nos dá o conjunto das normas locais e a subjetiva a identidade humana com o lugar que habita. Neste último aspecto o uso do trabalho infantil é exemplar desta personalidade local, pois em ambos os municípios está presente, particularmente nas empresas do circuito de fluxos sociais inferiores. Segundo Campos e Francischini (2003, p. 121) em Jardim de Piranhas “Além de ser decorrente da pobreza generalizada, a exploração do trabalho infantil no interior das tecelagens reflete o baixo grau de regulação a que está submetido o trabalho no município e alto de desorganização dos trabalhadores”, expresso na ausência histórica de

sindicatos.

Seguindo Bourdin (2001, p. 97) pode-se dizer que “O sucesso dos lugares de memória se traduz em termos de consumo”. Percebem-se tais lugares em São Bento e Tacaratu, com mais intensidade no primeiro, quando se compara a feira de redes e produtos substitutos que se realizam em seus territórios. A feira da pedra (**Fotos 17, 18, 19, 21, 22 e 23**), por suas dimensões espaciais, seja a física ou a da comercialização já que de diferentes estados brasileiros recebe compradores, se fixa na memória dos viajantes como a “feira da pedra” ou a “maior do Brasil”.



Foto 17: São Bento: aspecto da “feira da pedra”.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 18 “Feira da pedra” de São Bento: destaque para as toalhas “importadas” do Chile.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 19: “Feira da pedra” de São Bento: produtos artesanais comercializados por feirante de Brejo do Cruz.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 20: “Feira da pedra” de São Bento: chapéus sendo comercializados por feirante de Caicó.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 21: “Feira da pedra” de São Bento: conjuntos para cozinha comercializados por feirante de Jardim de Piranhas.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 22: “Feira da pedra” de São Bento: conjuntos para cama comercializados por feirante Jardim de Piranhas.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 23: “Feira da pedra” de São Bento: panos de prato comercializados por feirante de Jardim de Piranhas.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

A Cooperativa de Produtores Têxteis de Jardim de Piranhas (Cooptêxtil) foi criada em 2007 com 29 cooperados e “O vetor da criação dessa Cooperativa foi a necessidade sentida por um grupo de empresários, já organizados em uma Associação – a ASITEX – [...] que desejavam ir além da representação empresarial” (COOPTÊXTEL, 2007, p. 7). Baseado na produção de panos de prato a indústria têxtil de Jardim de Piranhas “É o maior pólo do ramo no Nordeste” (SEBRAE, 2007, p. 110).

Para Bezerra, Santos e Silva (2001) o sistema de produção têxtil de Caraibeiras se dá através da terceirização e utilização da mão-de-obra doméstica. Esta terceirização refere-se à enorme utilização dos serviços pessoais das feiteiras para o acabamento das mercadorias. Estes dois caracteres estão presentes em São Bento e Jardim de Piranhas.

Em São Bento e Jaguaruana evidenciam-se articulações de suas áreas rurais e urbanas, pela concentração maior das atividades dos circuitos de fluxos sociais de redes de dormir aí se localizarem bem como por encontrarem-se difusas naqueles ao passo que em Tacaratu nota-se uma submissão da cidade ao campo, em função da concentração industrial nesta área e sua ausência naquela. Como assinala Veiga (2000, p. 150) “O fato de atividades primárias estarem forçosamente muito mais presentes nas zonas rurais não

significa que os outros dois tipos sejam necessariamente muito mais recorrentes nas zonas urbanas”, isto é, as atividades secundárias e terciárias.

Há enorme desconfiança e individualidade entre os produtores de São Bento, Jardim de Piranhas e Jaguaruana o que revela a forte presença da razão e ação instrumental e estratégica nos espaços das redes, apesar da construção de Associações e Cooperativas nestes municípios. Como ilustra Pessoa (2003, p. 44) para Jaguaruana cujos produtores mais bem sucedidos fundaram uma cooperativa e cujas “[...] relações de desconfiança entre os membros dessa instituição tornaram inviáveis as negociações”. Santos, Diniz e Barbosa (2004, p. 158) argumentam que uma *cooperação multilateral*, aquela coordenada por uma instituição representativa de associação coletiva com autonomia decisória, a exemplo de uma Cooperativa, para funcionar de forma adequada pode depender da proximidade local, elevado nível de confiança e senso de comunidade.

Tanto em Jaguaruana quanto em Jardim de Piranhas e São Bento as Associações de produtores e Cooperativas são formadas pelas empresas de médio e grande porte local, as que formam o circuito de fluxos superior secundário e agem no circuito espacial da produção nacional ou mesmo no circuito espacial da produção internacional, não contemplando as pequenas empresas, aquelas que formam o circuito de fluxos sociais inferiores formais e informais e agem no circuito espacial da produção local ou regional.

Conforme assinala Pessoa (2003, p. 28) após o Plano Real em Jaguaruana o preço das mercadorias produzidas, particularmente das redes de dormir, não acompanhou o aumento causado pela elevação dos preços em geral. Tal fato também se observa em São Bento e Jardim de Piranhas, cujo preço do fio de algodão, principal insumo industrial local, tem aumentado na última década, mas cujo percentual não tem sido acrescido aos produtos finais.

“A proximidade no espaço social, ao contrário, predispõe à aproximação: as pessoas inscritas em um setor restrito do espaço serão ao mesmo tempo mais próximas [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 25). Este fato deveria levar os trabalhadores dos espaços das redes a se unirem, no entanto, em nenhum município há sindicatos que possam proteger a vida dos operários fabris bem como seus mundos subjetivo, social e objetivo. Concordamos, assim, com Smith (2002, p. 134) “No sólo es la fragilidad y transitoriedad de las relaciones sociales contemporáneas expresa ‘en’ el espacio, la producción del espacio es cada vez más el medio/recurso a través del cual la diferencia social se construye e se reconstruye”.

“As linguagens naturais conservam os conteúdos tradicionais” (HABERMAS, 2003c, v. II, p. 178). Observam-se em Tacaratu algumas diferenciações lingüísticas nas terminologias empregadas para definir as tarefas produtivas que se diferenciam dos demais municípios, assim, o que lá se chama de “enrocadeira” em São Bento e Jardim de Piranhas, atribui-se o nome de “conicaleira”, ou seja, uma máquina cuja função é produzir

cordões finos para serem usados na elaboração das varandas das redes de dormir (**Fotos 24 e 25**). Estas diferenciações conservam o conteúdo cultural local mediante os processos de socialização e intersubjetividade, pois são transmitidos temporalmente.



Foto 24: Tacaratu: "Enrrocadeira" ou máquina utilizada para preparar os fios para urdição.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 25: São Bento: Conicaleira industrial à esquerda e à frente Conicaleira inventada localmente para ampliar a produtividade.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

O meio técnico-científico-informacional maquinofatureiro de Jardim de Piranhas teve sua origem na década de 1980, quando se começa a alterar a base tecnológica empregada na produção. Em outras palavras, os teares manuais começam a ser substituídos por teares elétricos, ainda que antigos e de segunda mão, uma vez que provinham das indústrias têxteis da Região Sudeste do Brasil.

Os objetos técnicos-científicos-informacionais se fazem presente nas empresas têxteis de Jardim de Piranhas, assim como no seu espaço, de forma incipiente. O caso do microcomputador e dos serviços online expresso no uso de sites e e-mails ainda é pequeno, mas já se fazem presentes. Assim, as empresas Enxutex, Decorabem e Tecelagem Silva, dentre outras já dispõem de sites próprios.

Em termos de maquinários, poucas empresas possuem equipamentos considerados modernos. "Com realidade ainda bem mais precária se encontra Tacaratu, já que seu meio

geográfico pouco vivencia essa realidade espacial, tendo em vista seu sistema de objetos muito incipiente no espaço e na sua indústria têxtil” (SANTOS; CARNEIRO, 2009, p. 6).

Com a participação das empresas na ASITEX e COOPTÊXTIL, muitas melhorias foram verificadas em Jardim de Piranhas. Assim, houve facilidade de acesso a crédito e que até então não havia, melhorias na gestão empresarial, ampliação da eficiência produtiva através da implantação dos cursos de capacitação (**Foto 26**) os quais neste caso atenderam 120 costureiras no ano de 2006 (SEBRAE, 2007, p. 111). Como assinala Boisier (2001, p. 10) “La necesidad de adquirir permanentemente nuevo conocimiento se convierte en un imperativo para quien dirige una empresa tanto como para quien dirige un gobierno territorial o un organismo de fomento del desarrollo así como, en ultimo termino, para cualquier individuo”. Esta realidade revela a introdução da tecnologia nos espaços das redes, já que todos eles a experimentam hoje, isto é, “[...] a aplicação sistemática de conhecimentos organizados e científicos para a solução de tarefas práticas” (RATTNER, 1980, p. 57).



Foto 26: Jardim de Piranhas: sala para cursos e treinamentos da ASITEX.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.

“Os homens aspiram a certos fins, mas estes estão determinados pelas circunstancias, as quais, de resto, modificam tais esforços e aspirações, produzindo desse modo resultados que divergem dos fins inicialmente colocados, etc.” (HELLER, 2000, p. 1). Assim acontece com a ASITEX (**Foto 27**) em Jardim de Piranhas cujas aspirações de cooperação não apagaram até o momento as ações instrumentais de competição entres os associados, assim, diz o presidente da ASITEX “Continuamos concorrendo, mas estamos unidos” (SETOR TEXTIL, 2007). O mesmo acontece com o Consórcio de Redes de São Bento, cujo objetivo de exportação não logrou passados oito anos de sua criação¹¹ (Informação verbal). É assim que “O espaço que, *para* o processo produtivo, une os homens, é o espaço que, *por* esse mesmo processo produtivo, os separa” (SANTOS, 1982b, p. 22).

¹¹ Informação obtida junto a produtor associado a este consórcio em abril de 2009.



Foto 27: Jardim de Piranhas: Sede da ASITEX no centro da cidade.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.

3.2 Os circuitos de fluxos socioespaciais dos espaços das redes de dormir e seus mundos sistêmicos do mercado

Em 1960 “Mais de 650 mil redes, em 378 fábricas reais, são feitas e vendidas, anualmente, no Norte brasileiro” (CASCUDO, 2003, p. 15). Esta descrição denota bem o atual estágio produtivo das redes de dormir, pois apenas no município de São Bento a produção média anual de 34 tecelagens em 2001 chegou a 1000.000 de redes de dormir. “Um bom tecelão executa 15 redes por dia, mas a média oscila em torno de 12 redes/dia do tipo comum, porque existem, tipos como o ‘Branco Piquet’ que exigem um tecelão especializado que opera 4 cruzetas no Tear, ganhando mais do que o usual” (EGLER, 1984, p. 65), assim, esta é a realidade sobretudo de Tacaratu e Jaguaruana, cujas manufaturas ainda se fazem presentes, apesar de os mesmo estarem vivenciando o emergir dos seus períodos técnicos-científicos-informacionais e comunicacionais maquinofatureiros.

“A partir de 1980, há uma expansão do artesanato em Tacaratu e, acentua-se cada vez mais a associação da produção de subsistência ao artesanato e a substituição da incipiente lavoura comercial por atividades não-agrícolas, comandadas notadamente pelo artesanato [...]” (SELVA, 2003 apud SELVA; BICALHO, [2006]). “A expansão do artesanato iniciou-se na sede do Distrito de Caraipeiras e se deu através de dois caminhos: pela introdução do tear elétrico aumentando consideravelmente a produção e pelo aumento do número de grandes tecelões e comerciantes de fios que ampliaram a produção pelos sítios controlando a produção” (SELVA; BICALHO, [2006]). Em São Bento este controle comercial da produção se deu pela “atividade de troca de fio por rede pronta”, segundo Rocha (1983, p. 41), nas primeiras décadas do século XX, durante o predomínio do que Carneiro (2006) definiu como o *período técnico artesanal* local.

De acordo com Pessoa (2003, p. 42) os produtores informais de Jaguaruana comercializam seus produtos basicamente em Fortaleza, ao passo que os de Jardim de Piranhas e os de São Bento os fazem na “feira da pedra”, realizada nas segundas-feiras, neste município paraibano (**Gráfico 14**). Tal feira é destino também dos produtores de Caicó, Rio Grande do Norte, Catolé do Rocha, Paulista, Brejo do Cruz, Pombal e Aparecida, ambos localizados na Paraíba, enfim, dos produtores que atuam no circuito espacial da produção regional da indústria têxtil de São Bento (CARNEIRO, 2006).

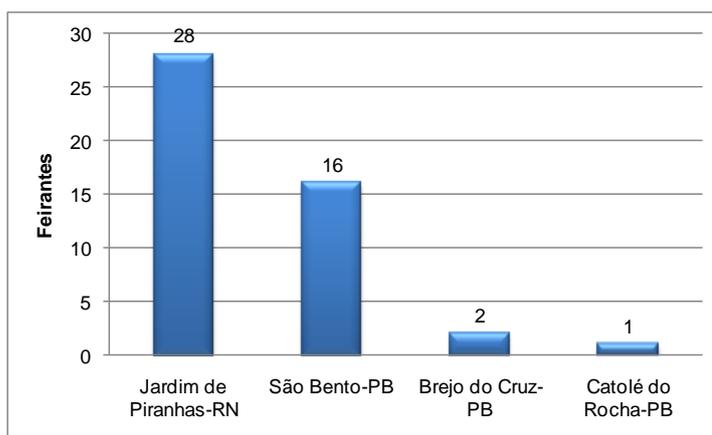


Gráfico 14: Feirantes da feira da pedra, em São Bento*.

Fonte: pesquisa de campo, 2009.-.

* A maioria dos feirantes locais são de São Bento, o fato de Jardim de Piranhas apresentar maior número neste gráfico, deve-se a opção metodológica a qual quis enfatizar a presença dos produtos têxteis deste município norte-rio-grandense.

Como assinala Pessoa (2003, p. 36) para Jaguaruana os cursos oferecidos pelo SEBRAE para capacitação da mão-de-obra visando auxiliar o arranjo produtivo local não são acessíveis a todos os produtores. Carneiro (2006) mostrou que este fato também se verifica em São Bento e pode ser visto hoje também em Jardim de Piranhas e Tacaratu, cuja pequena parte dos produtores tem acesso aos serviços à produção ofertados pelas instituições governamentais.

As empresas do circuito de fluxos superior secundário encontram-se formando as associações de produtores em São Bento, Jaguaruana e Jardim de Piranhas. Em ambos os casos a produção local passa a ser normatizada pelas instituições estatais, que apregoam com a teoria dos arranjos produtivos locais modelos semelhantes de desenvolvimento local. Assim, ocorrem treinamentos, cursos de capacitação sobre custos, gestão, cooperativismo e outros através do SEBRAE e outros parceiros institucionais.

Em Jaguaruana identificam-se inter-relações entre produtores ligados a Associação dos Fabricantes de Redes de Dormir de Jaguaruana (ASFARJA) (SCIPIÃO, 2004), o mesmo ocorrendo em São Bento e Jardim de Piranhas. No caso de São Bento, nota-se maior articulação entre produtores do circuito superior secundário e os do circuito inferior informal e formal em função da terceirização de parte da produção, neste caso com o fornecimento

de fios e tintas e sua troca por mercadorias. Este processo, iniciado na década de 1960 em São Bento, quando da introdução e expansão das manufaturas, e consolidado na década de 1970, com a mecanização produtiva exemplifica a dependência do circuito inferior frente ao circuito superior da economia (SANTOS, 1979).

Enquanto as ações de entendimento cumprem a função reprodutiva das componentes simbólicas do espaço as teleológicas reproduzem a materialidade deste (HABERMAS, 2003a, 2003c, v. II, p. 197). Assim, os circuitos de fluxos sociais que em um dado contexto serve para destruir as tradições culturais, as formas de solidariedade e as personalidades em outros contribui para sua preservação de tal modo que é possível admitir com Bachelard (2000, p. 31) que “O espaço convida à ação, e antes da ação a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra”.

É bastante variável o período de surgimento das empresas do pólo têxtil de Jardim de Piranhas (**Gráfico 15**). Tal surgimento se deu em conformidade com as mudanças espaciais ocorridas em suas adjacências e de âmbito nacional, responsáveis pelo desenvolvimento técnico, espacial e social desigual. Em Tacaratu, por sua vez, observa-se uma uniformidade quanto ao intervalo de ano de criação das empresas (**Gráfico 16**).

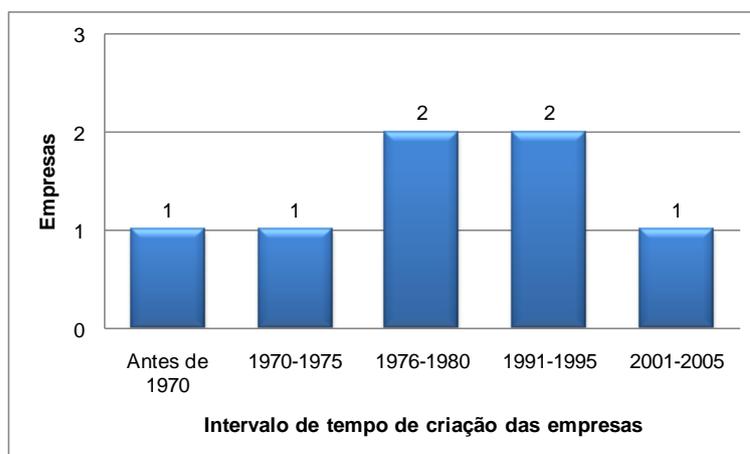


Gráfico 15: Jardim de Piranhas: ano de criação das tecelagens por intervalo de ano
Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

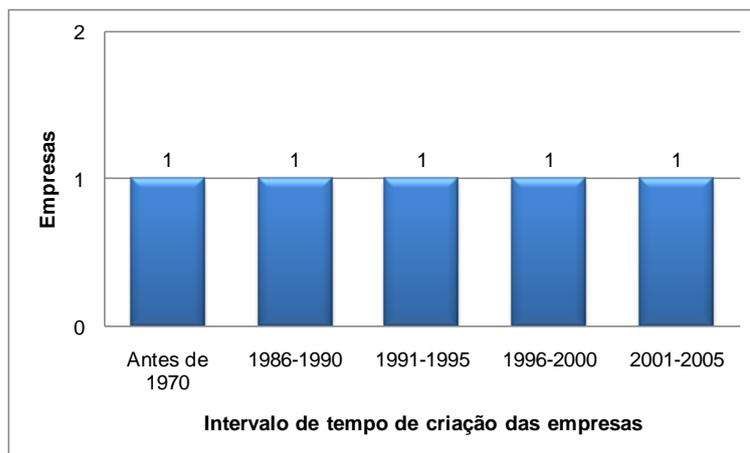


Gráfico 16: Tacaratu: ano de criação das tecelagens por intervalo de ano
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

A maioria das tecelagens de Jardim de Piranhas se concentra na área urbana do município, afetando indiretamente o campo, pois são poucas as empresas que aí se localizam. Em São Bento, suas indústrias fragmentam suas atividades de produção e acabamento aos sítios, isto é, à área rural do município, onde se localiza o restante das empresas locais, bem como para os diversos municípios dentro do seu circuito espacial da produção regional. No caso de Tacaratu, a produção limita-se praticamente ao distrito de Caraibeiras, ficando algumas partes do acabamento, como pintura e bordados, divididos entre Petrolândia e Paulo Afonso, respectivamente.

No que diz respeito à comercialização das mercadorias de Jardim de Piranhas, há um circuito espacial da produção nacional cujos fluxos avançam por todo o território nacional, embora com menor intensidade para a Região Sudeste e Sul do país, o que tem a ver, em grande parte, ao tipo de produto fabricado neste município norte-rio-grandense, o pano de prato e a concorrência de grandes empresas do circuito superior não-hegemônico do ramo têxtil. Dizia Cascudo (2003, p. 33, grifo nosso) que “Para as raias de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul o clima não favorecia o *embalo* e sim a dormida fixa, perto do lume aquecedor, esteira de couro de boi ou de outro animal, conservando a pelagem inteira, mantendo aquecimento mais duradouro”. O sul do país ainda hoje é um mercado pouco atrativo para o balanço das redes de dormir, mas importantíssimo, porém, para as mantas ou cobertores.

Por outro lado, comercializando através de seus redeiros para os países do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), bloco econômico formado por Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela, as empresas do circuito de fluxos superior secundário de Jardim de Piranhas filiadas à ASITEX atuam também em um circuito espacial da produção internacional ainda que por meio de comercialização direta, sem exportação.

A comercialização da produção nos espaços das redes, portanto, é feita, sobretudo, pelos redeiros, representantes das empresas, lojas da fábrica, internet, venda direta e por

telefone. Percebe-se, pois, diferentes formas/práticas comerciais, multiplicada pelo sistema de entrega das mercadorias por meio de transportadoras de outras cidades e transporte próprio do empresário. O turismo nacional é uma atividade motriz desta comercialização, assim, em cada região ou estado os redeiros são atraídos pelos períodos de atratividade econômica ou cultural, como festas e turismo. “El turismo no es sólo un modo de ocupación del tiempo libre, sino una importante actividad económica que resulta de la transformación del espacio en mercancía de uso y consumo” (MARTÍN; BENITO, 2009, p. 443).

Para Maillat (2002, p. 10) “[...] não se pode negligenciar o fato de certas regiões tornarem-se muito mais atrativas que outras, em razão da importância crescente que tomam as novas tecnologias de informação e de comunicação”. Neste particular, São Bento dispendo de sistemas de telefonia móvel da OI, TIM, VIVO e CLARO tem apresentado vantagens locacionais frente à Jardim de Piranhas e Tacaratu que não as possui, limitando-se a telefonia fixa. É assim que a informação aparece como servindo ao consumo e esta relação como sendo um dado explicativo do espaço (SANTOS, 1979, p. 28), ou seja, “O que diferencia os lugares do ponto de vista da sua competitividade no espaço regional e nacional, é a sua capacidade de concentrar infraestrutura necessária ao desenvolvimento do processo de reprodução” (CARLOS, 1996, p. 44).

Para Porter (1986, p. 22) “A essência da formulação de uma estratégia competitiva é relacionar uma companhia ao seu meio ambiente”. Tal ação envolve um esforço extraordinário em duas direções, uma primeira ligada ao agir comunicativo pressupõe uma busca interna a este meio para esta formulação, a segunda estaria externamente situada e amparada no agir instrumental e no agir estratégico. Nos espaços das redes nenhum dos dois esforços tem prevalecido, no primeiro em função da razão instrumental ter suplantado a razão comunicativa, logo a cooperação ter cedido lugar à competição e, no segundo, pela presença-ausente dos Estados, seja o municipal, estadual ou federal, isto é, de sua não intervenção no desenvolvimento industrial e local. Recentemente, assiste-se a uma presença estatal e de suas instituições na construção destas estratégias competitivas, em maior ou menor intensidade conforme os lugares e o jogo de forças políticas nele presentes.

3.3 O poder político como intermédio entre os mundos vividos e os circuitos de fluxos sócioespaciais dos espaços das redes de dormir

“O governo pode limitar ou mesmo impedir a entrada em indústrias com controles como licenças de funcionamento e limites ao acesso a matérias-primas [...] (PORTER, 1986, p. 31). A atuação estatal nos espaços das redes de dormir é exemplar, pois tal ação inibiu a atividade têxtil em Pedro II em função do “rigor do fisco” (ARAÚJO J., 1985, 131) e contribuiu para o seu crescimento em São Bento dada a existência passada de certa “benevolência

fiscal” (ROCHA, 1983, p. 51). Como destaca Santos (1982b, p. 14) “Vivemos numa época em que o superestrutural se adianta ao estrutural, não somente ara o seu advento como também para determinar-lhes os contornos”.

“Restrições governamentais mais sutis podem derivar de controles tais como padrões de poluição do ar e da água e índices de segurança e de eficiência do produto” (PORTER, 1986, p. 31). Particularmente hoje, com as questões de geografia econômica ambiental estas intervenções do Estado se tornam cruciais para a entrada de novas empresas em uma indústria. A Monkey Têxtil S.A, de Jardim de Piranhas, por sua proximidade ao rio piranhas e por ser uma empresa do circuito de fluxos superior secundário, teve que arcar com os custos de instalação de uma estação de tratamento de efluentes (Fotos 28, 29, 30 e 31) para fazer frente às restrições governamentais quanto aos seus investimentos. Em longo prazo, porém, tais custos deverão transformar-se em lucros, especialmente quando seu produto estiver diferenciado no interior da indústria.



Foto 28: Jardim de Piranhas: uso de produtos químicos em estação de tratamento de efluentes da Monkey Têxtil S.A., localizada a 100 metros do Rio Piranhas.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.



Foto 29: Jardim de Piranhas: estação de tratamento de efluentes da Monkey Têxtil S.A..
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.



Foto 30: Jardim de Piranhas: estação de tratamento de efluentes da Monkey Têxtil S.A.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.



Foto 31: Jardim de Piranhas: área de secagem da estação de tratamento de efluentes da Monkey Têxtil S.A, com destaque para os resíduos.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.

A indústria têxtil de Jardim de Piranhas possui um elevado potencial de geração de resíduos sólidos e químicos. Dentre as etapas de maior potencial de geração desses resíduos, estão as etapas de tecelagem e corte do tecido, gerando um montante significativo de pêlos, buchas e retalhos, originados da fiação, da tecelagem e do corte do tecido, respectivamente. Por isso a cidade vem sofrendo com o grande impacto da geração desordenada desses resíduos e o despejo em locais inapropriados. Como assinala Sábado (1993, p. 55) “O homem é o primeiro animal que criou seu próprio meio. Mas – ironicamente – é o primeiro animal que dessa forma está se destruindo a si próprio”.

As instituições parceiras dos arranjos produtivos locais dos espaços das redes têm incentivado a construção de vantagens competitivas semelhantes, o que representa a adoção de metodologia proposta pelo SEBRAE, dentre as quais a *diferenciação do produto*. “Diferenciação do produto significa que as empresas estabelecidas têm sua marca identificada e desenvolvem um sentimento de lealdade em seus clientes [...]” (PORTER, 1986, p. 27). Neste particular, destaca-se em São Bento a marca Redes Santa Luzia e em Jardim de Piranhas a marca Monkey Têxtil S.A., em Tacaratu a marca Cooperativa dos

Artesãos Têxtil de Tacaratu (**Foto 32**) e em Jaguaruana a marca ASFARJA.



Foto 32: Tacaratu: Cooperativa dos Artesãos Têxtil de Tacaratu, localizada no distrito de Caraibeiras.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

A presença recente do Estado nos espaços das redes é temporalmente semelhante, assim, em São Bento a origem do Consórcio São Bento: Produtores de Redes da Paraíba data de 2001, através das ações do SEBRAE e Governo da Paraíba, da mesma forma “Em abril de 2001, o Sebrae, por meio do Projeto Sebrae/Xingó, iniciou as ações de capacitação comunitária em Tacaratu, utilizando métodos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS) (JERÔNIMO, 2003, p. 5).

“Há zonas de condensação e zonas de rarefação do dinheiro” (SANTOS, 2006, p. 17), este símbolo do mundo sistêmico sendo também um definidor da diferenciação espacial. Assim, nos espaços das redes nota-se a presença diferencial das agências bancárias. Em Jardim de Piranhas não há bancos, em Tacaratu há uma agência do Banco do Brasil e em São Bento além deste há o Bradesco. A presença dos bancos é representativa da dinâmica econômica local, o que reflete o Produto Interno Bruto (PIB) de cada município formador do espaço das redes (**Gráfico 17**). Assim, percebe-se que o maior PIB, medido em dólares, no período de 2002 a 2005, é o de Jaguaruana, revelando a importância de suas exportações de produtos primários e têxteis, seguido por São Bento, Jardim de Piranhas e Tacaratu. Nota-se um avanço deste último frente a Jardim de Piranhas, cujos dados revelam uma aproximação significativa dos PIB no ano de 2005.

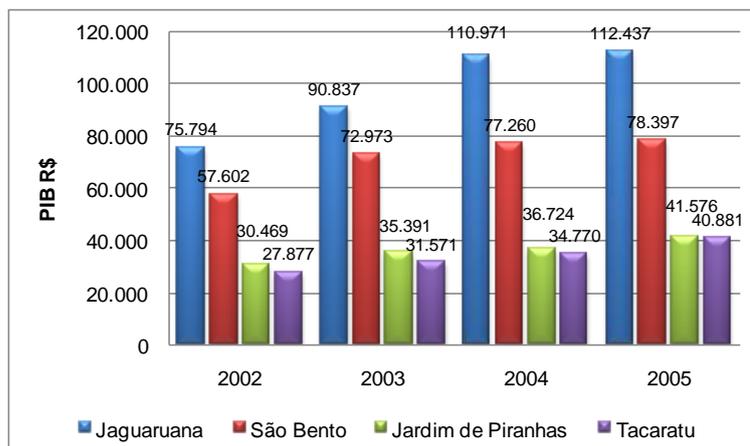


Gráfico 17: Espaço das redes: Produto Interno Bruto (PIB) no período de 2002 a 2005.
Fonte: Adaptado de Brasil (2007d).

Comparativamente ao período de 1999 a 2002 (**Gráfico 18**), porém, nota-se que Jaguaruana e São Bento mantêm suas tendências ascendentes do PIB, ao passo que Jardim de Piranhas e Tacaratu apresentam queda no período de 2001 a 2000. Por outro lado, este município pernambucano, cujo PIB no intervalo de 1999 a 2002 foi mais elevado que o município norte-rio-grandense foi ultrapassado por este no período de 2002 a 2005. O destaque no período de 1999 a 2004 foi São Bento, cujo PIB muito próximo ao de Jardim de Piranhas e Tacaratu, entre 1999 e 2002, se distanciou dos mesmos entre 2002 e 2005.

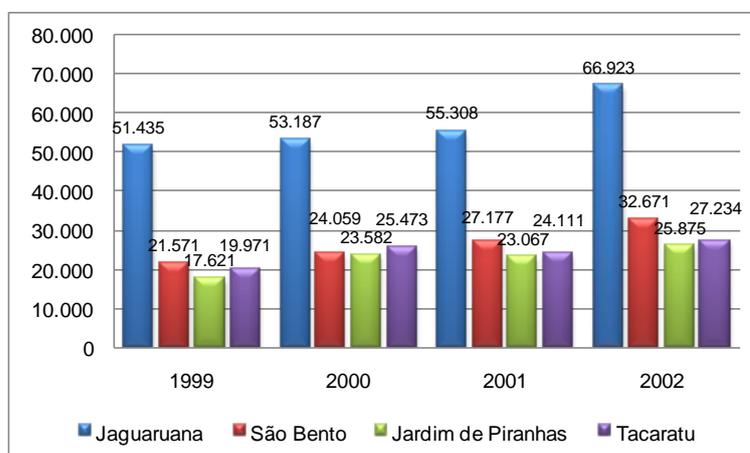


Gráfico 18: Espaços das redes: Produto Interno Bruto (PIB) no período de 1999 a 2002.
Fonte: Adaptado de Brasil. (2005d).

Uma das atividades básica do SEBRAE em seus projetos de desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais é o fortalecimento do associativismo, assim, por exemplo, no caso de Tacaratu, ele buscou, segundo Jerônimo (2003, p. 6) “Estimular, organizar e capacitar grupos de empreendedores e empresários em formas associativas de organização do trabalho”. Neste sentido, nota-se que o mundo vivido dos espaços das redes tem passado por uma reconfiguração sistêmica, com a subordinação do agir comunicativo a razão instrumental. No dizer de Santos (1982b, p. 18) “[...] é doravante impossível analisar o

espaço e sua evolução sem levar em conta o papel do Estado na vida econômica e social”.

“As empresas nasceram sozinhas, sem nenhum apoio de quaisquer instituições, e tiveram que superar dificuldades colocadas pelo contexto em que se situavam” (MELO, 2006, p. 74). Em Jardim de Piranhas “As primeiras intervenções para a organização da atividade têxtil no município ocorreram em 2004, ano em que o SEBRAE iniciou ações de estímulo ao associativismo e à cooperação” (MELO, 2006, p. 75), três anos após esta instituição ter iniciado suas ações sobre a indústria têxtil de São Bento, isto é, em 2001. Cabe lembrar, com Martinelli e Schoenberger (1994, p. 163) que “Por organización de la producción entendemos tanto la manera en que se fragmenta un proceso de trabajo en fases separadas [...] como la manera en que estas diferentes fases están ligadas entre si”.

“A indústria têxtil de Jardim de Piranhas (ITJP) foi construída ao longo das três últimas décadas sem a interferência de qualquer política pública de desenvolvimento: sem crédito, sem investimentos especiais em infra-estrutura e sem qualquer apoio tecnológico” (RAMOS et. al., 2007, p. 18). “El espacio es inmediato y mediato, es decir, que pertenece a un cierto orden cercano, el orden de la adyacencia, y a un orden má alejado, la sociedad, el Estado” (LEFEBVRE, 1976, p. 38), de tal modo que não é possível analisar como o mundo sistêmico invade o mundo vivido de todos sem considerar como o Estado e suas instituições se apresentam nele e agem sobre ele.

Tal envolvimento, no entanto, é variável, de município para município, estando mais consolidado em Jaguaruana, Tacaratu e Jardim de Piranhas e menos em São Bento, onde o Consórcio de Exportação criado em 2001 não prosperou. Para Veiga (2000, p. 178) “O desenvolvimento é um processo abrangente de expansão do exercício do direito de escolhas individuais. E uma dessas escolhas é o local de vida e de trabalho”. Diniz e Crocco (2006, p. 20), por sua vez, afirmam que “O grande desafio em países de grande dimensão territorial e estrutura federativa, como é o caso do Brasil, é articular os instrumentos federais, estaduais e municipais com as instituições locais, seja com o sistema produtivo e empresarial, seja com as instituições públicas e civis de cada localidade” o que revela a necessidade de fortalecimento do agir orientado para o entendimento expresso, nos espaços das redes, na criação e fortalecimento das associações, cooperativas, sindicatos, dentre outras instituições coordenadoras locais.

A criação de associações e consórcios de exportação nos espaços das redes de dormir favorece a orientação das ações dos agentes locais por fins e sucessos ilocucionários, pois estes só podem ser atingidos em ambientes cooperativos. Fins e sucessos ilocucionários são aqueles, segundo Habermas (1990a, p. 68), que ultrapassam a compreensão do que é dito em atos de fala e que são reconhecidos como verdadeiros.

A institucionalização da produção nos espaços das redes traz consigo para o mundo vivido dos seus membros um conjunto de normas internas dentre as quais a adoção, por

parte dos agentes sociais, do *enfoque performativo* da segunda pessoa, na qual os falantes e ouvintes deste mundo se defrontam reciprocamente (HABERMAS, 1990a, p. 69).

“Os sujeitos capazes de linguagem e ação, do horizonte de seu mundo da vida a cada vez compartilhado, devem ‘se relacionar’ ‘com algo’ no mundo objetivo, quando quiserem se entender entre si ‘sobre algo’ na comunicação, ou conseguirem ‘algo’ nas relações práticas” (HABERMAS, 2002, p. 39). Assim é a relação dos empresários com os governos, pois o pleito de apoio governamental é mediado pelo sistema de objetos. Da mesma forma se dá a relação entre os trabalhadores e os empresários, e destes entre si.

“Assim, os distintos processos de desenvolvimento regional passaram, de uma hora para outra, a depender, diretamente, das diferentes dinâmicas de envolvimento social das comunidades na resolução dos conflitos e contradições do desenvolvimento passado e nas definições dos rumos do desenvolvimento futuro” (BECKER, 2003, p. 40). Tal fato observável nos espaços das redes demonstra a importância do entendimento mútuo, portanto, a valorização do agir e da razão comunicativa.

4 AS INTERAÇÕES DOS CIRCUITOS DE FLUXOS SÓCIOESPACIAIS DE REDES DE DORMIR DO NORDESTE BRASILEIRO

As interações sócioespaciais ou o que Bourdin (2001, p. 28) chama de *vínculo social* se fundamentam em três grandes dimensões, as complementaridades e a troca mediadas pela divisão do trabalho social; o sentimento de pertença à humanidade o qual serve como reforço para os vínculos com outros seres humanos e o viver junto ou partilhar a mesma cotidianidade revela o papel da proximidade e esta tem a ver “[...] com a contigüidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações” (SANTOS, 1999, 255).

Estas interações se dão nos espaços das redes em diferentes escalas espaço-temporais, as quais Carneiro (2006) reserva o nome de *circuitos de fluxos socioespaciais*, uma articulação entre os circuitos de fluxos sociais, isto é, o movimento e as interações do sistema de objetos e ações gerais da sociedade e particulares das empresas, instituições e pessoas e os circuitos espaciais da produção ou a área de abrangência destas interações.

Estes circuitos de fluxos socioespaciais se dão na escala local, regional, nacional e internacional de modo diferenciado nos espaços das redes, assim, concordamos com Haesbaert (2002, p. 114) ao dizer que nenhuma escala e os inúmeros tempos podem ser excluídos na análise espacial e com Brandão (2003, p. 7) quando afirma que “[...] as escalas “intermediárias” ganham novo sentido e importância nesta fase do capitalismo”. Para Santos (1979, p. 37) “O circuito inferior encontra os elementos de sua articulação na cidade e sua região, enquanto que o circuito superior vai ordinariamente buscar essa articulação fora da cidade e de sua região”, todavia, não é o que se passa mais, pois o circuito inferior dos espaços das redes hoje, especialmente o de Tacaratu, por intermédio de sua cooperativa se articula com o mundo.

Para Santos (1986) os circuitos espaciais da produção se referem à produção de uma mercadoria determinada e as suas diferentes etapas, entretanto, Carneiro (2006, p. 26, grifo do autor) defende que, além disso, deve-se considerar “[...] a produção de informações, de conhecimento, de normas, de razões e contrafinalidades que são difundidas [...] a partir das diferentes formas de comunicação, incluindo as tecnológicas e as do corpo, em especial os *atos de fala* como ordens, confissões, constatações bem como todo tipo de proferimentos lingüísticos que possam auxiliar, em uma situação de agir comunicativo, a duas ou mais pessoas chegarem a um entendimento sobre algo (HABERMAS, 1990a, p. 65).

4.1 Os circuitos de fluxos socioespaciais de interações local e regional

“Os Tecelões que fazem parte da Associação Ativa dos Tecelões de Caraipeiras

trabalham, em sua maioria, em galpões instalados na própria moradia” (CASTRO; ZIDANES; MELO, 2007) e uma parte importante encontra-se concentrado em uma única rua favorecendo-se das relações face a face (**Foto 33**). Por esta razão, talvez, em Tacaratu “Percebe-se a existência de um circuito econômico dentro do município viabilizado pelo domínio de todo o processo produtivo do artesanato, ou seja, a fabricação dos equipamentos à tecelagem e comercialização” (SELVA; BICALHO, [2006]). Tem-se, assim, o seu circuito espacial da produção local, delimitado territorialmente às fronteiras municipais.

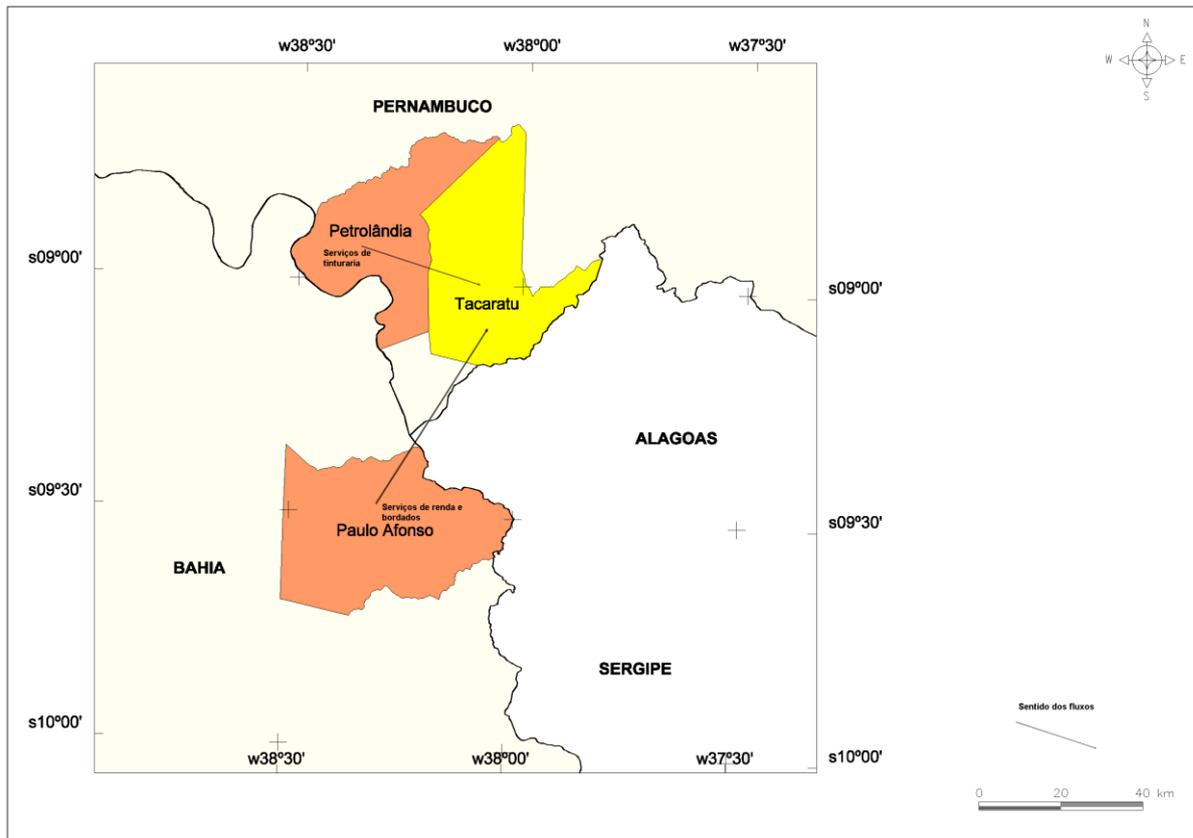


Foto 33: Tacaratu: concentração de pequenas fábricas de redes de dormir no Distrito de Caraibeiras.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

Além deste, o embrião de um circuito espacial da produção regional se forma em Tacaratu (**Mapa 4**), a medida que esta produção extrapola os limites do seu município ao agregar ao sistema produtivo os municípios de Petrolândia-PE, o qual fornece serviços de tinturaria às mercadorias de Tacaratu, e Paulo Afonso-BA, serviços de renda e bordados (Informação verbal)¹².

Sucesso ilocucionário é o compreender e aceitar atos de fala como ordens, normas, confissões e afirmações. Os fins e os efeitos que vão além disso são perlocucionários (HABERMAS, 1990a, p. 72-73). Quando o operário de uma tecelagem pede aumento salarial porque suas despesas familiares ultrapassam os ganhos salariais e o patrão compreende a sua situação (sucesso ilocucionário₁) e aceita o seu pedido (sucesso ilocucionário₂) e resolve lhe dar um aumento (sucesso perlocucionário₁) alegre, com esta atitude, ao trabalhador e seus familiares (sucesso perlocucionário₂).

¹² Dados obtidos em pesquisa de campo, realizada em fevereiro de 2009 em Tacaratu.



Mapa 4: Circuito espacial da produção regional da indústria têxtil de Tacaratu: espaços fornecedores de serviços à produção e serviços pessoais.

Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Para Habermas (1990a, p. 75) as pretensões de validade (verdade proposicional, correção normativa, veracidade subjetiva) são minadas em contextos de agir estratégico, neste caso o pressuposto da orientação é suspenso e substituído por condições de sanção. A dissolução do pano de fundo é substituída pela *estrutura-se-então* da ameaça. Esta estrutura se manifesta nos espaços das redes em ameaças de demissão aos empregados que trabalham sem carteira assinada, as maiores vítimas destas ações estratégicas, bem como em São Bento, com relação às feiteiras, por seu elevado número e da rivalidade ampliada que há em seu circuito espacial da produção regional.

“As racionalidades operando nas microsociedades e nas economias informais remetem a imperativos diferentes dos do modelo econômico vigente. Conjugam dados comunitários, históricos e culturais que as tornam incompatíveis com as categorias e as leis econômicas do grande capitalismo” (ZAOUAL, 2006, p. 60). Estas racionalidades congregam a razão comunicativa, que busca a solução para os problemas que afetam o lugar a partir do entendimento mútuo, amparado na argumentação sem violência. “Assim, os distintos processos de desenvolvimento regional passaram, de uma hora para outra, a depender, diretamente, das diferentes dinâmicas de envolvimento social das comunidades na resolução dos conflitos e contradições do desenvolvimento passado e nas definições dos

rumos do desenvolvimento futuro” (BECKER, 2003, p. 40). Isto explica o porquê do fortalecimento das ações comunicativas nos espaços das redes mediado pelo Estado e suas organizações.

Para Carneiro (2006, p. 91) Jardim de Piranhas-RN se tornou produtor de redes de dormir “a partir da difusão e expansão da indústria têxtil de São Bento, adquirindo, inicialmente, os equipamentos manuais nessa localidade e, em seguida, quando se consolidou a mecanização da indústria têxtil local, os equipamentos mecânicos”. Para Carneiro e Sá (2005, p. 12) estas técnicas e tecnologias foram difundidas pelo circuito espacial da produção regional de São Bento, destacando-se Brejo do Cruz e Paulista, na Paraíba, como importantes centros maquinofatureiros de redes de dormir e produtos substitutos. Este fato também foi assinalado por Alencar Júnior (2002, p. 62) ao dizer que “a produção de redes de São Bento já cresceu tanto que se espalha por outros municípios”.

Os trabalhadores da indústria têxtil de Jardim de Piranhas são em sua grande maioria residente na zona urbana que na zona rural (**Gráfico 19**). No que tange ao município anterior de residência destes trabalhadores, os resultados são diversos advindos tanto do Rio Grande do Norte quanto da Paraíba (**Gráfico 20**).

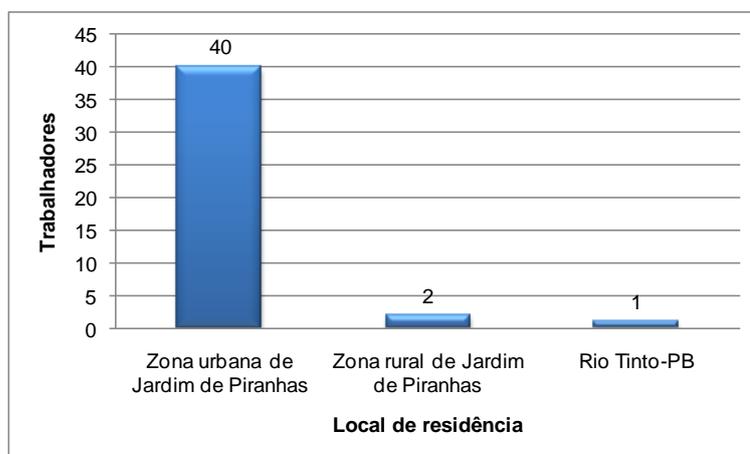


Gráfico 19: Jardim de Piranhas: local de residência atual dos trabalhadores da indústria têxtil local.
Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

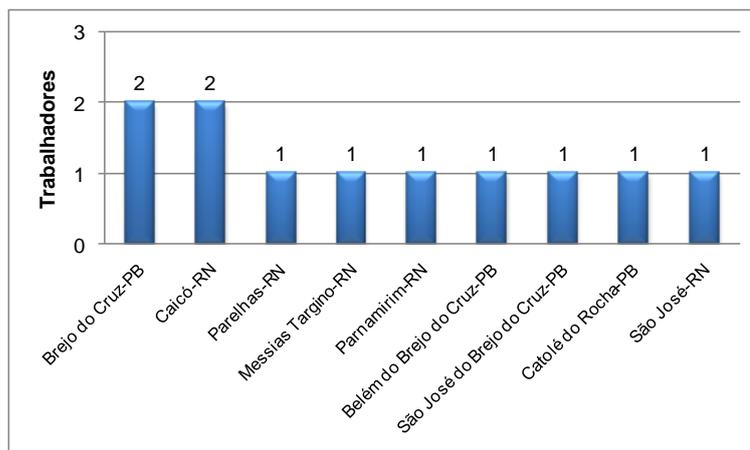


Gráfico 20: Jardim de Piranhas: local residência anterior dos trabalhadores da indústria têxtil local.
Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

Os depósitos de máquinas e acessórios de Jardim de Piranhas (**Foto 34**), Tacaratu (**Foto 35**) e São Bento (**Fotos 36, 37 e 38**) que prestam serviços à produção para os circuitos de fluxos de suas indústrias têxteis vendem, sobretudo teares, máquinas de costuras e peças e acessórios. Em ambos os casos Americana aparece como centro fornecedor destes insumos, obtidos de segunda mão no caso dos teares, como demonstram Carneiro (2006) para São Bento, Santos e Carneiro (2009) para Tacaratu e Jardim de Piranhas e Aquino (2006) para Jaguaruana. Produtos novos também são comercializados em Jardim de Piranhas e São Bento, sobretudo máquinas de costura, peças e acessórios.



Foto 34: Jardim de Piranhas: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.



Foto 35: Tacaratu: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.



Foto 36: São Bento: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2005.



Foto 37: São Bento: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2005.

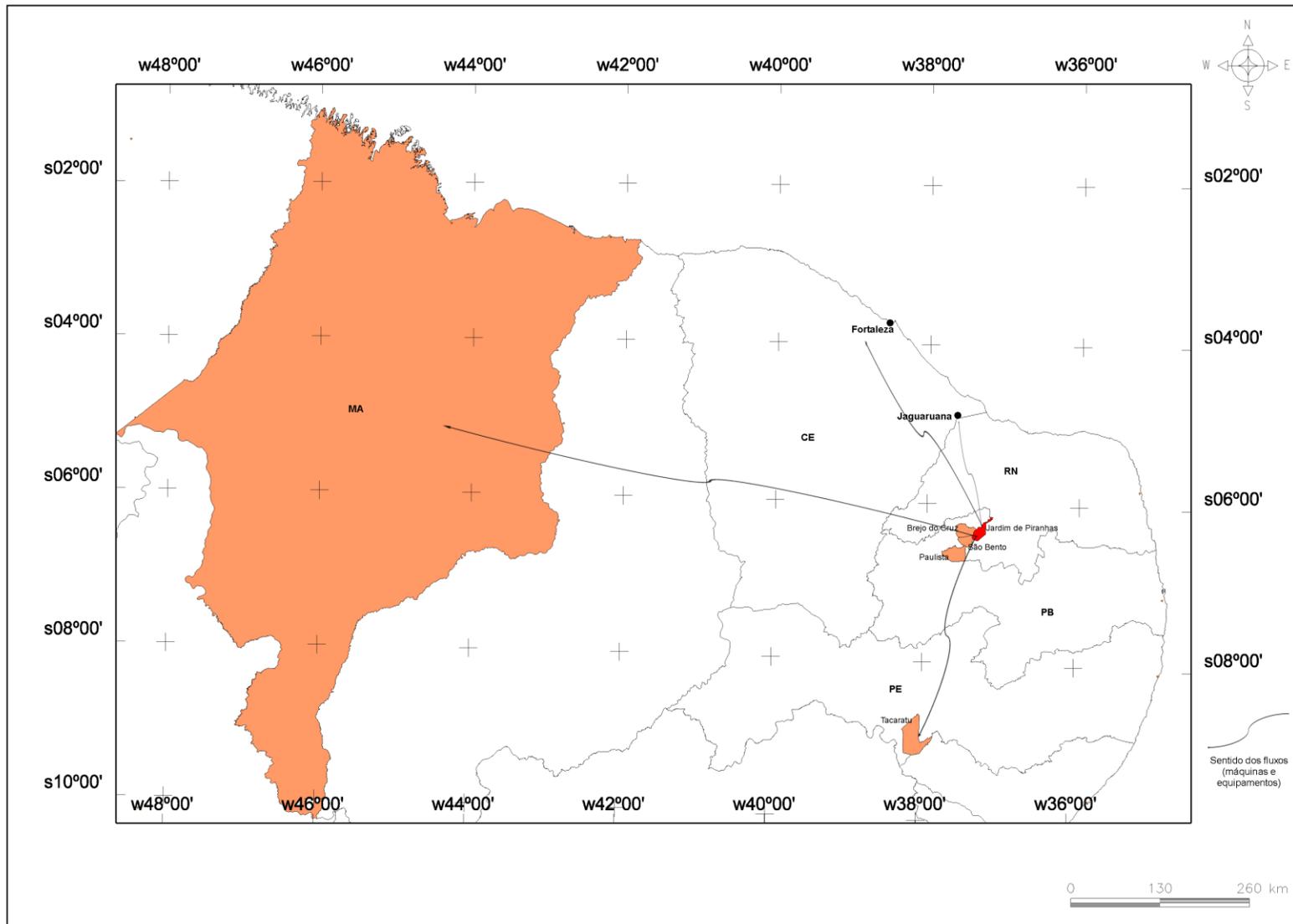


Foto 38: São Bento: depósito de máquinas, peças e acessórios para a indústria têxtil.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2005.

O depósito de máquinas de Jardim de Piranhas comercializa para empresas localizadas no estado do Maranhão, Tacaratu, Fortaleza, Itaporanga, na Paraíba, São Bento, Brejo do Cruz e Paulista, conformando um circuito espacial da produção regional (**Mapa 5**). As empresas de São Bento foram responsáveis pelas vendas da maior parte dos equipamentos existentes nas indústrias têxteis do seu circuito espacial da produção regional ao passo que em Tacaratu, o depósito de máquinas comercializa apenas localmente, pois sua indústria é concentrada no distrito de Caraibeiras, não se espalhando por uma região, como acontece na área de contato entre São Bento e Jardim de Piranhas.

“O agir comunicativo está embutido num mundo da vida, responsável pela absorção dos riscos e pela proteção da retaguarda de um consenso de fundo” (HABERMAS, 1990a, p. 86) e se expressa nas feiras livres de redes de dormir em São Bento e Tacaratu através da confiança entre feirantes e consumidores através das vendas a prazo e na aceitação de cheques sem consulta prévia.

Os feirantes de Jardim de Piranhas realizam as vendas de suas mercadorias na feira da pedra em São Bento, porém o que os diferencia quanto ao acesso a matérias-primas em relação aos de São Bento é que estes as adquirem exclusivamente neste município, ao passo que aqueles além de São Bento, compram em Caicó e Fortaleza. Já Tacaratu mantém interações comerciais mais fortes com Petrolândia, que congrega seu circuito espacial da produção regional e Recife (**Gráfico 21**).



Mapa 5: Circuito espacial da produção regional de Jardim de Piranhas: espaços consumidores de máquinas, peças e acessórios para tecelagens.
Fonte: Pesquisa de campo, 2008.

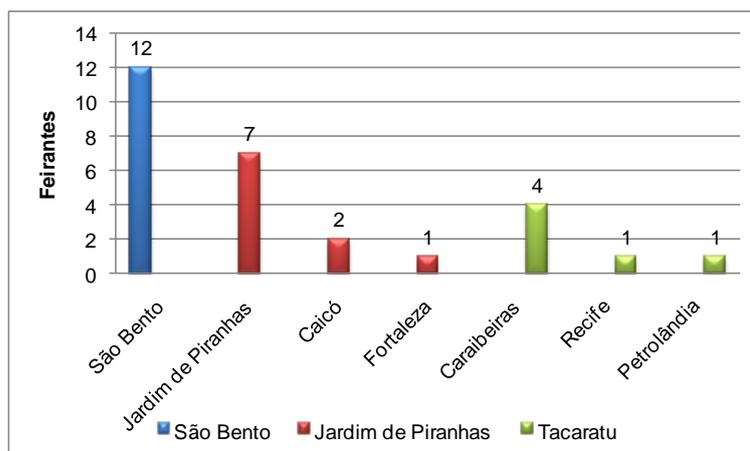


Gráfico 21: Municípios fornecedores de matérias-primas, incluindo tecido e fio de algodão, para os feirantes de redes de dormir, panos de prato, mantas e produtos substitutos de São Bento, Jardim de Piranhas e Tacaratu.
Fonte: Pesquisa de campo, 2008 e 2009.

A comercialização por outro lado, é realizada exclusivamente na feira de Caraipeiras pelos feirantes de Tacaratu, e na feira da pedra pelos de Catolé do Rocha e Brejo do Cruz ao passo que alguns dos feirantes de São Bento e Jardim de Piranhas comercializam em outras feiras regionais (**Gráfico 22**). No entanto, observa-se a importância da “feira da pedra” no cenário regional da Paraíba e Rio Grande do Norte para os feirantes regionais, tendo em vista que a grande maioria se dedica a comercializar exclusivamente nesta feira. “A pechincha, quer dizer, a discussão que se estabelece entre o comprador e o vendedor sobre o preço de uma mercadoria, é um dos aspectos mais característicos da formação dos preços no circuito inferior” (SANTOS, 1979, p. 196).

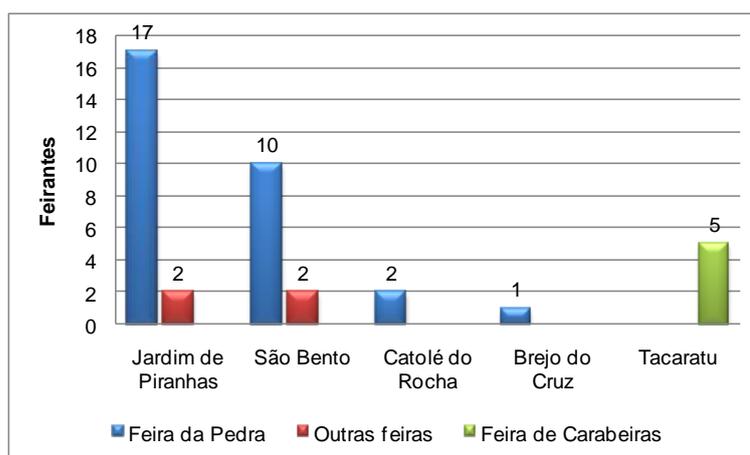


Gráfico 22: Feira de redes: importância socioeconômica.
Fonte: Pesquisa de campo, 2008 e 2009.

A comercialização das redes de dormir pelos redeiros e corretores de São Bento e Jardim de Piranhas é acompanhada pela venda de outros produtos, tais como bonés, carteiras e cintos. Em Brejo do Cruz, espaço derivado da difusão da técnica da indústria

têxtil de São Bento, esta realidade emerge da “[...] crise que se abateu sobre a comercialização da rede, ao crescente aumento no preço da principal matéria-prima da rede: o fio. Os custos adicionais com o fio foram, inevitavelmente, repassados ao preço final da rede de dormir” (DUTRA, 2006, p. 36).

“Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (TUAN, 1983, p. 4), assim, tais necessidades são satisfeitas de forma extremamente precária no período de viagem, momento em que se come qualquer coisa e se descansa em qualquer lugar, geralmente nos postos de combustíveis. Os redeiros e corretores são agentes sociais cujos sistemas de objetos que partilham e sistema de ações que realizam modificam-se em função da sua permanência em seu município/lugar e viagem por outros municípios do país/espaco. Para Santos (1979, p. 172) “O vendedor de rua é menos dependente da clientela que os outros. Ele vai à sua procura, ele tenta essa clientela; ou pode aproveitar ao máximo uma ocasião [...]”.

Como assinala Santos (1979, p. 36-37) diferentemente do circuito inferior cuja integração de suas atividades se dá localmente as do circuito superior se integram as atividades de uma cidade de nível superior, no país ou no exterior, o que nos remete as interações entre mundo vivido e circuitos de fluxos socioespaciais de atuação nacional e internacional. Por outro lado, como assinala Silveira (2008, p. 63) “Hoy, en tiempos de pobreza estructural, la riqueza producida por el circuito superior no puede ser entendida sin la pobreza generada en el circuito inferior. El espacio es así considerado no sólo como económico, sino como espacio banal por abrigar la totalidad de las existencias”.

4.2 Os circuitos de fluxos socioespaciais de interações nacional e internacional

O que caracteriza os circuitos de fluxos socioespaciais nacionais e internacionais dos espaços das redes é o porte relativamente grande de suas empresas, assim, em São Bento destaca-se a Redes Santa Luzia com a produção de redes de dormir a partir do algodão colorido, e em Jardim de Piranhas a Monkey Têxtil S.A e a Tecelagem Crystal, especializadas na tecelagem de tecidos brim e panos prato, respectivamente. Para Vieira e Vieira (2003, p. 22, grifo nosso) “A natureza do lugar, sua representatividade econômica, sua inserção em estratégias globais, a conexão em redes mundiais e a internacionalização das atividades econômicas representam uma nova *dimensão espacial*”.

O mercado consumidor de redes de dormir na escala nacional engloba os espaços rurais e urbanos, seguindo a cultura e a economia como elementos de atração temporais. No campo apesar do avanço capitalista e de sua industrialização a totalidade do trabalho e da vida não foi submetida integralmente ao capital (CARLOS, 2004, p. 9). Esta manutenção

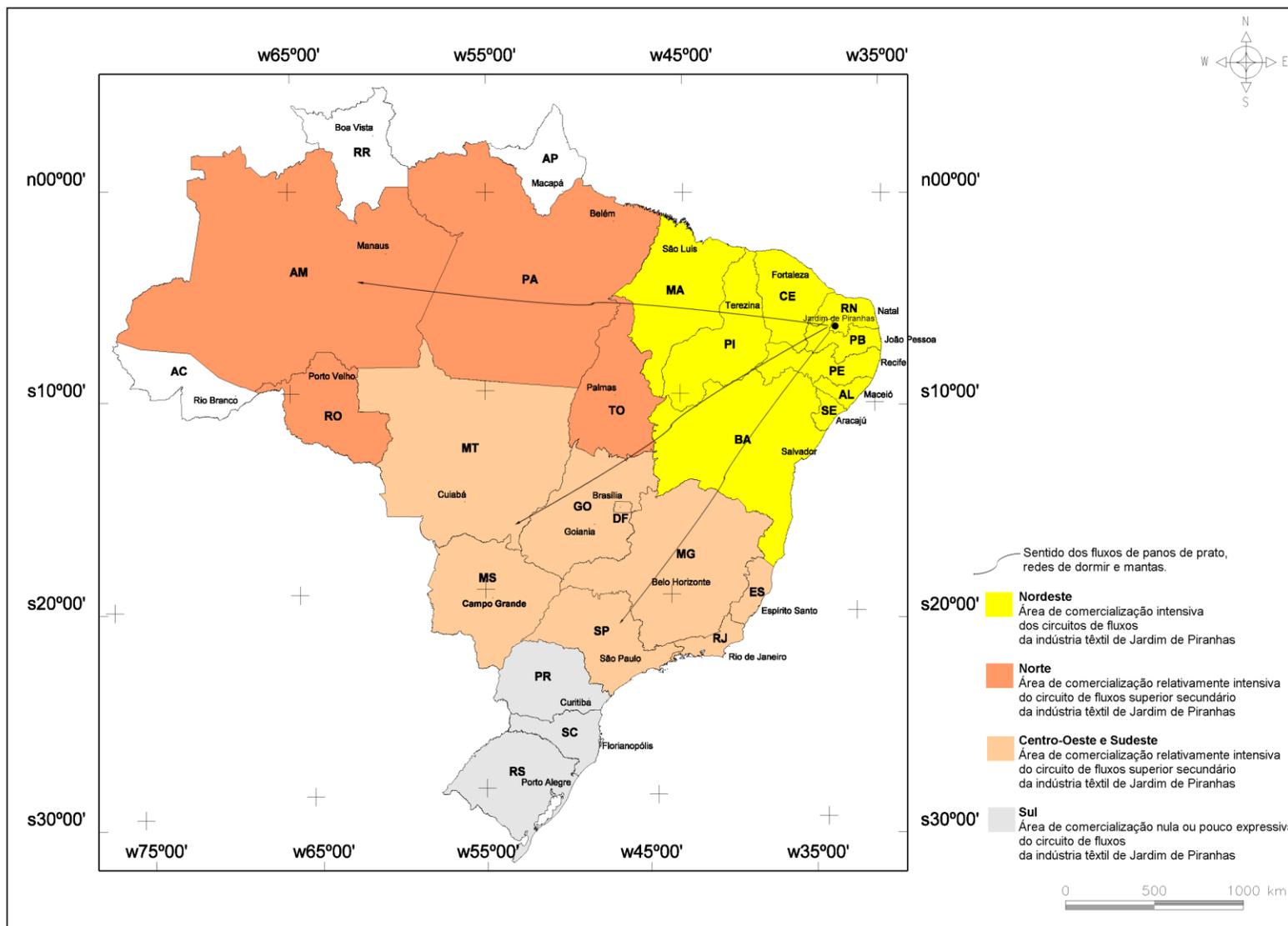
cultural é condição de permanência, também, contemporaneamente da produção têxtil tradicional de redes de dormir para São Bento, Jaguaruana, Tacaratu e Jardim de Piranhas.

A internet é um dado da compreensão da imersão dos espaços das redes no ciberespaço, isto é, “[...] uma rede não-hierárquica e não-linear que liga mentes humanas e dispositivos eletrônicos” (BERARDI, 2005, p. 19) e o mercado é o elo desta ligação a partir da possibilidade de comercialização das redes de dormir, mantas, panos de prato e outros produtos substitutos a partir dos sites das empresas. Em Jardim de Piranhas nota-se que várias empresas possuem sites, em São Bento apenas a Rede Santa Luzia e em Tacaratu um site coletivo para a Cooperativa dos Artesãos Têxtil de Tacaratu.

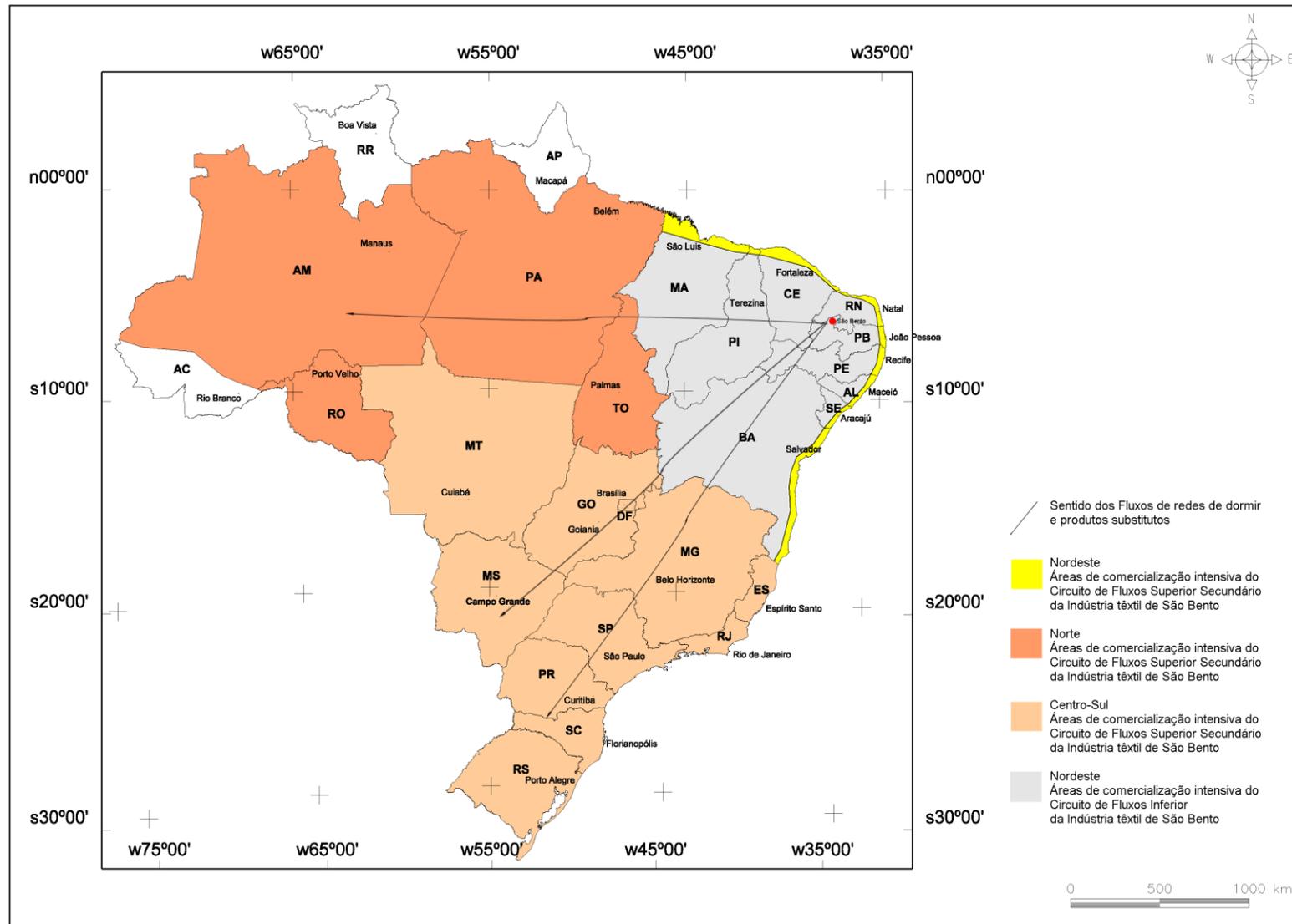
O circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Jardim de Piranhas, no que tange as áreas de comercialização da produção, abrange em menor intensidade o Sul do país e em maior, o Nordeste para onde se destina, segundo Melo (2006, p. 81), 76% da produção local seguido pela região Norte, com mais de 13,5%, e o Centro-Oeste com 10,5% (**Mapa 6**). Inversamente ao que Carneiro (2006) constatou para São Bento, pois neste caso a comercialização da produção ocorre em menor intensidade no Nordeste, mais especificamente o sertão nordestino (**Mapa 7**).

Para Berardi (2005, p. 19) “A esfera objetiva do ciberespaço se expande com a velocidade da replicação digital, mas o núcleo subjetivo do cibertempo evolui a um ritmo lento, o ritmo da corporeidade, do gozo e do sofrimento”, o que explicaria a rapidez com que nos espaços das redes se modificam os sistemas de objetos da produção fabril e a lentidão com que se passa do sistema de ações orientadas para o sucesso para um sistema de ações orientadas para o entendimento mútuo.

Melo (2006, p. 74) afirma, no caso da indústria têxtil de Jardim de Piranhas-RN, que “Apesar do crescimento, a atividade está aquém de utilizar e lançar mão de todo o seu potencial no tocante à viabilidade, rentabilidades e como impulsionadora do desenvolvimento local da região”. Tal fato também é percebido em São Bento, Jaguaruana-CE e Tacaratu-PE, pois embora ambos apresentando circuitos espaciais da produção regionais, o desenvolvimento que possibilitam é seletivo.



Mapa 6: circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Jardim de Piranhas: áreas de comercialização das empresas dos circuitos de fluxos locais.
Fonte: Melo (2006). Pesquisa de campo, 2008.



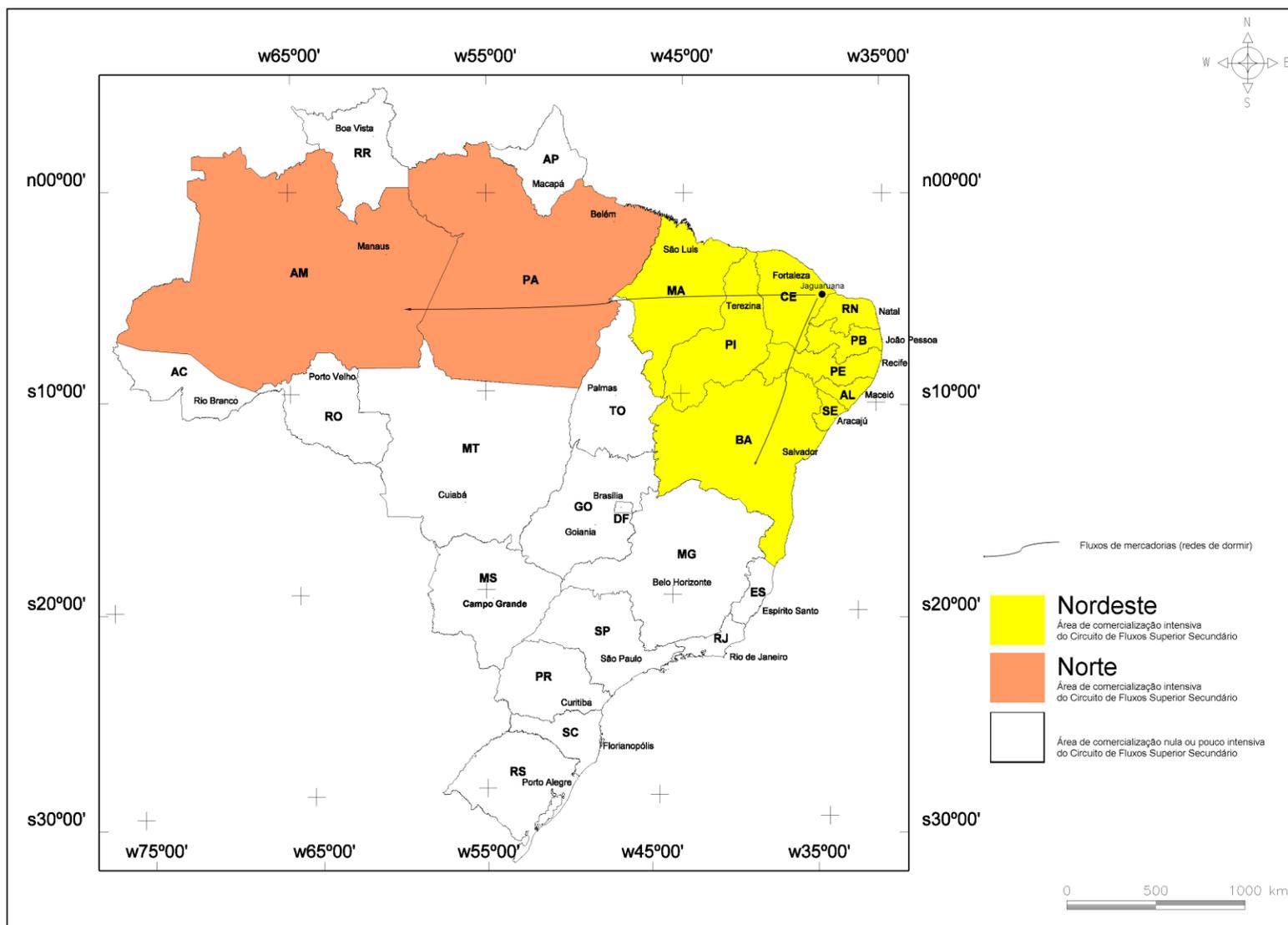
Mapa 7: Circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de São Bento: áreas de comercialização das empresas dos circuitos de fluxos sociais locais.
Fonte: Carneiro (2006). Pesquisa de campo, 2009.

Moura (2006, p. 99) mostrou para o Consórcio de Produtores de Redes da Paraíba que “Em alguns estabelecimentos cujo proprietário faz parte do Consórcio, a estrutura organizacional era precária e desorganizada”, refletindo o enfraquecimento do agir comunicativo no interior deste consórcio de exportação e, portanto, do seu circuito de fluxos superior secundário, formado por grandes empresas locais, pois esta forma associativista se encontra “parada” há dois anos (Informação verbal)¹³. Para Carneiro (2006, p. 149) o fortalecimento do circuito de fluxos superior secundário da indústria têxtil de São Bento passa, necessariamente, “[...] pelo fortalecimento dos outros circuitos, isto é, da atividade considerada em sua totalidade sem deixar de reconhecer as particularidades presentes no espaço, os fluxos que desenvolvem e o circuito espacial da produção em que atuam”.

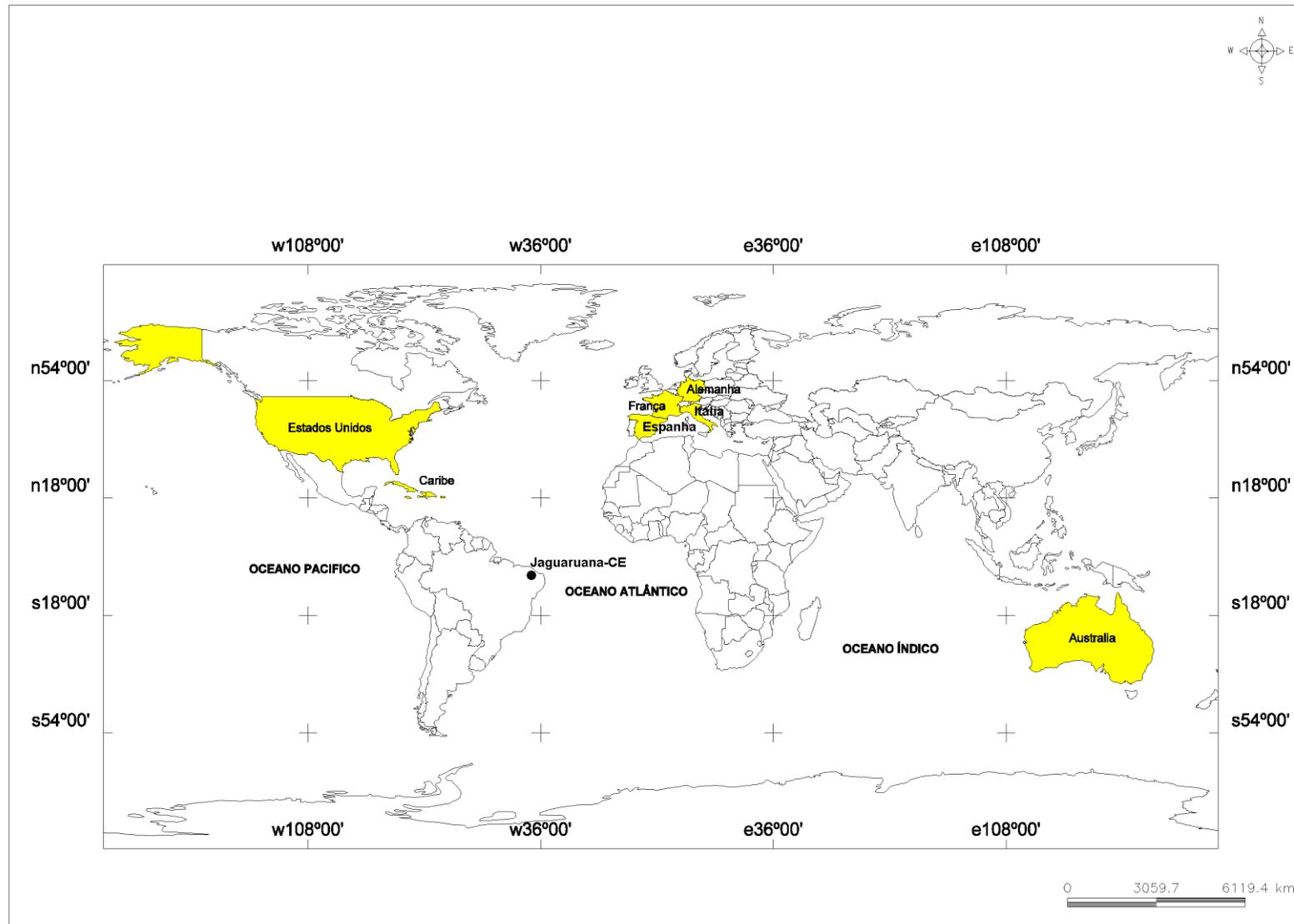
Com o circuito espacial da produção internacional as empresas do circuito de fluxos superior secundário são forçadas a seguir as normas do mundo sistêmico do mercado, como é o caso, por exemplo, da qualidade do produto, e as normas do mundo sistêmico do Estado, como a ausência de trabalho infantil para as mercadorias, imposição esta feita pela França a Jaguaruana (PESSOA, 2003, p. 38). Como assinala Siqueira (2000, p. 14) “As atividades de comércio exterior proporcionam a ampliação dos mercados de atuação, por meio de vendas para outros países, exigem maior qualidade dos produtos ofertados e dos procedimentos adotados, viabilizam a aquisição de insumos mais baratos e levam os grupos a buscarem maior competitividade para suas empresas”.

Com base em Pessoa (2003) pode-se inferir que um circuito espacial da produção nacional de Jaguaruana (**Mapa 8**) baseado na comercialização de redes de dormir está limitado ao Ceará e as Regiões Norte (Belém e Manaus) e Nordeste, ao passo que o mercado consumidor internacional envolve os países europeus (Alemanha e França) além do Caribe, Estados Unidos e Austrália, conformando o seu circuito espacial da produção internacional (**Mapa 9**). A comercialização para a região Norte tem como dado explicativo, embora não único, o fato assinalado para o Brasil por Oliveira (1997, p. 25) de que “[...] a expansão do trabalho assalariado tem trazido consigno a expansão do trabalho familiar”, já que este segmento populacional se constitui em mercado consumidor importante dos redeiros e corretores dos espaços das redes.

¹³ Informação fornecida por dois grandes empresários de São Bento, em abril de 2009.



Mapa 8: circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Jaguaruana: áreas de comercialização do circuito de fluxos superior secundário local.
Fonte: Pessoa (2003).



Mapa 9: circuito espacial da produção internacional da indústria têxtil de Jaguaruana: países importadores.
Fonte: Pessoa (2003). Aquino (2006).

A conquista do mercado internacional de Jaguaruana deveu-se, segundo Pessoa (2003, p. 39) a sua proximidade com Aracati cujo turismo local permitiu aos turistas conhecerem as redes de dormir, abrindo-se as portas para o mercado externo (**Gráfico 23**). São Bento, por sua vez, teve como precursor das exportações a Redes Santa Luzia, ainda na década de 1980 (CARNEIRO, 2006). Neste sentido atende-se a uma antiga solicitação de Cascudo (2003, p. 15) para quem “Há redes que são jóias de cor, acabamento, aspecto. [...] Ela pode, pode e deve, ser produto de exportação como o café, o samba e o algodão”.

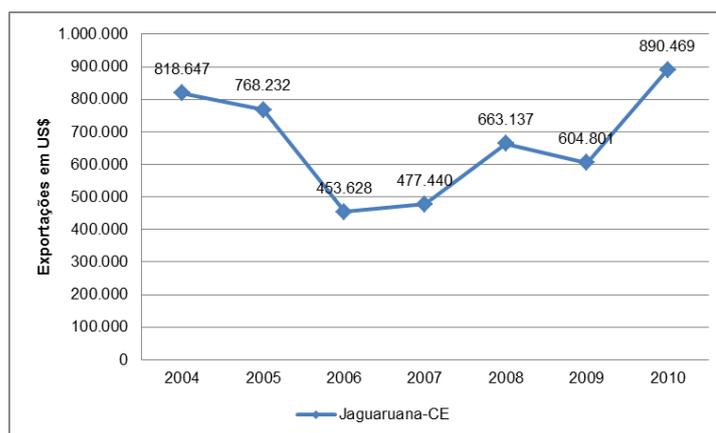


Gráfico 23: Jaguaruana-CE: exportações de redes de dormir no período de 2004 a 2010.

Fonte: Adaptado de Brasil. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (2004, 2005b, 2006b, 2007b, 2008b, 2009b e 2010b).

Segundo Oliveira (2006, p. 39) a principal dificuldade enfrentada pelos empresários de Jaguaruana é a concorrência com as empresas do Arranjo Produtivo Local de São Bento, que se beneficia de alíquota de ICMS mais baixa que a praticada no Ceará. Esta alíquota reduzida a partir de 2004 objetivava, segundo o então Governador Cássio Cunha Lima (2004, p. 28) “[...] a todo produtor se legalizar perante o Fisco, sem se inviabilizar perante o mercado”. “A atividade apresenta grande potencial de exportação, embora atravesse problemas de inserção de seus produtos no mercado, pois enfrenta a concorrência do arranjo produtivo de São Bento, na Paraíba, que oferece produtos concorrentes a um preço mais baixo” (AMORIM; IPIRANGA; MOREIRA, 2004)¹⁴ (**Gráfico 24**). Competitividade e exportação são palavras normativas dos processos contemporâneos de desenvolvimento regional, como salienta Diniz e Crocco (2006, p. 14) ao dizerem que “Politicamente, a grande alteração é a ênfase na competitividade, mensurada na inserção internacional, como elemento central do desenvolvimento”.

¹⁴ A indústria de redes de dormir de São Bento impactou também negativamente sobre a produção de Boqueirão, na Paraíba. Conforme Silva (1997, p. 24) “As redes da cidade de São Bento introduzida pelo mercado, afetou bastante o mercador produtor de Boqueirão. Houve uma grande oferta e expandiu o mercado para todo o Brasil”.

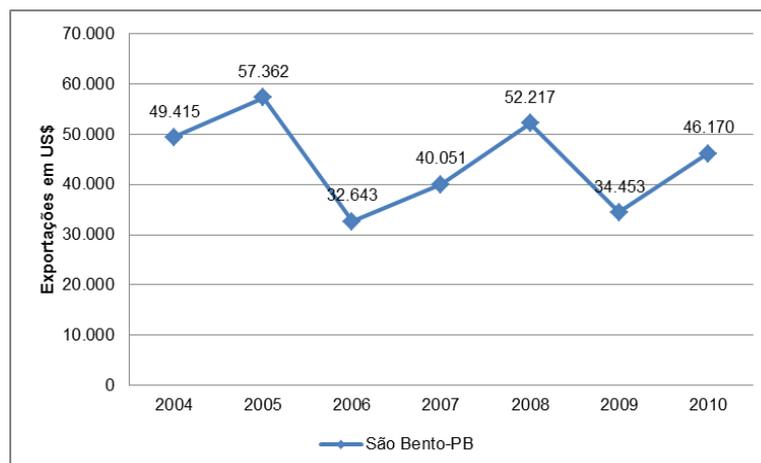


Gráfico 24: São Bento: exportações de redes de dormir no período de 2004 a 2010.

Fonte: Adaptado de Brasil. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (2004c, 2005c, 2006c, 2007c, 2008c, 2009c e 2010c).

“Segundo a sua natureza, os serviços se localizam em diversas cidades maiores ou menores, e cada ponto do espaço depende de um ou outro dos centros de acordo com o serviço a que deve recorrer” (ROCHEFORT, 1998, p. 19). Em Jaguaruana existem duas fiações, a Aurora Têxtil e a Jaguatextil, formando seu “circuito de fluxos superior não-hegemônico” (CARNEIRO, 2006), “contudo, é mais barato para os produtores de Jaguaruana comprarem esses fios fabricados no próprio município através de comerciantes na Paraíba, que no próprio município, devido à alíquota de ICMS embutida no Ceará (17%) ser maior que na Paraíba (12%) (SCIPIÃO, 2004). Segundo Aragão (1989, p. 49-50) a primeira fiação do Ceará foi fundada em 1882 em Fortaleza cuja produção anual de fios para redes de dormir era de 150.000 quilos.

Oliveira (2006, p. 31) demonstra que as exportações de redes de dormir do Ceará ocorreram desde a década de 1970, assim, a Fábrica de Reses São Rafael, situada em Fortaleza exporta desde 1978, dez anos antes das primeiras exportações de São Bento. Contemporaneamente, Fortaleza se destaca como o município que mais exporta redes de dormir no Brasil (**Gráfico 25**), mesmo contando com uma pequena quantidade de empresas produtoras desta mercadoria.

Considerando a participação das exportações têxteis de São Bento e Jaguaruana e comparando-as com Fortaleza (**Gráfico 26**), observa-se que no período de 2004 a 2010 no município paraibano a indústria têxtil local foi responsável por 100% das vendas para outros países no ano de 2004 e 2010 e no período responsável por quase a totalidade das mesmas. Jaguaruana, por sua vez, tem mantido as exportações abaixo dos 50% a partir de 2005, o que reflete as exportações feitas por suas atividades primárias (**Gráfico 27**), particularmente a manga fresca e seca, que em 2004 era responsável por apenas 0,74% do total de exportações, em 2005 passa 25,77%, em 2006 com 69,82% ultrapassa o melão e em 2007 e 2008 mantém sua participação acima dos 70%, tornando-se, portanto, o principal

produto da pauta municipal.

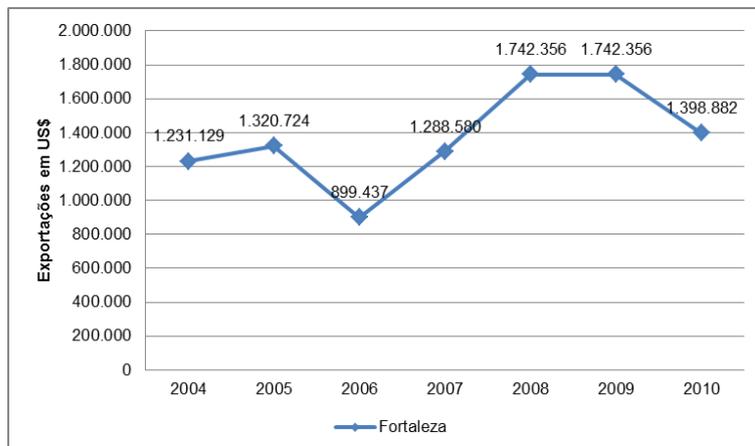


Gráfico 25: Fortaleza-CE: exportações de redes de dormir no período de 2004 a 2010.

Fonte: Adaptado de Brasil. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (2004a, 2005a, 2006a, 2007a, 2008a, 2009a e 2010a).

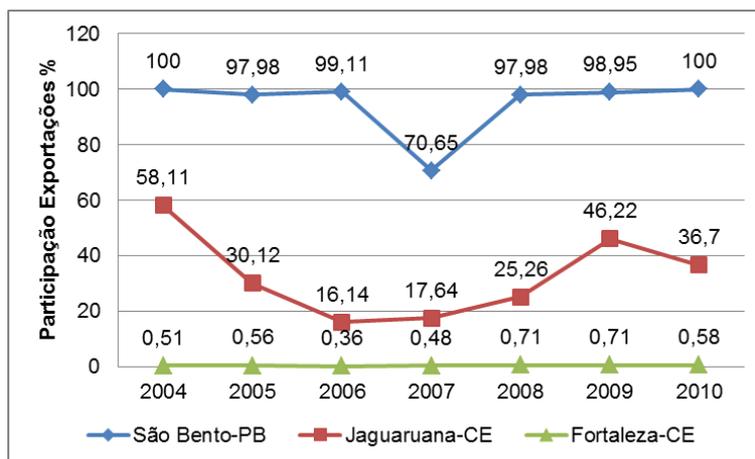


Gráfico 26: São Bento, Jaguaruana-CE e Fortaleza-CE: participação das exportações de redes de dormir nas exportações totais municipais no período de 2004 a 2010.

Fonte: Adaptado de Brasil. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (2004a, 2004b, 2004c, 2005a, 2005b, 2005c, 2006a, 2006b, 2006c, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a, 2008b, 2008c, 2009a, 2009b, 2009c, 2010a, 2010b e 2010c).

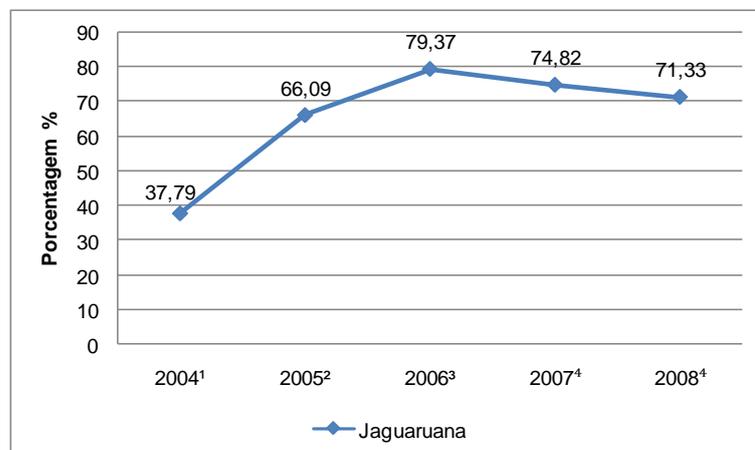


Gráfico 27: Jaguaruana-CE: participações das exportações de frutas nas exportações totais no período de 2004 a 2008.

Fonte: Adaptado de Brasil. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (2004b, 2005b, 2006b, 2007b e 2008b).

¹ Melões, camarões congelados e melancias. ² Melões e mangas. ³ Mangas e melões. ⁴ Mangas.

“En tanto que mediación, semejante espacio instrumental permite bien sea imponer por la fuerza una cierta cohesión, bien sea ocultar bajo una aparente coherencia racional y objetiva las contradicciones de la realidad” (LEFEBVRE, 1976, p. 31), ou seja, as interações entre mundos vividos e circuitos de fluxos no interior dos circuitos espaciais da produção nacional e internacional é coercitiva, pois amparada na competição mercadológica e na normatização estatal.

O circuito espacial da produção nacional e internacional é um símbolo da colonização do mundo da vida dos espaços das redes pelo mercado e pelo Estado, pois ao primeiro ele é funcional e ao segundo instrumental. Como lembra Lefebvre (1976, p. 32) “[...] el espacio a la par funcional y instrumental queda vinculado a la reproducción de la fuerza de trabajo a través del consumo. Se puede decir que es a la vez el medio y el procedimiento de una organización del consumo dentro del marco de la sociedad neocapitalista, es decir, de la sociedad burocrática de consumo dirigido”,

Os depósitos de fios e tecidos dos espaços das redes têm sua origem a partir de investimentos próprios. A origem dos fios e tecidos comercializados pelos depósitos de Jardim de Piranhas (**Foto 39**), Tacaratu (**Foto 40**) configura também os seus circuitos espaciais da produção nacional (**Mapa 10**), pois são esses produtos provenientes de diversos lugares do território nacional, incluindo os estados do Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Minas Gerais e Sergipe.



Foto 39: Jardim de Piranhas: fios de algodão comercializados em depósito local.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.

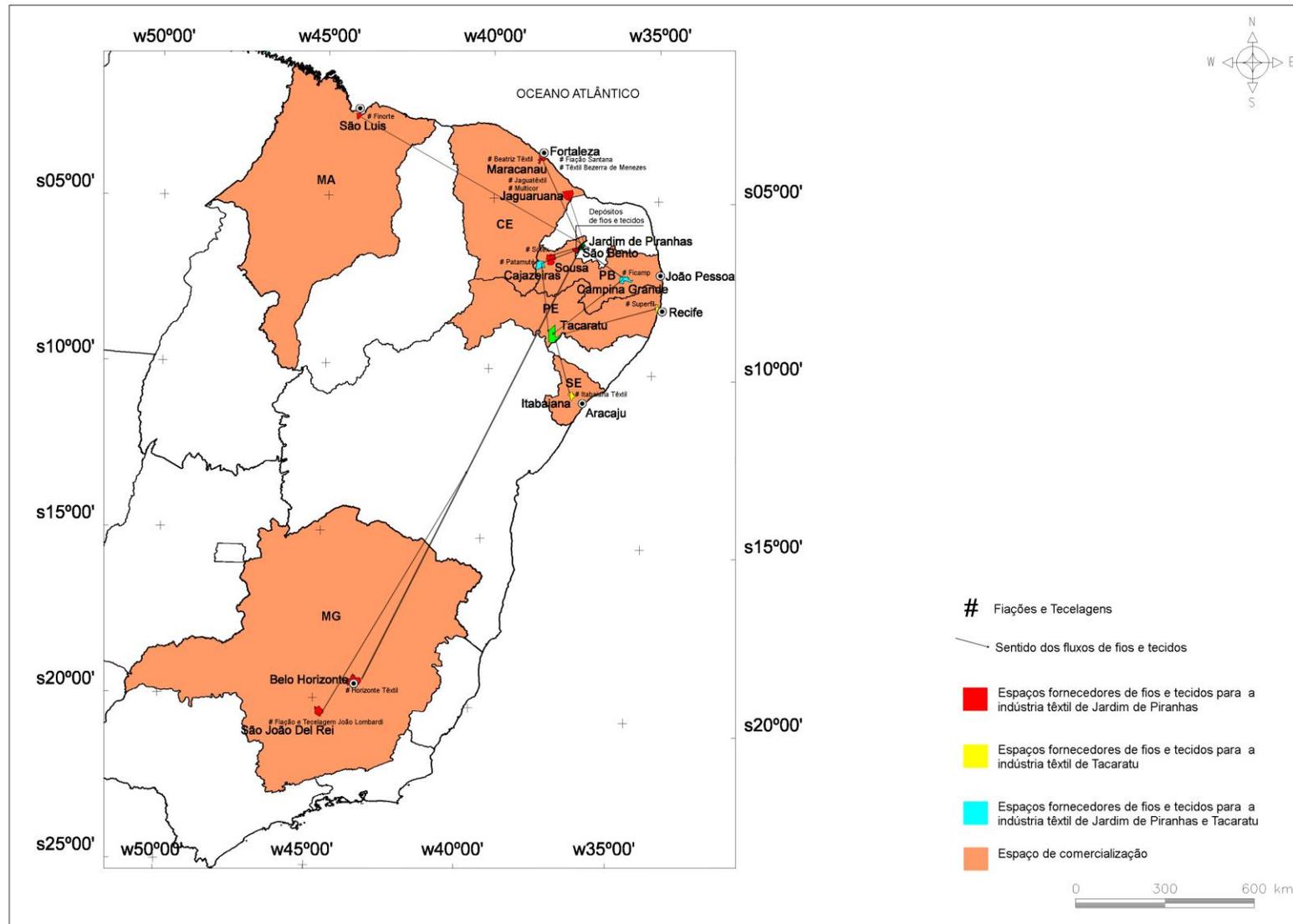


Foto 40: Tacaratu: depósito de fios e tecidos de algodão localizado no Distrito de Caraibeiras.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2009.

Percebe-se que Jardim de Piranhas apresenta maiores interações espaciais com os espaços fornecedores de fios de algodão e tecidos que Tacaratu, o que reflete a existência quantitativa maior de um circuito de fluxos superior secundário, bem como qualitativa, já que este está organizado institucionalmente na ASITEX, requerendo, portanto, maior consumo de matérias-primas. Embora Tacaratu apresente grandes empresas comparativamente as empresas de redes de dormir, o seu circuito de fluxos inferior domina a economia e a produção do espaço local, refletindo, deste modo, suas interações com espaços fornecedores de matérias-primas.

São Bento, por sua vez, aparece como o único município que mantém interações comerciais com espaços fornecedores da região sul, onde se concentra a região têxtil do Brasil contemporâneo (**Mapa 11**). Além de comprar, este município comercializa fios tingidos diretamente em novelos a partir de máquinas centrífugas, cujo mercado é todo o Nordeste brasileiro (ARAÚJO, 1996, p. 62).

Segundo a Cooptêxtil (2007, p. 10) antes da criação da cooperativa em Jardim de Piranhas o individualismo e a concorrência predatória imperavam entre os produtores, porém, observa-se que estas ações instrumentais continuam fortemente presentes. Nesse sentido, consta para algumas empresas da Cooptêxtil como suas principais concorrentes as próprias fábricas cooperadas e do município. São Bento e Itaporanga aparecem como fortes concorrentes externos, no primeiro caso em função de sua variedade de produtos e no segundo através dos panos de prato. As inúmeras empresas de grande porte localizadas na região Sudeste do país, particularmente no estado de Minas Gerais e São Paulo.



Mapa 10: circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Jardim de Piranhas e Tacaratu: espaços fornecedores de matérias-primas, incluindo fios e tecidos de algodão brim para a indústria têxtil local.

Fonte: Pesquisa de campo, 2008 e 2009.

Os produtos químicos comercializados em Jardim de Piranhas (**Foto 41**) como o cloro, por exemplo, é adquirido em Recife-PE, já o neutralizante vem da Alemanha. Por outro lado, estes produtos são vendidos para o Estado do Ceará, a região do Seridó, a cidade de Brejo do Cruz e Patos na Paraíba, Caicó e Natal no Rio Grande do Norte. Esse fato gera uma dinâmica espacial bastante significativa do ponto de vista do mundo sistêmico local, favorecendo o crescimento econômico de Jardim de Piranhas. Já em Tacaratu, não se verificou depósito de produtos químicos, os quais, segundo os entrevistados não se usa mais, a exemplo do cloro para clarear os fios e tintas para tingi-los.



Foto 41: Jardim de Piranhas: produtos químicos vendidos pela filial da Cloro Têxtil, com sede em São Bento.
Fonte: Rosalvo Nobre Carneiro, 2008.

As máquinas e acessórios de Jardim de Piranhas são adquiridos na região Sudeste do Brasil, particularmente São Paulo de onde veem as máquinas e acessórios. Esses objetos técnico-científicos e em menor proporção informacionais são adquiridos de segunda mão, já aposentados pela indústria têxtil daquela região. Da mesma forma Jaguaruana adquire suas máquinas e acessórios industriais no Sudeste e no Sul (RIBEIRO NETO et al., 2005, p. 13) bem como São Bento (CARNEIRO, 2001) e Tacaratu (SANTOS; CARNEIRO, 2009).

Com o circuito espacial da produção nacional e internacional dos espaços das redes consolida-se a “santa aliança” do capitalismo, no dizer de Zaoual (2006), isto é, a ligação entre ciência, técnica e mercado, pois nenhum destes três vetores do mundo sistêmico pode ser desprezado pelas empresas que congregam o circuito de fluxos superior secundário de suas indústrias têxteis. Para Sabato (1993, p. 30) “A característica da nova sociedade é a *quantidade, o número*”, expresso no dinheiro, este símbolo do mercado, capaz de medir tempo e espaço. Resultante deste processo, “O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular” (CARLOS, 1996, p. 15-16).

Tacaratu-PE conforma hoje um circuito espacial de produção nacional e

internacional, sobretudo em função da comercialização de redes de dormir e substitutos pela Cooperativa dos Artesãos Têxtil de Tacaratu. Este circuito é formado principalmente por São Paulo, Ceará, destaque para Fortaleza, Rondônia, Pernambuco, particularmente Recife, Rio de Janeiro e Minas Gerais (**Mapa 12**).

“Médios ou grandes tecelões de Caraibeiras além de vender sua produção para todas as regiões brasileiras chegam a exportar sua produção para o Uruguai, a França, a Alemanha e a Holanda [...]” (SEBRAE, 2000 apud SELVA; BICALHO, [2006]). Neste sentido, em função da ação comercial desta mesma Cooperativa, o circuito espacial da produção internacional de Tacaratu, melhor dizer, de Caraibeiras, é formado por Grécia, Itália, Holanda, França (Informação verbal)¹⁵.

Tomando-se por base os três municípios maiores exportadores de redes de dormir dos espaços das redes nordestino têm-se em ordem decrescente Fortaleza, Jaguaruana e São Bento. No entanto, Fortaleza se destaca em primeiro lugar (**Gráfico 28**). De 2004 a 2010, apenas em 2006 a capital cearense não ultrapassou a casa de 1 milhão de dólares exportados, ao passo que Jaguaruana sempre esteve à frente de São Bento.

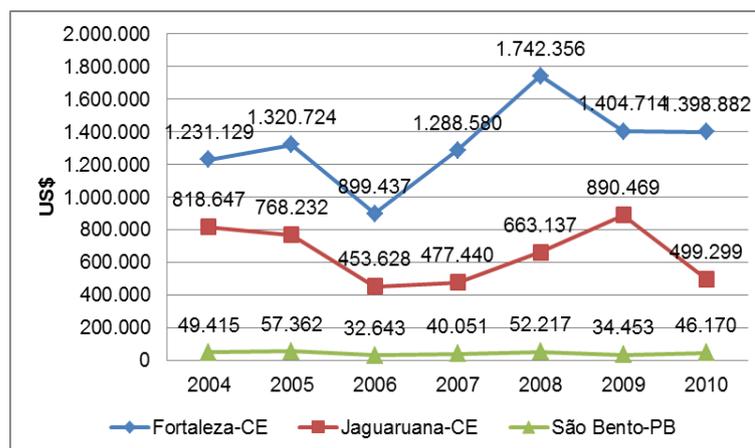
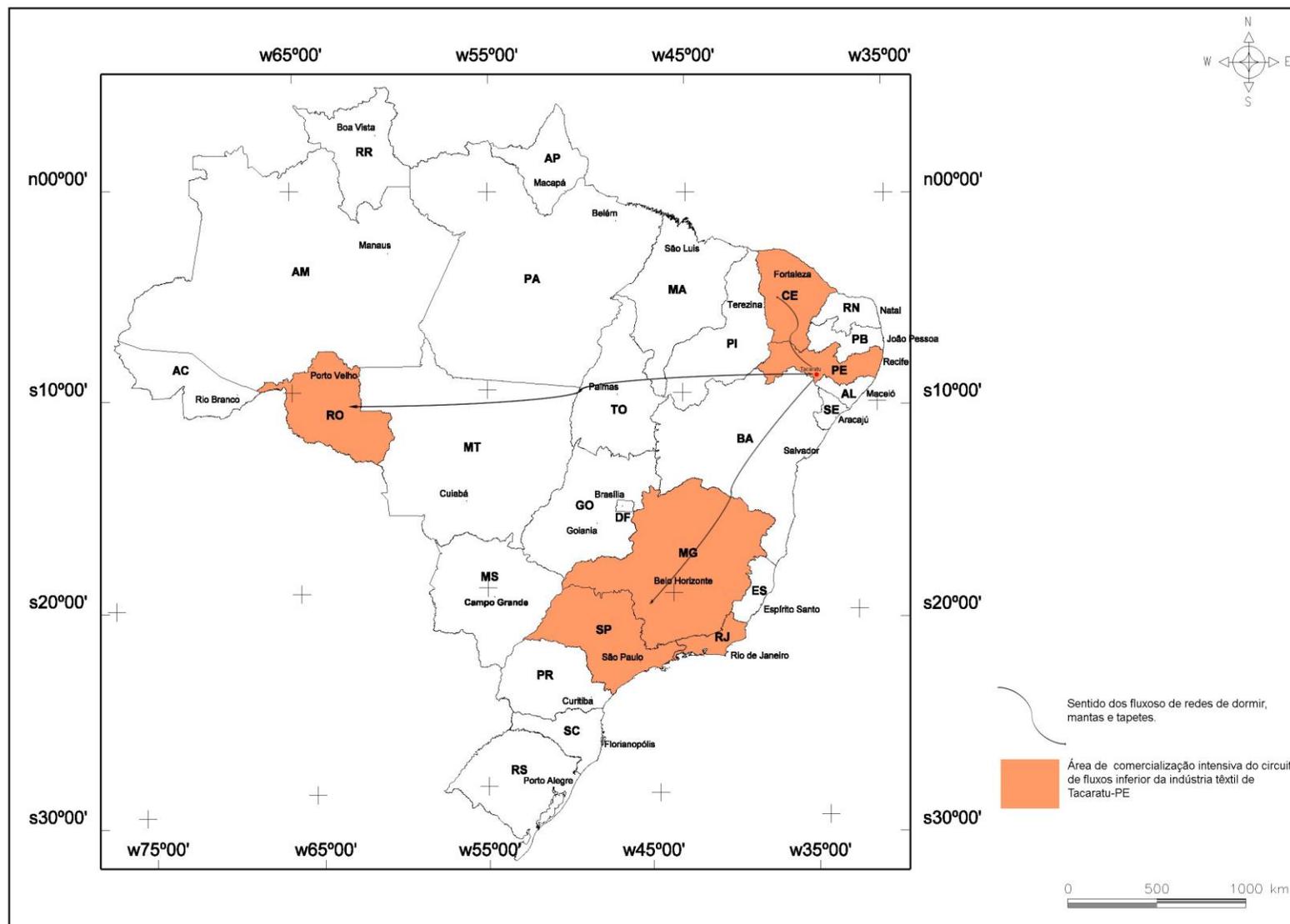


Gráfico 28: Jaguaruana, Fortaleza e São Bento: exportações de redes de dormir em US\$.

Fonte: Adaptado de Brasil. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (2004a, 2004b, 2004c, 2005a, 2005b, 2005c, 2006a, 2006b, 2006c, 2007a, 2007b, 2007c, 2008a, 2008b, 2008a, 2009a, 2009b, 2009c, 2010a, 2010b e 2010c).

¹⁵ Dado obtido junto à Cooperativa de Tacaratu, em fevereiro de 2009. Esclarece-se, que não consta informações de exportação de redes de dormir deste município no Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior.



Mapa 12: circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de Tacaratu: principais mercados consumidores nacionais.
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

Estes dados demonstram uma contradição geoeconômica, pois enquanto São Bento apresenta o maior complexo industrial têxtil e o mais abrangente circuito espacial da produção regional de redes de dormir e mantas do Brasil, conforme Carneiro (2006), seguido por Jaguaruana, é Fortaleza com poucas empresas que lidera a exportação destas mercadorias. No entanto, tal fato é revelador da baixa organização e integração empresarial e institucional de São Bento, da falta de política pública para a indústria local bem como da necessidade de uma atuação mais forte do Estado, particularmente estadual e municipal. Deste modo, cabe lembrar, com Marshall (1982, p. 235) que “Uma região que possua exclusivamente uma única indústria, caso diminua a procura dos produtos dessa indústria, ou caso haja uma interrupção no fornecimento da matéria-prima, fica expostas a uma grave crise”.

CONCLUSÕES

Na região Nordeste do Brasil se localiza os municípios maiores produtores de redes de dormir nacional, com destaque para Jaguaruana, no Ceará, Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte, São Bento, na Paraíba, e Tacaratu, em Pernambuco. Estes *espaços das redes* apresentam mundos vividos, aqueles partilhados intersubjetivamente, semelhantes e diferentes, quando analisados internamente e comparados entre si, resultantes de suas interações com os mundos sistêmicos, representados pelos circuitos de fluxos sócioespaciais de suas indústrias têxteis e pelo Estado em seus diferentes níveis.

Os espaços das redes apresentam origens diferentes e semelhantes quanto à produção de seus mundos objetivo, social e subjetivo em relação direta com os variados, semelhantes e diferentes circuitos de fluxos sócioespaciais de suas indústrias têxteis. A indústria têxtil e o meio geográfico de Tacaratu e Jaguaruana são de base indígena, a de São Bento liga-se a colonização do século XIX ao passo que a de Jardim de Piranhas deve-se a difusão técnica deste último.

Em ambos os municípios nota-se a passagem da produção artesanal para a manufatureira e desta para a maquinofatureira, todavia, o processo de mecanização têxtil foi mais rápido em São Bento e Jardim de Piranhas e mais lento em Tacaratu e Jaguaruana. Esta variação temporal da “modernização” têxtil explica, em parte, a quantidade e qualidade dos seus circuitos de fluxos, assim, São Bento, Jaguaruana e Jardim de Piranhas apresentam um conjunto maior de grandes empresas pertencentes, portanto, ao circuito de fluxos superior secundário que Tacaratu, cujas pequenas empresas, especialmente de base familiar, se sobressaem e, deste modo, o circuito de fluxos inferior, seja informal ou formal predomina espacialmente.

Cada um dos circuitos de fluxos atua em variados circuitos espaciais da produção, cuja escala de abrangência das empresas revelam a força das economias locais. Assim, São Bento e Jaguaruana são as únicas que apresentam verdadeiros circuitos espaciais da produção internacional, isto é, suas empresas pertencentes ao circuito de fluxos superior secundário exportam redes de dormir e produtos substitutos para diversos países da América do Norte, Europa, África e Oceania. As empresas destes municípios mais Tacaratu e Jardim de Piranhas, por sua vez, atuam em circuitos espaciais da produção nacional, regional e local, cujos espaços que o formam variam quantitativamente.

Quanto ao circuito espacial da produção nacional, sobressai-se São Bento, que possui pontos de distribuição e comercialização espalhados por todas as regiões e diversos estados brasileiros, em razão da quantidade de redeiros que possui, isto é, comerciantes de redes de dormir e produtos substitutos. Por outro lado, São Bento controla um circuito

espacial da produção regional, formado por mais de 15 municípios entre a Paraíba e Rio Grande do Norte, cuja divisão territorial do trabalho é regida por sua indústria têxtil.

Notam-se fracas interações nesta escala em Jardim de Piranhas, Tacaratu e Jaguaruana, cuja indústria não tem gestado um espaço produtivo regional de maior abrangência. As diferenças dos mundos vividos dos espaços das redes revelam as dinâmicas econômicas particulares, que tem permitido as populações locais um maior padrão e qualidade de vida frente às populações de seu entorno, resultante da colonização do mundo sistêmico.

Deste modo, percebem-se, além de um crescimento econômico local um relativo desenvolvimento sócioespacial para boa parte desta população envolvida na atividade de fabricação de redes de dormir, mantas, panos de pratos e produtos substitutos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR JÚNIOR, José Sydrião de. Perfil econômico da Paraíba. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/.../ETENE/Rede_Irrigacao/Docs/Perfil%20Economico%20do%20Estado%20da%20Paraiba-2002.PDF>. Acesso em: 01 out. 2005.
- AMORIM, Monica Alves; IPIRANGA, Ana Silva Rocha; MOREIRA, Vilma Maria Coelho. Um modelo de tecnologia social de mobilização de arranjos produtivos locais: uma proposta de aplicabilidade. 2004. 17 p. Disponível em: <<http://www.ebape.fgv.br/radma/doc/artigos/Amorim%20et%20al%20%20Workshop%20APLs.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2005.
- ANDRADE, Manuel Correia de. 4ª Ed. **A questão do território no Brasil**. São Paulo/Recife: Hucitec/IPESP, 1995.
- _____. A terra e o homem no Nordeste, hoje. 2003. p. 193-202. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/publicacoes/publicacoes_sei/bahia_analise/sep/pdf/sep_67/manuel_correia_andrade.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2008.
- AQUINO, Francisca Pontes de. **Arranjos produtivos locais industriais: empresários e governança em Jaguaruana (CE)**. 2006. 174f. Dissertação (Mestre em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **A trajetória da indústria têxtil no Ceará: o setor de fiação e tecelagem – 1880-1950**. Fortaleza: Edições UFC, 1989.
- ARAÚJO, José Luis Lopes. **A atividade de confecção artesanal de redes-de-dormir – como estratégia de sobrevivência – e a organização do espaço em Pedro II**. 1985. 291 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985.
- _____. **As transformações na produção artesanal de redes-de-dormir no nordeste brasileiro e suas relações com a reprodução do espaço**. 1996. 290 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- ARAÚJO, Luiz Fernando Correia de (Coord.). **Industrialização rural no Nordeste**. Recife: SUDENE, 1985. (Série Projeto Nordeste, 8).
- ARAÚJO M. FILHO, Rodolfo; CARVALHO, Genildo Silva. **A crise da indústria têxtil no Nordeste**. Recife: Editora ASA Pernambuco, 1986.
- BAVA JR, Augusto Caccia. **Introdução à sociologia do trabalho**. São Paulo: Ática, 1990.
- BEATRIZ TEXTIL S/A. 2005. Disponível em: <<http://www.inteq.com.br/beatriztextil.htm>>. Acesso em: 13 set. 2005.

BECKER, Dinizar F. A economia política do (des) envolvimento regional contemporâneo. In: _____; WITTMANN, Milton Luiz (orgs.). **Desenvolvimento regional: abordagens interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 37-66.

BERARDI, Franco. **A fábrica da infelicidade: trabalho cognitivo e crise da *new economy***. Tradução de: Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BERDOULAY, Vincenti. Sujeto y acción en la Geografía Cultural: El cambio sin concluir. **Boletín de La A. G. E.**, nº 34, p. 51-61, 2002.

BEZERRA, Rozelia; SANTOS, Helder Silva dos; SILVA, Neilza Diniz da. Utilização do diagnóstico participativo e organização dos artesão do distrito de Caraipeiras/Tacaratu-PE: relato de experiência do programa Universidade Solidária/Xingó e UFRPE-2000. In: **Anais do IV SEMPE – Seminário de metodologia para projeto de extensão**. São Carlos, 29-31, ago. 2001. disponível em: <<http://www.itoi.ufrj.br/sempe/t4-p37.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2009.

BOISIER, Sergio. Sociedad del conocimiento, conocimiento social y gestión territorial. **Interações**, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 2, n. 3, p. 9-28, set. 2001. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.local.ucdb.br/revistainteracoes/n3_serjio_boisier.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de: Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIM, Alain. **A questão local**. Tradução de: Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRANDÃO, Carlos Antônio. **A dimensão espacial do subdesenvolvimento: uma nova agenda para os estudos urbanos e regionais**. 2003. 199f. Tese (Livre-Docência em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Economia informal urbana. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ecinf/2003/ecinf2003.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2005.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Fortaleza (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2004a. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Jaguaruana (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2004b. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. São Bento (PB). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2004c. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Fortaleza (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2005a. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Jaguaruana (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2005b. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. São Bento (PB). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2005c. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do planejamento, orçamento e gestão. **Produto interno bruto dos municípios: 1999-2002.** Rio de Janeiro: IBGE, 2005d. (Contas Nacionais, n 14).

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Fortaleza (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2006a. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Jaguaruana (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2006b. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. São Bento (PB). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2006c. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Fortaleza (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2007a. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Jaguaruana (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2007b. Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. São Bento (PB). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2007c. Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Produto interno Bruto dos Municípios: 2002-2005.** Rio de Janeiro: IBGE, 2007d. (Contas Nacionais, n. 22)

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Fortaleza (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2008a. Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Jaguaruana (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2008b. Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. São Bento (PB). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2008c. Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de junho de 09.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Fortaleza (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2009a. Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2010.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Jaguaruana (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2009b. Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2010.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. São Bento (PB). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2009c. Disponível em:

<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2010.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Fortaleza (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2010a. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2011.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. Jaguaruana (CE). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2010b. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2011.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Exportação brasileira. São Bento (PB). Principais produtos exportados. Brasília: DEPLA/SECEX, dez. 2010c. Disponível em:
<<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial/balUniFederacao.php>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2011.

BRETON, Philippe. **A manipulação da palavra**. São Paulo: Loyola, 1999.

BRUM, Argemiro Jacob. **O Desenvolvimento econômico brasileiro**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMPOS, Herculano Ricardo; FRANSISCHINI, Rosângela. Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 119-129, jan./jun. 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. A questão da cidade e do campo: teorias e política. **Mercator**, Fortaleza, Revista de Geografia da UFC, Ano 03, n. 05, p. 7-13, 2004.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. **A indústria têxtil em São Bento – PB: da manufatura à maquinofatura**. 2001. 58 f. Monografia (Graduação em Geografia). – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2001.

_____. **Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento–PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional**. 2006. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

_____. As interações sociedade e natureza nos espaços nordestinos de produção de redes de dormir e as configurações de seus meios geográficos. **Rev. Geogr. Acadêmica**, v. 2, n. 3, XII, p. 50-56, 2008.

CARNEIRO, Rosalvo Nobre. A natureza do espaço numa perspectiva comunicativa ou pública. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 29, n. 1, p. 33-46, jan. / jun. 2009.

_____; SÁ, Alcindo José de. A produção do espaço e os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento-PB. **Revista de Geografia**, Recife, UFPE-DCG/NAPA, v. 22, n. 2, p. 5-

22, jul./dez. 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica**. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de: Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 117-140.

CASTRO, Ana Emilia Gonçalves de; ZIDANES, Anna Elisa do Nascimento; MELO, Renata Galvão. Ação social de design na produção têxtil na comunidade de Caraibeiras. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM DESIGN, 4, 2007, Rio de Janeiro. **Anais do 4º Congresso Internacional de Pesquisa em Design**. Rio de Janeiro, 2007.

Disponível em:

<<http://www.anpedesign.org.br/artigos/pdf/A%E7%E3o%20Social%20de%20Design%20na%20Produ%E7%E3o%20T%EAxtil%20na%20Comunidade%20de%20%85.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2009.

COOPTÊXTIL. **Projeto: Centro Produtivo de Tecidos Planos de Jardim de Piranhas – RN**. Jardim de Piranhas: Cooptêxtil, 2007.

COSTA, Francisco Auricélio de Oliveira et al. **Plano de Desenvolvimento Sustentável do Território Seridó/RN**. Natal: [IICA – Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura], 2006.

DE ROO, Priscilla. O desenvolvimento local pelo prisma das cidades: os contratos de aglomeração na França. In: MONIÉ, Frédéric; SILVA, Gerardo (orgs). **A mobilização produtiva dos territórios: instituições e logística do desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 13-24. (Espaços do desenvolvimento).

DINIZ, Clélio Campolina; CROCCO, Marco. Introdução. In: _____; _____ (Orgs). **Economia regional e urbana: contribuições teóricas recentes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 9-31.

DUTRA, Luciano Vieira. **A rede da rede: trabalho, sociabilidade e territorialidade dos vendedores de redes de dormir de Brejo do Cruz-PB**. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

EGLER, Cláudio A. G. A indústria de redes de São Bento. **Boletim**, UFPB, João Pessoa, n. 4, p. 60-71, nov. 1984. Disponível em: <<http://www.laget.igeo.ufpb.br/egler/pdf/redes.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2005.

FARIAS, Paulo Sérgio Cunha; SÁ, Alcindo José de. Acumulação flexível e espaço

geográfico: primeiras notas sobre os fixos e fluxos geográficos do algodão colorido da Paraíba. **Revista de Geografia**. Recife, UFPE, DCG/NAPA, v. 22, n 2, p. 87-95, jul./dez. 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**: estudos filosóficos. Tradução de: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1990a.

_____. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Tradução de: Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: brasiliense, 1990b.

_____. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Tradução de: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada**. Tradução de: Lucia Aragão. Revisão: Daniel Camarinha da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____. **Consciência moral e agir comunicativo**. Tradução de: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003a.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalización social. 4. ed. Madrid: Taurus, 2003b. Vol. I.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalización social. 4. ed. Madrid: Taurus, 2003c. Vol. II.

HADDAD, Paulo R. APL – São Bento: cultura local e associativismo. [S.l.], 2004. 9 p. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/seminario/apl22.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2005.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. Tradução de; Thomaz Newlands Neto. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1978.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. Tradução de: Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução de: Carlos Nelson Coutinho; Leandro Konder. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOLZER, Werther. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **GEOgraphia**, ano II, nº 3, p. 111-122, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tacaratu. [2006]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=261480>. Acesso em: 01 mar. 2010.

_____. Jaguaruana Ceará – CE. [2008]. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=230700#>>. Acesso em: 01 mar. 2010.

_____. Jardim de Piranhas Rio Grande do Norte – RN. [2008]. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=240560>. Acesso em: 01 mar. 2010.

JERÔNIMO, Sônia. Pólo têxtil de Caraipeiras em Tacaratu. In: VEIT, Mara Regina. **Historias de sucesso**: experiências empreendedoras. SEBRAE: Minas Gerais, 2003. P.

KON, Anita. **Economia de serviços**: teoria e evolução no Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Introdução de: Giuseppe Cocco. Tradução de: Mônica Jesus. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEAL, Marijara. **Análise e Proposta de Projeto para Dinamização do APL Têxtil de Jardim de Piranhas/RN**. Brasília: SEBRAE, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política**: el derecho a la ciudad, II. Barcelona: Ediciones Península, 1976.

LIMA, Cássio Cunha. **[Prestação de contas 2002-2004 do Governo da Paraíba à Assembléia Legislativa]**. João Pessoa, 2004. 36 p. Disponível em:
<<http://www.paraiba.pb.gov.br/msgdogov/mensagem%20DO%20governador%202005.doc>>. Acesso em: 13 ago. 2005.

MAGALHÃES, Fernando. **Tempos pós-modernos**: a globalização e as sociedades pós-industriais. São Paulo: Cortez, 2004 (Coleção Questões da Nossa Época, 108).

MAILLAT, Denis. Globalização, meio inovador e sistemas territoriais de produção. **Interações**, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 3, n. 4, p. 9-16, mar. 2002. Disponível em:
<http://www.desenvolvimentolocal.ucdb.br/revistainteracoes/n4_denis_maillat.pdf>. Acesso em 22 jul. 2005.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia**: tratado introdutório. Tradução revista de: Rômulo Almeida e Ottolmy Strauch. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os economistas).

MARTÍN, Manuel Antonio Zárate; BENITO, María Teresa Rubio. **Geografía Humana**: sociedad, economía y territorio. 1ª reimp. Madri: Editorial Universitaria Ramón Areces, 2009.

MARTINELLI, Flávia; SCHOENBERGER, Erica. Los oligopolios están bien, gracias, elementos de reflexión sobre La acumulación flexible. In: BENKO, Georges; LIPIETZ, Alain (Orgs.). **Las regiones que ganan**: distritos y redes. Los nuevos paradigmas de La geógrafa económica. Valencia: Edicions Alfons El Magnánin, 1994. p. 159-183.

MARTINS, José de Souza. As temporalidades da história na dialética de Lefebvre. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. p.13-24.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de: Hilda Pareto Macial, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELO, Francisca Verônica Pontes de. **Tecelagem do Seridó: na linha do desenvolvimento**. Natal: SABRAE/RN, 2006. (Histórias de sucesso do empreendedor potiguar).

MONIÉ, Frédéric; SILVA, Gerardo. Introdução. In: MONIÉ, Frédéric; SILVA, Gerardo (orgs). **A mobilização produtiva dos territórios: instituições e logística do desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 7-11. (Espaços do desenvolvimento).

MOURA, Simone Farias. **A dinâmica de grupos e a gestão organizacional em arranjo produtivo local: estudo de caso**. 2006. 162 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). Universidade de Fortaleza – UNIFOR, CMA, Fortaleza.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Aparecida Moraes (orgs.). **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2004. p. 243-283.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A agricultura camponesa no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Indira Caldas Cunha de. **Infâncias: o lugar do lúdico nas tramas do trabalho infantil**. 2004. 211 f. Dissertação (Mestre em Psicologia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

OLIVEIRA, Leandro Ferreira Leão de Alencar. **Estratégias de marketing internacional: um estudo multicaso**. 2006. 52f. Monografia (Graduação em Administração de Empresas). Centro de Estudos Sociais Aplicados. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

ORTEGA Y GASSET. José. **Meditação da técnica**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano Ltda, 1963.

PESSOA, Ismar Félix. **Arranjo produtivo de redes em Jaguaruana como apoio para o desenvolvimento local**. 2003. 50 f. Monografia (Graduação em ciências econômicas) – Faculdade de Economia, Administração, Atuariais, Contabilidade e Secretariado – FEAAC, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

PORTER, Michael E. **Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. Tradução de: Elizabeth Maria de Pinho Braga. 7ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

PUGA, Fernando Pimentel. Alternativas de apoio a MPMEs localizadas em arranjos produtivos locais. Rio de Janeiro: BNDES, jun. 2003. 30 p. (Textos para discussão, 99). Disponível em:
<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/td/td-99.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2005.

RAMOS, Juliana Vilar. **Colóquio internacional**: boas práticas territoriais no Brasil e na União Européia. Brasília: Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional, 29 e 30 de novembro de 2007.

RATTNER, Henrique. **Tecnologia e sociedade**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

RIBEIRO NETO, Antonio Batista et. al. **Projeto Teares**: APL redes de dormir de Jaguaruana/CE. 2005. 115 f. Curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.

ROCHA, José Bolívar Vieira da. **São Bento**: estudo sobre a manufatura de redes-de-dormir. João Pessoa: CGS, 1983.

ROCHFORT, Michel. **Redes e sistemas**: ensinando sobre o Urbano e a Região. Tradução de: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Hucitec, 1998.

SÁBATO, Ernesto. **Homens e engrenagens**: reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada de nosso tempo. Tradução de: Janer Cristaldo. Campinas: Papyrus, 1993.

SANTOS, José Erimar dos; CARNEIRO, Rosalvo Nobre Carneiro. **Os mundos vividos de Jardim de Piranhas-RN e Tacaratu-PE e suas relações com os circuitos de fluxos socioespaciais das indústrias têxteis de redes de dormir locais**. Pau dos Ferros: PROPEG/DP/UERN, 2009. Relatório parcial de projeto de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UERN.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Coleção ciências sociais).

_____. **Sociedade e espaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982a.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982b.

_____. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; _____. (Org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. (Espaços). p. 121-134.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Economia espacial**: críticas e alternativas. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003. (Coleção Milton Santos, 3).

_____. O dinheiro e o território. In: _____.; BECKER, Bertha (org.). **Território, território**: ensaios sobre o ordenamento territorial. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

_____.; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Questão de método**. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

SCIPIÃO, Tatiana. Arranjo produtivo local de redes de dormir em Jaguaruana. Atualizado de Maria Vilma e Mirian. Ceará: Secretaria do desenvolvimento local e regional. 2004.

Disponível em:

<<http://conteudo.ceara.gov.br/content/aplicacao/sdlr/ includes/PDFs/APL%20%20Jaguaruana%20-%20Redes.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2005.

SELVA, Vanice Santiago Fragoso; BICALHO, Ana Maria de Souza. O artesanato como estratégia de manutenção da pequena produção agrícola no semi-árido nordestino. Recife, [2006]. Disponível em:

<<http://www.semiluso.com.br/artigoslivro/oartesanatoparaibanonosemiarisonordestino.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2009.

SETOR TEXTIL do RN teme dias piores. **Em pauta**, economia, 14/01/2007. Disponível em: <http://www.empauta.net/cat2/ler_noticia.php?cat=cat2&id=132>. Acesso em: 10 jan. 2009.

SILVA, Deoclécio Bezerra da. **As relações de trabalho no espaço manufatureiro de rede-dormir – Boqueirão**. 1997. 51 f. Monografia (Especialização em Regionalização e Análise Regional). – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 1997.

SILVA, Marlene MaSria da; LIMA, Diva M. de Andrade. **Sertão Norte**: área do sistema gado-algodão. Recife: SUDENE, 1982

SILVEIRA, Maria Laura. De la Geografía de la existencia a los circuitos de la económica urbana. In: MENDOZA, Cristóbal (coord.). **TRAS las huellas de Milton Santos**: Una mirada latinoamericana a la geografía humana contemporánea. Rubí/Anthropos Editorial: Barcelona/México. 2008. p. 56-69.

SIQUEIRA, Tagore Villarim de. Os grandes grupos brasileiros: desempenho e estratégias na primeira metade dos anos 90. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 3-32, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/revista/rev1301.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2005.

SMITH, Neil. Geografía, diferencia y las políticas de escala. **Terra Livre**, São Paulo, ano 18, n. 19, p. 127-146, jul./dez. 2002. Disponível em:

<http://www.cibergeo.org/agbnacional/terralivre19/8_Geografia_diferencia_y_pol_ticas_de_escala.pdf>. Acesso em: 4 out. 2005.

SOUSA, Maria da Conceição Sampaio de; TANNURI-PIANTO, Maria Eduarda. Apêndice teórico – sistemas de produção geograficamente referenciados: uma abordagem de falhas de mercado In: CAPORALI, Renato; VOLKER, Paulo (Orgs.). **Metodologia de desenvolvimento de arranjos produtivos locais**: Projeto Promos-Sebrae-BID: versão 2.0. Brasília: Sebrae, 2004. Disponível em:

[http://www.dce.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/C41C2DC053DE975E03256F350063AF4C/\\$File/NT000A0DA2.pdf](http://www.dce.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/C41C2DC053DE975E03256F350063AF4C/$File/NT000A0DA2.pdf). Acesso em: 18 jul. 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VEIGA, José Eli da. **A face rural do desenvolvimento**: natureza, território e agricultura. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

VIEIRA, Euripedes Falcão; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **Espaços econômicos: Geoestratégia, Poder e Gestão do Território.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

_____; _____. **A dialética da pós-modernidade: a sociedade em transformação.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ZAOUAL, Hassan. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global.** Tradução de: Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.